

# MEDIAÇÃO INTERCULTURAL COMO ESTRATÉGIA DE INTEGRAÇÃO SOCIAL NUMA ‘ESCOLA PARA TODOS’

Relatório de Estágio do Mestrado em Mediação Intercultural e Intervenção Social

Ana Garção Afonso de Almeida

Trabalho realizado sob a orientação de

Professor Doutor José Carlos Marques, ESECS - IP Leiria

Portalegre, Novembro, 2021

Mestrado de Mediação Intercultural e Intervenção Social

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LEIRIA

## AGRADECIMENTOS

Perante a fase final de mais uma etapa da minha vida, não queria deixar de agradecer a todos aquelas pessoas que estiveram sempre do meu lado neste longo percurso, e que, de alguma forma fizeram parte do mesmo.

Agradeço ao meu orientador, Professor Doutor José Carlos Marques, por todo o apoio demonstrado desde o primeiro dia, pela disponibilidade e atenção, pelas aprendizagens e partilhas de conhecimento.

Agradecer ao Diretor do Agrupamento de Escolas Manuel Ferreira Patrício e à Equipa do ‘Espaço ComTacto’, por me terem acolhido tão bem nesta casa, e por se terem demonstrado disponíveis desde o primeiro dia para esclarecer qualquer dúvida. Agradecer em especial à minha orientadora de estágio, Doutora Márcia Gouveia, pela disponibilidade demonstrada desde o primeiro dia, ao ajudar-me sempre que necessário, pelo excelente trabalho que desenvolvemos em equipa, bem como pela enorme partilha de conhecimentos, que me proporcionaram um maior crescimento, não só a nível profissional, mas também a nível pessoal.

Um especial obrigado aos meus pais, a quem devo o lugar onde estou hoje. Agradecer por terem estado mais uma vez do meu lado, estando presentes em todos os momentos de maior dúvida e incerteza, e por nunca, em momento algum, me terem deixado desistir. Agradeço também aos meus avós, por terem estado presentes neste percurso e por me terem feito acreditar que seria capaz.

Em último, e não menos importante, agradecer aos docentes e não docentes da Escola Básica Cruz da Picada pelo acolhimento caloroso e pela

disponibilidade para me auxiliar ao longo do meu percurso. Agradecer de igual forma a todos os alunos que tanto me tocaram no coração e que sempre se mostram recetivos às atividades desenvolvidas, o que possibilitou uma enorme partilha de vivencias, conhecimentos e aprendizagens mútuas.

## RESUMO

Antigamente, estávamos habituados a olhar para o espaço Escolar de uma forma muito diferente, daquela a que hoje, aos poucos, nos vamos habituando a observar. Se há uns tempos atrás estávamos familiarizados com uma Escola organizada mediante a rigidez e normas específicas para alcançar o respeito, nos dias de hoje têm ocorrido inúmeras transformações no espaço Escolar, resultantes, também, da diversidade étnica e cultural que caracteriza a sociedade contemporânea, e que se reflete nos comportamentos e maneiras de ser e de estar de cada aluno que integra o espaço escolar, cada um com a sua origem, regras e costumes diferenciados.

Perante esta nova ideologia de “Uma Escola para todos”, vários são os aspetos com os quais a Escola de hoje e os seus profissionais se devem preocupar, nomeadamente, o crescimento exponencial do número de alunos que frequentam o espaço escolar, bem como a sua multiculturalidade. Preocupações que exigem a sua readaptação e transformação à nova realidade escolar, ao encarar e lidar com as diferenças, não somente pela sua aceitação, mas, também, mediante a sua compreensão, normalização e respeito pela mesma e por todos. Para tal, a Escola assume-se hoje como uma importante interfase cultural entre as distintas comunidades, tornando-se num espaço de pertença tanto para as crianças que a frequentam, como para as suas famílias.

Neste sentido, para conseguir alcançar uma “Escola para Todos”, a Mediação Intercultural surge como uma nova forma de atuação no espaço escolar. Baseado neste pressuposto surge o presente trabalho, intitulado “Mediação Intercultural como estratégia de Integração social numa ‘Escola

para Todos””, enquadrando-se na modalidade de estágio curricular, realizado no Agrupamento de Escolas Manuel Ferreira Patrício, mais concretamente na Escola Básica da Cruz da Picada. A área de intervenção em que esta modalidade de trabalho se insere é a Mediação em contexto escolar, tendo como principal objetivo a criação e dinamização de grupos de trabalho, mediante o desenvolvimento de estratégias de mediação entre pares para a redução de conflitos no contexto escolar, envolvendo os alunos do primeiro ciclo, bem como os seus pais, no sentido de os integrar mais no processo escolar dos seus filhos.

O presente trabalho dá, assim, conta de todas as atividades e metodologias adotadas ao longo dos vários meses de estágio, podendo destacar-se como estratégias adotadas a observação direta e participante, a investigação-ação e a análise documental, pondo em prática a mediação intercultural, sempre que possível, ao longo de todas as intervenções.

### **Palavras-chave**

Diversidade Cultural; Escola para todos; Mediação Intercultural; Mediação Sociopedagógica; Multiculturalidade; TEIP (Território Educativo de Intervenção Prioritário).

## ABSTRACT

Not long ago, the School was seen from a different perspective from that that, presently, we are accustoming ourselves to observe. If not long ago we were familiar with an School that was organized according to rigid standards and specific norms used to achieve respect, in the present there have been countless changes in the School, resulting from the ethnical and cultural diversity present in modern society, and that is reflected in the manners and behaviors of each student that integrates the School, having each of these individuals its different roots, rules and customs.

Facing this new ideology of “A School for everyone”, there have been multiple challenges that the School of today and its professionals face and should be concerned about, namely the exponential increase in the number of students that are part of the school, as well as its multicultural facet. These aspects require reimagining and transforming the reality of the School, as it becomes a need to face and deal with the new reality, not only by accepting it, but also by understanding, normalizing and respecting the new reality and everyone included in it. For this to happen, the School is today an important cultural bridge between different communities, becoming for this reason a common space where both the children and its families feel included.

In this regard, so that “A School for everyone” can be achieved, Intercultural Mediation is brought up as a new way of acting in the School. The present work, named “Mediação Intercultural como estratégia de Integração social numa ‘Escola para Todos’”, is brought up based on such idea. This work is based on a curricular internship that took place in Agrupamento Escolar Manuel Ferreira Patrício, in Cruz da Picada Middle

School. The area of intervention of this work consists of Mediation in a school environment, having as its main goal the creation and management of working groups, that were faced with developing mediation strategies between colleagues with the purpose of reducing conflicts within the school. This involved students from elementary school, as well as its parents, with the purpose of better integrating the latter in the learning process of their children.

The present work registers all the activities that took place and the methodologies used during the course of the internship, namely direct observation of the participants, the research-action and the document analysis, thus putting into practice intercultural mediation whenever possible, and during all interventions.

### **Keywords**

Cultural Diversity; School for everyone; Intercultural Mediation; Socio-pedagogical Mediation; Multiculturalism; TEIP (Território Educativo de Intervenção Prioritário).

# ÍNDICE GERAL

Agradecimentos .....	ii
Resumo.....	iv
Abstract .....	vi
Índice Geral .....	viii
Abreviaturas .....	xi
Introdução.....	1
Capítulo I – Enquadramento Teórico.....	6
A Diversidade da sociedade e a diversidade na escola atual.....	6
Formas de gerir a diferença: a multiculturalidade e a interculturalidade.....	12
A relação Escola/Família e a necessidade de novos profissionais nas escolas da atualidade .....	16
Novos Projetos Educativos - Território Educativo de Intervenção Prioritário (TEIP) ....	20
Mediação Sociocultural.....	22
Mediação Socioeducativa.....	27
Mediação Intercultural .....	30
Capítulo II -Agrupamento de Escola Manuel Ferreira Patrício.....	36
Apresentação do Agrupamento Escola Manuel Ferreira patrício.....	36
Apresentação da Escola Básica Cruz da Picada .....	39
Contexto sócio económico e cultural .....	43
Projeto educativo do Agrupamento Manuel Ferreira Patrício.....	43

Objetivos do Agrupamento Manuel Ferreira Patrício .....	45
Intervenção efetuada pela Equipa do Espaço Com Tacto .....	47
Capítulo III – O estágio no Agrupamento de Escolas Manuel Ferreira Patrício.....	50
Atividades realizadas na Escola Básica Cruz da Picada .....	53
Atividades para pais e/ou encarregados de educação .....	54
Atividade 1: Dinamização de uma sessão para pais e ou/encarregados de educação: ‘País Presentes, Filhos Excelentes’ .....	54
Atividade 2: apresentação de trabalhos em grupo com a presença dos pais e /ou encarregados de educação .....	55
Atividade 3: Pintura de um mural em família.....	56
Atividade 4: Dia da Escola Aberta.....	57
Atividades dinamizadas em contexto de sala de aula .....	58
Atividade 1: A importância de aceitar o outro tal e qual como ele é .....	58
Atividade 2: Mês de Abril – Prevenção dos MAUS-TRATOS na Infância.....	59
Atividade 3: Os Meus Direitos de Criança.....	60
Atividade 4: Conto de diversas histórias ‘A galinha dos ovos misteriosos’; “Elmer, o Elefante Xadrez”; “Orelhas de Borboleta”; “Somos todos diferentes” .....	61
Atividade 5: ‘O Monstrinho’ desenho ditado .....	66
Atividade 6: ‘Como consertar um coração Machucado’ .....	67
Atividade 7: ‘Igual e diferente’ .....	68
Atividade 8: a importância de dar um elogio.....	68
Atividade 9: “Ser Diferente” .....	69
Atividade 10: Bullying- Prevenção dos MAUS-TRATOS Dentro e fora da sala de aula .....	71
Atividade 11: Criação de Grupos de Mediação entre os alunos do 2º ano para com os da pré -primária e os de 5ºano para com os do 4ºano .....	72

Atividade 12: Avaliação das Atividades em Contexto de Sala de Aula .....	73
Atividades dinamizadas no recreio .....	74
Atividade 1: ‘Vamos fazer florir o jardim da nossa escola’ .....	74
Atividade 2: Jogos Tradicionais.....	76
Atividades na Comunidade.....	78
Visita de estudo aos principais monumentos da cidade de Évora .....	78
Visita de estudo ao Monte Selvagem .....	79
Atividades no Agrupamento de Escolas Manuel Ferreira Patrício.....	80
Criação de um espaço de mediação no Agrupamento Manuel Ferreira Patrício para dar resposta aos casos que vão surgindo dentro e fora da sala de aula .....	80
Formação a funcionários/as do Agrupamento de escolas Manuel ferreira Patrício com o presente tema” Estratégias de mediação de conflitos para funcionários” .....	81
Conclusão .....	83
Bibliografia.....	86
Anexos.....	1
Anexo 1: Caderno de Atividades de Mediação .....	2
Anexo 2: Avaliação das Atividades .....	19
Anexo 3: Dia da Escola Aberta.....	20
Anexo 5: Sessão Para Pais: “Pais Presentes, Filhos Excelentes” .....	21
Anexo 6: Atividade de Plantação de Suculentas .....	22
Apêndices .....	1
Apêndice 1- Cronograma de Estágio –Escola Básica Cruz da Picada.....	2
Previsão do número de horas de estágio por mês .....	2

## ABREVIATURAS

ADBES - Associação para o desenvolvimento e bem-estar social da Cruz da Picada

APPACDM - Associação Portuguesa de Pais e Amigos do Cidadão Deficiente Mental

BE - Bibliotecas Escolares

CAA- Centro de Apoio à Aprendizagem

CEE - Comunidade Económica Europeia

CEF - Cursos de Educação e Formação de Jovens

CPCJ - Comissão de Proteção de Crianças e Jovens

DT - Diretor de Turma

EB - Escola Básica

EE - Encarregado de Educação

EMAI- Equipa Multidisciplinar de Apoio à Educação Inclusiva

ISS - Instituto de Segurança Social

JI - Jardim de Infância

MUS-E - Projeto Pedagógico Multicultural em Meios Sociais Desfavorecidos

PALOP - Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa

PCA - Percursos Curriculares Alternativos

PIEF - Programas de Integração de Educação e Formação

TEIP -Território Educativo de Intervenção Prioritário

TIC - Tecnologias de Informação e Comunicação

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

UNICEF - Fundo das Nações Unidas para a Infância

## INTRODUÇÃO

Ao longo de todo o meu percurso no presente mestrado de Mediação Intercultural e Intervenção Social, o tema da Mediação em contexto escolar, foi um tema abordado numa das disciplinas lecionadas no mesmo, momento sobre o qual tive a certeza de que seria este o tema a abordar naquele que é o meu trabalho final para obtenção do grau de mestre, não só pelo meu enorme interesse pelo tema e curiosidade em descobrir e aprender mais, mas também, pelo meu gosto em trabalhar e rodear-me de crianças e jovens.

Neste sentido, importa referir que são várias as alterações que têm ocorrido na nossa sociedade, resultantes, em grande medida, da enorme diversidade étnica e cultural que compõe o nosso país. Alterações estas que se fazem sentir em diversos setores da nossa sociedade, em particular, no espaço Escolar, pois, com a nova ideologia de uma “Escola para todos”, o ensino tornou-se universal, obrigatório e gratuito para todas as crianças e jovens, o que inevitavelmente origina o acolhimento de crianças e jovens muito diferentes, com culturas muito distintas, onde cada criança e jovem trás consigo os seus próprios hábitos e costumes, e as suas próprias regras.

Face a esta nova realidade, muitas vezes, a entrada na Escola, constitui-se para estas crianças como um enorme choque cultural, pois, tal como nos dizem Cunha & Monteiro (2018), a escola caracteriza-se nos dias de hoje, pela, “confluência de uma crescente diversidade de interesses, de atitudes, de pontos de vista, gerando novos conflitos, o que coloca o professor e outros agentes educativos, perante a necessidade de conhecer novas técnicas para a resolução dos mesmos” (p. 55).

Perante isto, surge como nova estratégia de intervenção, a Mediação Intercultural, que se distingue dos modos convencionais e da simples resolução de conflitos, na medida em que, a mesma, assenta sobre a “negociação cooperativa (os intervenientes colaboram para alcançarem benefícios), na solução construída por ambas as partes (que satisfaz as suas necessidades e apela à criatividade), e no cariz voluntário da participação dos intervenientes

(expressa na vontade de cooperar, no respeito mutuo e no compromisso em cumprir o acordo alcançado)” (Cunha & Monteiro, 2017, cit in, Cunha & Monteiro, 2018, p. 65).

Ou seja, o que se pretende com a Mediação é “construção de uma educação para a convivência e para a gestão positiva das conflitualidades, no sentido de se construir uma cultura de paz, de cidadania e de salutar convivência” (Monteiro & Cunha, 2018, p. XX).

Para tal, surge a Mediação Escolar, ao permitir a participação, a responsabilidade e as soluções não violentas dos conflitos, mediante a incorporação da solidariedade e da tolerância como valores de ação e como finalidades educativas a conquistar, deixando de lado os métodos punitivos e competitivos (Monteiro & Cunha, 2018).

Ou seja, a Mediação Escolar, assume-se como “uma oportunidade que ultrapassa a aprendizagem de novas formas de relação e de comunicação, que realça a importância de uma convivência salutar assente no diálogo e no respeito pelos direitos humanos” (Monteiro & Cunha, 2018, p. 97).

Desta forma, a Mediação Escolar, assume-se como uma nova área de atuação, lidando com a diversidade, construindo pontes entre as várias culturas, assegurando os interesses e os direitos de todas as pessoas em jogo, ao mesmo tempo, que, permite o alcance da autonomia destas mesmas pessoas e grupos. Tudo isto, mediante o acompanhamento dos alunos, através da mediação entre o aluno, a ação educativa, a sua família e o exterior, nomeadamente, a comunidade e toda a sua envolvente, sempre numa abordagem centrada acima de tudo no aluno.

Perante este interesse pela área em questão, solicitei a realização de um estágio curricular ao invés de dissertação ou projeto, isto porque me encanta mais o trabalho desenvolvido no terreno e as aprendizagens que daí advém. Desta forma, escolhi o Agrupamento de Escolas Manuel Ferreira Patrício, localizada na Cidade de Évora, para a realização do meu estágio, do qual recebi logo uma resposta bastante positiva, desencadeando em mim uma maior motivação para este novo desafio.

Após o estágio ser aceite realizei uma reunião no Agrupamento de Escolas Manuel Ferreira Patrício, não só para conhecer o Espaço Escolar e as técnicas da ação social que compõem a

Equipa do ‘Espaço ComTacto’, nomeadamente, Psicólogas, Assistentes Sociais e Animadora Sociocultural. Mas, também, para definirmos em conjunto aquele que seria o meu percurso enquanto estagiária. Desta forma, foi definida a realização do meu estágio numa das Escolas do Agrupamento Manuel Ferreira Patrício, nomeadamente a Escola Básica Cruz da Picada, em que o meu projeto de estágio se debruçou sobre a criação e dinamização de grupos de trabalho, mediante estratégias de mediação entre pares, para resolução de conflitos no contexto escolar.

Todo este trabalho foi realizado na Escola Básica Cruz da Picada, composta por três turmas do primeiro ciclo, nomeadamente uma turma de segundo ano, uma turma de terceiro ano e, uma turma de quarto ano. A presente Escola encontra-se inserida no Bairro da Cruz da Picada, um Bairro caracterizado por uma enorme heterogeneidade étnica, composto por pessoas de etnia cigana, por imigrantes brasileiros, entre outros, em que as características culturais, económicas e sociais das crianças, apresentam uma enorme fragilidade, dadas as frequentes situações de desemprego e debilidades sociais graves dos seus pais ou encarregados de educação, tais como situações de consumo e de tráfico de droga que acabam por colocar estas crianças em situações de risco.

De forma geral, as crianças da Escola Básica Cruz da Picada, apresentam enormes dificuldades de aprendizagem e de capacidade de autonomia para o estudo, o que se repercute no insucesso escolar destas crianças. Para além disto, a maioria das crianças regista um elevado número de faltas injustificadas e situações de abandono escolar precoce. Tudo isto ocorre maioritariamente pelo facto de os pais e/ou encarregados de educação destes alunos não se preocuparem com o percurso escolar dos seus filhos, não só pela baixa escolarização dos mesmos, como também, pela preocupação com questões socioeconómicas, que dispersam um pouco as suas atenções para outros caminhos, que não, o percurso escolar dos seus filhos.

Face à problemática que compõe o público alvo, surge como tema do meu trabalho a “Mediação Intercultural, como estratégia de integração numa ‘Escola para Todos’”, em que a emergência da Mediação Intercultural assume uma forte centralidade neste contexto específico. Para compreender a sua emergência, defini as seguintes palavras-chave: Diversidade Cultural, Escola para Todos, Mediação Intercultural, Mediação

Sociopedagógica, Multiculturalidade e TEIP (Território Educativo de Intervenção Prioritário).

Após um trabalho aprofundado de pesquisa em torno dos tópicos que compunham as minhas atividades de estágio, procedi a uma fase de planificação das atividades a realizar na Escola Básica Cruz da Picada, sempre com o objetivo de contribuir para o combate aos conflitos existentes dentro e fora da sala de aula, bem como, promover a integração dos pais ou encarregados de educação no processo escolar dos seus filhos.

Posto isto, iniciei o estágio propriamente dito no dia 9 de Março de 2021, com uma reunião com o Diretor do Agrupamento de Escolas Manuel Ferreira Patrício, onde nos apresentamos e definimos em conjunto as estratégias de intervenção do meu estágio. Para além disto, e para tornar o meu acolhimento na presente escola um pouco mais fácil a minha orientadora de estágio deu-me a conhecer a Escola Básica da Cruz da Picada, bem como todo o pessoal docente, não docentes, funcionários e alunos.

A primeira semana de estágio foi dedicada essencialmente à realização de atividades de boas-vindas aos alunos, após o período de confinamento, o que, para mim foi muito importante, pois permitiu-me compreender, de perto, as dinâmicas dos docentes e dos alunos na Escola Básica Cruz da Picada. Para além disto, na primeira e segunda semana, tive também a possibilidade de acompanhar algumas das aulas dos alunos, bem como algumas atividades lúdicas e momentos de recreio, não só para conhecer melhor todos os alunos, mas também, para que eles me fossem conhecendo e se fossem habituando à minha presença.

O passo seguinte passou pela calendarização das minhas atividades de estágio junto dos Professores titulares de cada turma, onde definimos em conjunto a realização das atividades uma vez por semana em cada turma, nomeadamente, com uma hora para sessões mais centradas na sala de aula e uma hora para dinamização de jogos colaborativos no recreio, no sentido de combater os conflitos que se registavam em grande número nesses períodos.

Já no que se refere à metodologia adotada, a mesma passou essencialmente pela observação direta participante, pela investigação-ação, através da observação, colaboração e dinamização de atividades na Escola Básica Cruz da Picada, onde para cada turma e para

cada aluno individualmente, criei, um Caderno de Atividades de Mediação, para que os alunos pudessem guardar as atividades e os recursos disponibilizados, bem como proceder à avaliação de cada atividade.

Para além disto, é de destacar também a análise documental de diversos documentos, tais como: Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas Manuel Ferreira Patrício (2017/2021); Plano de Inovação do Agrupamento de Escolas Manuel Ferreira Patrício (2020/2021); Proposta de Organização dos Grupos de Trabalho Letivo (2020/2021); Diagnostico Social, Jardim de Infância e EB1 Cruz da Picada; Relatório final Espaço ComTacto (2019/2020); Estratégias de Intervenção Equipa Espaço ComTacto (2020/2021).

O presente relatório de mestrado divide-se em três capítulos. O primeiro destinado à revisão da literatura em torno dos conceitos-chave que compõem as minhas atividades de estágio: A diversidade da Sociedade e a diversidade na Escola atual; Formas de gerir a diferença: a Multiculturalidade e a Interculturalidade; A relação Escola/Família e a necessidade de novos profissionais nas escolas da atualidade; Novos Projetos Educativos – Território Educativo de Intervenção Prioritário (TEIP); Mediação Sociocultural; Mediação Socioeducativa; Mediação Intercultural.

O segundo capítulo diz respeito à caracterização do Agrupamento de Escolas Manuel Ferreira Patrício, bem como da Escola Básica Cruz da Picada, com base nos seus princípios de atuação e de organizações, bem como nos seus objetivos e na população alvo que o constituem.

Por fim, no terceiro capítulo, são descritas de forma pormenorizada as várias atividades realizadas durante o período de estágio e a sua ligação com as práticas de intervenção mediadoras.

## CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

No âmbito do mestrado em Mediação Intercultural e Intervenção Social realizado na Escola Superior de Educação e Ciências Sociais de Leiria, escolhi como trabalho final, a realização de um estágio no Agrupamento de Escolas Manuel Ferreira Patrício, mais concretamente na Escola Cruz da Picada, composta por três turmas do primeiro ciclo. Para que seja possível iniciar o presente relatório, importa numa primeira fase, realizar uma revisão da literatura, em torno dos seguintes tópicos: Diversidade da Sociedade; Diversidade na Escola atual; Transformação da Escola; Relação Escola/Família; Novos Projetos Educativos (TEIP – Território Educativo de Intervenção Prioritário); Novos Profissionais nas Escolas da atualidade; Papel da Mediação; Mediação Sociopedagógica; Mediação Intercultural .

### A DIVERSIDADE DA SOCIEDADE E A DIVERSIDADE NA ESCOLA ATUAL

Durante grande parte da sua história, Portugal foi considerado um país de emigração. Contudo, a partir de meados da década de 1980, Portugal, torna-se um país de imigração, resultante da diluição das fronteiras geográficas, que causaram um enorme fluxo de imigrantes para o nosso país, proveniente, entre outros, dos PALOP, de outros Estados, Africano, do Brasil, dos países do Leste da Europa (Silva, 2003, p.361).

Este fluxo de imigrantes, em particular surgiram numa primeira fase, devido às carências laborais sentidas nestes países, no que concerne às atividades terciárias, nomeadamente, na área das finanças, seguros, serviços do setor comercial, marketing, político, etc., áreas que tem vindo a crescer exponencialmente, e por essa razão, tem atraído os imigrantes para Portugal. Já os imigrantes provenientes dos PALOP, surgem em Portugal pelo crescimento de oportunidades no mercado da construção civil e obras publicas (Baganha & Marques, 2001, p. 36-37).

Desta forma, segundo Baganha e Marques (2001), é possível constatar que,

Os trabalhadores estrangeiros em Portugal, são, em grande medida, complementares da população ativa portuguesa, sobretudo nas áreas profissionais em que se exige trabalho especializado (como o marketing, o design e outras). Em certos setores particularmente qualificados, como é o caso dos dentistas e dos cuidados médicos, e nalguns, tipos de profissões não qualificadas, como a construção civil e o trabalho doméstico, os estrangeiros parecem estarem a substituir a população portuguesa (Baganha et al. 1998, cit in Baganha, & Marques, 2001, p.37).

Fenómeno, que traz uma nova composição sociodemográfica para Portugal, em que a sociedade atual, enraizada na época pós-moderna, é composta, cada vez mais, por uma enorme diversidade étnica e cultural (Silva, 2003, p.361). Silva (2003), realça, a este respeito, a presença de dois tipos de diversidade cultural na nossa sociedade. Por um lado, a “diversidade cultural endógena”, vivida nos dias de hoje, enraizada e referente ao Estado-Nação. Por outro lado, uma “diversidade exógena”, ou seja, uma diversidade importada através dos movimentos migratórios constituídos por minorias étnicas e/ou linguísticas. Esta última diversidade exigiu a criação de “medidas dirigidas não só para as principais cidades, onde se registou uma elevada concentração de imigrantes, como também, para regiões, onde se registam importantes comunidades imigrantes” (Marques, et al. 2020, p.57). Medidas estas, que se refletem num esforço por parte do Estado Português para lidar com a integração dos imigrantes, mediante o reconhecimento internacional das suas políticas, e na criação de políticas de acesso ao mercado de trabalho, reagrupamento familiar e combate à discriminação, para que, estas famílias, se sintam integradas no seu país de acolhimento (Marques, et al., 2020, p.57).

A diversidade torna-se, deste modo, transversal a todos os setores da sociedade, em particular, para o espaço da Escola, “constituído, desde sempre, como um lugar de encontros e desencontros de pessoas de diferentes pontos de vista, de vários saberes, de continuidades e descontinuidades entre a escola e o lar” (Vieira, 2011, p.180). Neste contexto, é de salientar a ação do país em investir nas competências interculturais dos prestadores de serviços públicos, em particular dos educadores, para melhorar o acesso e a qualidade dos serviços (e para) promover o diálogo e a participação das famílias na educação com o objetivo de reforçar o ensino da diversidade cultural nas escolas, melhorar o apoio parental e aumentar a inclusão social das famílias (Huddleston, et al., 2005, cit in Marques et al., 2020, p.58).

Neste sentido, “a abertura de uma escola “para todos” veio criar situações novas, que até aí não eram muito frequentes, nomeadamente a presença de alunos com vivências muito diferentes e que foram socializados com diferentes valores, com interesses e formas de estar na vida muito diversificados e, até, opostos” (Vieira, 2016, p.170). O que inevitavelmente dá lugar a sociedades e escolas cada vez mais complexas e multiculturais (Vieira & Vieira, 2017).

Situações que ocorrem em função da diferenciação étnica existente no sistema de ensino de hoje em dia, marcado, como vimos inicialmente, pela presença de alunos filhos de pais imigrantes, em particular, provenientes dos PALOP. Frequentemente verifica-se que estes alunos, “apresentam taxas de diplomação inferiores à média”; “uma elevada percentagem de alunos que não concluem o ano letivo em que se matricularam”, bem como, “uma porção significativamente alta de casos de abandono escolar” (Baganha & Marques, 2001, p.42). Observações que nos remetem para a conclusão, de que estas situações podem, também, estar relacionadas com situações de discriminação étnica que estas crianças e os seus pais experimentam no seu país de acolhimento. Segundo Baganha e Marques (2001), a “constatação desta situação levou ao lançamento, em 1993, de um programa especial para a ‘Educação Intercultural’ (Baganha & Marques, 2001, p. 42). Programa que visa acima de tudo, e de acordo com Alaiz (1998, cit in Baganha & Marques, 2001, p. 42), “a promoção da integração das crianças e jovens pertencentes a grupos minoritários nas escolas, e ainda, a criação de relações harmoniosas e construtivas entre a escola e a comunidade”.

Neste contexto, “o grande objetivo da escola de massas passa por oferecer situações de igualdade de oportunidade a todas as crianças dos diferentes grupos socioculturais.” (Vieira, 2016, p. 170). Igualdade que deveria ser alcançada através de uma oferta educativa igual para toda a população. No entanto, na realidade, não é assim tão fácil, na medida em que “esta igualdade é oferecida de forma heterogénea, o que leva a uma desigualdade ao nível dos sucessos e insucessos” (Vieira, 2016, p. 170). Tal acontece, pelo facto de na escola existirem, por um lado, culturas dominantes e, por outro lado, culturas dominadas, como também, diferentes distâncias culturais face à escola. Assim, “ainda que formalmente todos os alunos e pais sejam considerados iguais perante a escola, na prática não o são. Ou seja, formalmente,

todas as culturas são igualmente dignas perante a escola, mas na prática são desiguais” (Silva, 2003, p. 357).

A diferenciação é sentida maioritariamente pelas crianças, na sua entrada para a instituição escolar, devido ao confronto entre o currículo e a sua vivência familiar e cultural (Silva, 2003). Em que as crianças são tratadas pela instituição escolar e pelos professores em função daquilo que é a vida dos seus pais, “conforme estes pertençam ao grupo dos assalariados agrícolas ou ao grupo dos quadros superiores e profissionais liberais” (Silva, 2004, p. 409).

A própria instituição escolar e os seus professores, acreditam que,

As crianças tornam-se sombras da posição social dos seus pais, versões em miniatura de médicos, apanhadores de lixo, secretárias, contabilistas. Estes professores não conseguem olhar para a criança sem verem os seus pais. Não conseguem descrever a criança e a sua miríade de dimensões como uma pessoa individual (Lighthfoot, 1978, cit in Silva, 2004, p.411).

Ou seja, “a instituição escolar, favorece os favorecidos, e desfavorece os desfavorecidos” (Bordieu, cit in Silva, 2004, p.412). Como consequência, as crianças, após a sua entrada na escola, descobrem, tal como nos diz (Cortesão, cit in Silva, 2003),

Pelo olhar da “Escola”, a maneira como os pais, os amigos e as pessoas com quem até aí lidaram e de quem gostam, é errada e/ou grosseira, e que, falar como eles, é muito provavelmente, arriscar-se a ser considerado como “ignorantes ou malcriados”; Muitas das coisas em que os pais, avós ou o grupo de pertença acreditavam e que eram indestrutíveis até chegar à escola, agora não tem valor. Compara-se o êxito da escola, negando todas essas coisas. O caminho para onde os saberes e a escola orientam afasta-os, irremediavelmente, do seu grupo de pertença. Fica-se estrangeiro no seu próprio grupo de origem, e esse afastamento é mesmo necessário para vencer; Muitos dos valores, dos códigos de conduta a que foram habituados, frequentemente não são sequer aceites na escola e há que pô-los rapidamente de lado, para sobreviver; O que a escola lhes propõe, e lhes exige como aprendizagem, não tem para elas a curto prazo grande significado em termos de utilidade e de interesse. E como dadas as circunstâncias em que vivem o curto prazo é o que orienta as suas ações, a ida à escola e o que lá se aprende não tem para eles e para as suas famílias, o mesmo significado. Só quem

resiste e obedientemente estuda, mesmo que não compreenda para quê, é que sobrevive na escola (p.357).

Toda esta categorização e distanciamento que acabamos de ver, leva as crianças a acreditar que “são elas que não são capazes e que a sua cultura não presta, e os seus pais, chegam a acreditar, que não serve o modo como educam as suas crianças, sendo-lhes negada a sua competência educativa. Nesta realidade escolar, a sua cultura é digna, mas desigual, é equivalente, mas menosprezada, é igual, mas inferiorizada” (Silva, 2003, p. 358). O que, inevitavelmente, “traz consequências bastante negativas para o seu desenvolvimento e percurso escolar, podendo, em alguns casos, constituir-se como um choque cultura” (Bordieu, cit in Silva, 2003, p.359).

Desta forma, é possível perceber que “a relação escola-família, é uma relação entre a cultura escolar e as culturas que os alunos são portadores. Ela é uma relação entre uma “cultura urbana, letrada, teoricista e abstractisante, de classe média, adultocentrica, andocentrica, lusa e católica (no caso português) e a cultura ou culturas locais” (Silva, 2003, p. 356). Apresentando-se assim, nas escolas, “uma relação de continuidade cultural com alunos oriundos de meios congêneres, ou de descontinuidade (maior ou menor) quando estes provêm de outro tipo de meios (meios populares, minorias étnicas, etc.)” (Silva, 2003, p. 356).

É neste sentido, que se torna inevitável repensar o papel do Estado e das instituições educativas no ensinar a aprender a viver juntos (Caride et al., 2009, cit in Vieira & Vieira, 2016). É necessário criar “uma escola onde as diferenças culturais não estejam apenas formalmente presentes, lado a lado, como paredes estanques entre si ou permeáveis num só sentido, mas onde se verifique comunicação, onde se registem significativas influências recíprocas” (Silva, 2003, p. 366). Isto é, a construção de uma escola intercultural, ao encarar todas as culturas ali presentes como iguais em direitos, aceitando a singularidade de cada forma cultural (Silva, 2003).

Para que a diversidade cultural seja então encarada e tratada corretamente na sala de aula, no sentido de evitar situações de exclusão social, é estritamente necessário, uma nova perspectiva por parte das Escolas. Onde as mesmas consigam deixar de ver as diferenças, somente do lado dos seus alunos, e que as encarem também do lado de fora da sala de aula, mediante

uma visão mais alargada dos factos. Isto é, “pensar não apenas no aluno, mas na pessoa do aluno, que não está só na escola, mas entre a escola e o lar” (Vieira, 1992, Perrenoud, 1995, cit in Vieira & Vieira, 2017, p.32).

Ou seja, exige-se, que a diferença seja vista não apenas do lado do aluno e dos seus familiares, como algo a modificar, mas, também, a ponderar aquilo que deve e pode ser mudado na própria escola, no sentido de acolher os seus alunos sem os discriminar (Vieira, 2013). Onde a criança deixa de ser tratada, tal como nos diz Perrenoud (cit in Vieira & Vieira, 2017), “como tendo um comportamento desviante, imaturo, ou, pelo contrário, demasiado adulto para a idade. Sendo respeitada, apesar da “diferença”, e que se compreenda o verdadeiro motivo por detrás dessa aparente “diferença” (p. 31).

Tais transformações exigem um paradigma que desenvolva a consciência de que “A diversidade faz parte da vida e pode ser um fator de conflitualidade”, tal como nos diz Restrepo (cit in Vieira & Vieira, 2017, p. 32). No entanto, é necessário que esta mesma diferença seja gerida, de forma não desigual, mediante um trabalho de negociação, denominado por Vieira & Vieira (2017), como mediação escolar/ou sociopedagógica, respondendo de forma atenta e contextualizada à crescente heterogeneidade da sociedade contemporânea.

Neste âmbito assume relevância o alargamento das funções dos professores, “desenvolvendo um trabalho, próximo daquele que é, o trabalho social, entendido numa logica de serviço numa dinâmica relacional, no sentido de responder aos novos desafios, daquela que é hoje, “uma escola para todos” (Batista, cit in Vieira & Vieira, 2014, p. 110). Bem como o recrutamento de novos profissionais para a escola, pois, o professor, por muito multifacetado que seja, não está preparado para este tipo de trabalho.

Torna-se, assim, necessário criar condições materiais que permitam às escolas dotar-se de equipas de profissionais sociais (educadores sociais, técnicos de serviço social, e não apenas psicólogos) que, em conjunto com os professores, respondam à multiplicidade de solicitações e responsabilidades que são pedidas à escola atualmente (Vieira & Vieira, 2016).

## FORMAS DE GERIR A DIFERENÇA: A MULTICULTURALIDADE E A INTERCULTURALIDADE

Tal como foi possível observar anteriormente, é cada vez mais notória nas Escolas da atualidade uma enorme diversidade cultural. Escolas em que os conceitos de multiculturalidade e interculturalidade assumem um lugar central, na medida em que se assumem, como “formas equitativas de governar a diversidade, em sociedades globalizadas, transnacionais, superdiversificadas, mas com objetivos diferentes, embora, complementares” (Grillo, 2008, cit in Marques et al., 2020, p. 55).

Conceitos que se preocupam com a gestão da integração dos diversos grupos de pessoas em sociedades cada vez mais heterógenas. Em que, o primeiro, o multiculturalismo, têm o seu foco a nível macronacional e, por sua vez, o segundo, o interculturalismo, têm o seu foco, a um nível micro, nos espaços onde as práticas cotidianas ocorrem (nas ruas, nas escolas, etc.) (Modood, 2017, cit in Marques, et al., 2020, p. 55).

Neste sentido, o conceito de multiculturalidade surge em Portugal em meados dos anos 90 e desde então têm vindo gradualmente a constituir-se como uma nova área no âmbito das Ciências da Educação (Souta, 2007), pretendendo, essencialmente, a criação de soluções para os problemas causados pela diversidade cultural, ao mesmo tempo que procura dar uma resposta aos problemas da escolaridade tradicional, encarando-os não mais como um fatalismo crónico e, sim, com outro tipo de atitude (Souta, 1997). Por sua vez, Cortesão e Pacheco (cit in Almeida, 2009, p. 62), definem o conceito de multiculturalidade, como “a constatação da presença de diferentes culturas num determinado meio e a procura de compreensão das suas especificidades”.

De igual forma, importa compreender e definir o conceito de interculturalismo, considerado como uma prática assente na pedagogia social (Caride, 2016, Peres, 1999, 2016, cit in Marques, et al., 2020, p. 55), para promover a comunicação e a interação entre grupos culturalmente diversos. Segundo Cortesão e Pacheco (cit in Almeida, 2009, p.62), o interculturalismo, é definido como “um percurso agido em que a criação de igualdade de oportunidades que supõe o conhecimento/reconhecimento de cada cultura, garantido, através de uma interação crescente e o seu enriquecimento mútuo”. Perante esta afirmação

conseguimos perceber que o interculturalismo não se fica apenas pela descrição de situações particulares, ao invés disso, procura focar-se em algo, nomeadamente, um procedimento, um processo dinâmico de natureza social, em que incentivam os participantes, a tomar consciência da sua interdependência. (Almeida, 2009).

Tudo isto, mediante a adoção de atitudes e valores democráticos e ações dinâmicas entre culturas, trabalhando sempre no sentido de evitar a guetização, apostando no reconhecimento das diferenças étnicas, estabelecendo relações de complementaridade entre as culturas, possibilitando a comunicação e o diálogo entre culturas. O ensino na língua materna assume um papel central neste contexto, uma vez que pressupõe a abertura da escola a outros autores externos a si, tendo como consequência direta, uma maior implicância das famílias nas práticas educativas, ao sentirem que estão a ser valorizados e incluídos na sociedade e no espaço escolar (Almeida, 2009). As relações interculturais constroem-se na relação com o outro, nomeadamente, através da reciprocidade e do intercâmbio, tendo como princípio fundamental a salvaguarda relativa da identidade cultural dos atores/culturas em presença (Almeida, 2009).

Desta forma, as perspetivas interculturais visam uma situação de conscientização, denominada por Freire (cit in Almeida, 2009, p. 61) como “uma tomada de consciência crítica por parte dos grupos dominados da sua condição”. Essa tomada de consciência consiste “na apropriação do conhecimento crítico necessário, que sirva de base a uma ação transformadora da realidade social, protagonizado pelos próprios, de forma a passar da sua condição de oprimidos a agentes de transformação social, resultantes das tensões que configura a ação social, entre agência e estrutura. E a escola, por via de uma prática educativa, coerente com esse objetivo emancipatórios” (Almeida, 2009, p. 61).

Nesta perspetiva intercultural, importa realçar aqui a ação mediadora, representada através do seu carácter de intervenção social. Em que, no espaço escolar, por exemplo, assume um papel interativo, transformador, centrado, acima de tudo, no aluno, tirando partido da diversidade da comunidade escolar, contribuindo, assim, para a concretização real dos princípios da democracia e da cidadania (Almeida, 2009).

Ou seja, “a perspectiva intercultural, conduziu à afirmação da “educação intercultural” e da pedagogia intercultural, mediante a criação de uma resposta adequada ao novo contexto da globalização e à convergência crescente de diferentes línguas, religiões, comportamentos culturais e modos de pensar” (Portera, 2008, cit in Marques, et al., 2020, p. 55).

Segundo (Marques, et al., 2020, p. 55), de forma progressiva a interculturalidade transcendeu o espaço da escola, alastrando a sua atuação para outros espaços sociais, no sentido, de fomentar competências práticas, que promovam uma melhor comunicação entre indivíduos de diferentes culturas.

O Conselho da Europa (1994, p. 8) define o interculturalismo como, “o conhecimento e a apreciação de diferentes culturas e o estabelecimento de relações, de trocas positivas e de enriquecimento mútuo entre os elementos das diversas culturas, tanto no interior de um país como no mundo” (cit in Peres, 2016, p. 60). A interculturalidade pressupõe, então, a existência de relações entre pessoas de culturas diversas e, por essa razão, deve ser entendida como uma forma de ser e de estar que promova a justiça e a igualdade para viver (habitação, saúde, trabalho) e a diversidade para conviver (direito à diferença, confiança, solidariedade, paz). Ou seja, a interculturalidade, deve proporcionar o encontro, o diálogo, o acolhimento e a negociação pacíficas de conflitos entre pessoas de diferentes culturas (maiorias e minorias) (Peres, 2016, p. 60).

Neste sentido, a passagem do multicultural ao intercultural, segundo Silva (2003, p. 370), passa por “aceitar a diversidade cultural dentro da escola (e da sala de aula) não como um obstáculo ao processo de ensino-aprendizagem, mas antes como um recurso e uma riqueza adicionais. Tudo isto é possível, através de uma outra passagem, a do reconhecimento ao conhecimento das outras culturas, pois só ao produzir conhecimento sobre as outras culturas, rompendo com a nossa ignorância e com o nosso etnocentrismo, é possível criar pontes de contacto”. Ou seja, para passarmos ao multi e intercultural “não basta admitir a existência de outras culturas, é preciso saber como lidar com elas, e o que fazer com elas” (Silva, 2003, p. 370). Em suma, segundo Stoer e Cortesão (cit in Silva, 2003, p. 370) “não basta reconhecer o arco-íris-cultural (diversidade cultural), é preciso também não se ser daltónico (cultural)”.

É, ainda, importante referir que não é suficiente assumirmos apenas uma perspetiva multicultural, pois a exclusiva defesa das perspetivas multiculturais “pode sublinhar a diversidade, mantendo ou até acentuando, a distância entre as diferentes culturas” (Almeida, 2009, p. 62). Tal como não nos devemos focar somente na perspetiva intercultural, na medida em que pode representar a assimilação das culturas minoritárias pela cultura dominante (Almeida, 2009, p. 62). O que se pretende é a utilização do conceito de inter/multiculturalidade na medida em que se revela mais abrangente e pressupõe a utilização da dinâmica dos dois conceitos permitindo “uma conceção de reconhecimento das diversidades e semelhanças culturais, acentuando a dialética das suas relações” (Leite, cit in Almeida, 2009, p. 62).

Face à crescente multiparcialidade na escola contemporânea portuguesa, torna-se fundamental refletir sobre a importância desta como estratégia para atenuar as desigualdades sociais, entre os vários grupos sociais presentes na escola (Vieira, 2013). Encarando então a educação e a cultura como um processo contínuo, onde a escola, possa ser, tal como nos diz (Vieira, 2013) “Um espaço e um tempo de cruzamento de culturas, atravessado por encontros e desencontros, de pontos de vista, por tensões e conflitos, não só interno, mas também, entre a escola e a família, entre a escola e a comunidade, entre a escola e a sociedade em geral” (p. 73).

A Instituição Escolar é caracterizada, desde a sua fundação, como “um lugar de encontros e desencontros, de pessoas, de culturas, saberes, credos, representações sociais, etc. Com a concretização do seu caráter obrigatório e universal nas sociedades ocidentais, a ‘escola para todos’, consegue trazer mais gente para dentro do mesmo espaço, das mesmas regras, da mesma cultura heterogénea do Estado Nação” (Vieira, 2013, p. 38). Acolhendo de forma prolongada crianças e jovens de determinadas classes etárias independentemente do seu sexo, condição social, origem étnica ou religiosa (Vieira, 2013). Neste sentido, a escola, mais do que qualquer outra instituição social, integra todas as diversidades sociais e culturais presentes na sociedade. Daí que a escola, seja vista cada vez mais como o microcosmo da sociedade (Vieira, et al., 2006, cit in Vieira, 2013). Abarcando na sua estrutura um público “caleidoscopicamente mestiço” (Vieira & Vieira, 2014, p. 110), muito distante daquele que a escola conhecia há vinte ou trinta anos atrás. O que obriga a escola a vestir vários papéis,

que lhe permitam ver o aluno enquanto pessoa que interage entre a escola (microcosmos) e a sociedade (cosmos) (Vieira, 2011). Para tal, “não pode ficar apenas numa das margens, tem de se deslocar amiúde para assegurar que consegue ver o aluno e toda a sua mochila” (Vieira, 2011, p. 186).

## A RELAÇÃO ESCOLA/FAMÍLIA E A NECESSIDADE DE NOVOS PROFISSIONAIS NAS ESCOLAS DA ATUALIDADE

À escola da atualidade, exige-se-lhe então que seja inclusiva, portanto, mais do que tolerar, é necessário que acolha e inclua o outro, compreendendo e respeitando as suas diferenças (Vieira, 2013). Ao acolher todo e qualquer aluno sem distinção, acolhe automaticamente todas as questões que hoje emergem nas sociedades da modernidade, nomeadamente, problemas resultantes da pobreza, do desemprego, da desigualdade de classes, toxicodependência, violência juvenil, sida, desestruturação social, exclusão social, etc. A frequência da escola para todos têm assim, como consequência direta, a transformação dos problemas sociais em problemas escolares (Vieira, 2013). Em resultado desta transformação é necessário construir pontes entre a escola e a sociedade, fazendo com que “a estrutura escolar, não pense apenas no aluno, mas na pessoa do aluno, que não está só na escola, mas também, entre a escola e o lar, entre a escola e a comunidade, a comunidade e a escola” (Vieira, 2013, p. 40). Esperando-se que a escola e o professor, consigam observar o aluno, para além daquilo que ele aparenta ser, compreendendo as razões por detrás de determinados comportamentos, pois, só assim, será possível compreender a verdadeira essência do aluno.

Esta perspetiva contrasta com o que acontecia até à década de 70, em que a indisciplina, segundo Estrela (cit in Vieira, 2013, p. 89), “era vista apenas do ponto de vista do aluno, como se tratasse de uma essência do estudante manifestada em comportamentos anti-sociais e conotado como perturbações do fora psicológico, acreditando-se que a criança fugia ao contexto da “normalidade social”. Nunca se questionando o verdadeiro motivo por detrás do comportamento da criança, ou o porquê do seu insucesso, que, muitas das vezes, se fica a dever a problemas no seu seio familiar, em consequência de situações de desemprego dos pais, violência doméstica, exclusão social, entre muitas outras. Em suma, um problema

social, passa a ser considerado um problema escolar, quando o mesmo acaba por ter repercussões no desempenho escolar da criança ou jovem (Vieira, 2013). Urge, portanto, com o avançar dos anos, a necessidade de desconstruir este pensamento e de encarar a indisciplina na sala de aula não como uma coisa em si mesma, mas como um processo relacional consequente de determinadas interações pedagógicas, cujas responsabilidades tem de ser divididas entre professores, alunos, instituições e família (Vieira, 2013).

Para que seja possível alcançar estas transformações, é fundamental, pensar no alargamento das funções dos professores, tal como vimos inicialmente. O “enfoque do Professor não pode recair mais, sobre a visão pedagógica, em que o enfoque cai apenas sobre a relação professor/aluno e no que se passa no interior da sala de aula” (Vieira, 2013, p. 127). Hoje, mais do que nunca, “o professor deverá considerar na sua atuação as profundas alterações da sociedade e culturas contemporâneas que se refletem no espaço escolar” (Thurler & Perrenoud, 1994, cit in Vieira, 2013, p. 126). Pois, “o insucesso escolar, não depende apenas da prestação do aluno, mas também, do próprio fracasso da escola” (Vieira, 2013).

Tal como nos diz Perrenoud (cit in Vieira, 2013),

As crianças não estão naturalmente destinadas a ser bons ou maus alunos, mas que, assim se tornam devido a um funcionamento particular do sistema escolar. De repente a escola é questionada ela é que deve mudar. Ao tratar todas as crianças como “iguais em direitos e deveres”, conforme expressão de Bordieu (1996) a escola transforma diversas diferenças e desigualdades, em fracassos e sucessos escolares. (p. 127).

Neste sentido, “o professor tem de trabalhar não apenas centrado na sala, nem apenas na escola, mas também, na família e na comunidade em sentido bilateral” (Lima, et al., 2002, cit in Vieira, 2013, p. 127). Para tal, é necessário pensar numa nova identidade profissional para o professor e para a sua formação, pois “não basta que a função pedagógica tradicional, seja imbricada com funções sociais desenvolvidas espontaneamente e voluntariamente” (Vieira & Vieira 2006, cit in Vieira, 2013, p. 128). É necessário, que o professor, passe, a par de outras formações, por uma preparação antropológica, e sociológica, de educação intercultural e de mediação sociocultural (conceitos que serão definidos mais à frente).

Tendo em conta toda esta complexidade, o trabalho do professor, assume-se hoje, como “parcialmente elástico”, na medida em que se espera que os professores, tenham entre outras missões, a de educadores, bons transmissores de conhecimentos e de valores, instrutores, animadores, mediadores entre a escola, a família e a comunidade, construtores do sucesso educativo para todos e de futuros promissores de qualidade de vida para todos. Ao mesmo tempo que contribuem para combater a discriminação e, por sua vez, constroem uma escola e uma sociedade cada vez mais inclusiva (Vieira, 2013). Este trabalho poderá e deverá ser complementado com o recrutamento de novos profissionais para atuar nas escolas, a par dos docentes (Vieira, 2013). O que se pretende é que “a escola se constitua como um espaço que recebe bem os outros, que saiba conviver com eles, sem ser de costas voltadas, em gueto ou em forma escolar uniformizadora e assimilacionista” (Vieira, 2013, p. 48). Ou seja, “a comunidade escolar, deve constituir-se num potencial palco de educação social, num verdadeiro território educativo, no sentido de aprender a viver com o outro, sem se tornar no outro, mas sendo influenciado pelo outro e recebendo e dando do outro e ao outro” (Vieira, 2013, p. 48).

Em suma, “o desafio que se coloca à escola de hoje é o de receber, ensinar e lidar com todos os alunos sem se impor uma cultura homogeneizante, para que ninguém se sinta excluído ou desenquadrado num espaço que é de todos e para todos, especialmente aqueles alunos que não se reconhecem na cultura da escola” (Vieira, 2013, p. 78).

Em todo este trabalho, e para garantir o sucesso escolar das crianças, importa, de igual forma, perceber e trabalhar na relação escola-família. Relação que esteve adormecida até aos anos 70 do século passado, em que, ambas as instâncias mantinham um grande distanciamento, cabendo apenas à escola e aos professores, instruir e dar sentido universalista à educação das novas gerações, onde não havia lugar para os pais e a autoridade do mestre não era contestada (Silva, 2007). Com o avançar dos anos, surge a necessidade de alterar a visão que se têm acerca da relação escola-família, passando a ser vista “não apenas como uma relação ente duas instituições, tipo espaço para a socialização primária e espaço para a socialização secundária” (Silva, 2010, cit in Vieira, 2013, p. 84), mas também, como uma relação entre culturas (Silva et al., 1996, cit in Vieira, 2013). Porém, esta relação entre culturas é encarada “como uma relação mais ao menos próxima, ou mais ao menos afastada, na medida em que

se continua a privilegiar determinados alunos em detrimento de outros, em termos de continuidade relativamente à cultura de origem e em termos de sucesso educativo (Marques, et al., 2007, cit in Vieira, 2013, p. 84). Esta diferenciação, frequentemente, pode originar indisciplina e violência no território educativo, como resultado da incomunicação cultural. Isto porque “a interação escola-família, são realidades muito complexas e caleidoscópicas, causada pela presença de diferentes alunos com diferentes interesses, vivências, culturas e línguas muito diversificadas no mesmo espaço” (Zanten, 1990, cit in Vieira, 2013, p. 86).

Tal como é importante que a escola alargue a sua atuação, e aprenda a lidar com a diversidade cultural, sem discriminação. É, igualmente, importante que as famílias percebam que para o sucesso escolar dos seus filhos é de suma importância a sua presença regular no espaço escolar. Como refere Vieira e Vieira (2011, cit in Vieira, 2011, p. 52),

O envolvimento dos pais, das famílias, das autarquias, dos agentes ligados à animação, à saúde, à solidariedade, etc., na construção e implementação do projeto educativo é vital para o seu real sucesso e traz benefícios para todas as partes, para todas as margens, para a escola e o outro lado da mesma, lados considerados margens de um rio, mas que, em boa verdade, são partes caleidoscópico cultural complexo, que é o próprio território educativo enquanto construção social.

Em suma, a melhoria do desempenho académico das crianças, passa por uma boa integração das famílias no bairro. Para tal, é necessário que ocorra uma mudança paradigmática no seio da escola, promovendo uma intervenção diferenciada como resposta a um projeto educativo, também ele diferenciado e único (Vieira, 2013, p. 86).

Sendo “o território escolar (ou a escola), caracterizado como um espaço de excelência, uma vez que todos os alunos têm de passar por lá” (Vieira, 2013, p. 50), “as escolas começam a sentir a necessidade de novos recursos para poder responder à crescente diversidade, aos interesses divergentes e a outras questões, com que, diariamente, se defrontam e dão origem a uma multiplicidade de divergências, tensões e situações conflituosas” (Torrego, 2003, cit in Vieira, 2013, p. 109).

Neste sentido, pretende-se alcançar uma mudança educativa, promotora de igualdade de oportunidades para todos, através da promoção do trabalho colaborativo entre professores.

Pois, só assim, será possível proporcionar o desenvolvimento profissional docente que se irá refletir na qualidade do ensino e, logo, nas aprendizagens dos alunos. As melhorias do desempenho de toda a comunidade educativa, passam, então, não só pelas práticas docentes, como também pelas próprias organizações escolares (Bastos, et al., 2017).

## NOVOS PROJETOS EDUCATIVOS - TERRITÓRIO EDUCATIVO DE INTERVENÇÃO PRIORITÁRIO (TEIP)

Face às evidentes desigualdades sociais sentidas no espaço escolar, que originavam em grande medida insucesso escolar, emergiu, na década de 1960, uma evidente preocupação com o rendimento escolar de crianças provenientes de meios desfavorecidos, o que originou o surgimento de políticas públicas de educação, orientadas para o combate do insucesso escolar e da exclusão social (cit in Ferraz et al., 2018, p. 2).

Desta forma, iniciou-se em Portugal, o programa Territórios Educativos de Intervenção Prioritária (TEIP), “um programa de discriminação positiva que visava apoiar escolas situadas em zonas socioeconomicamente desfavorecidas, assumindo dois grandes desafios, nomeadamente: o combate à exclusão escolar e à exclusão social” (Barbieri, 2003; Canário, 2004, cit in, Ferraz et al., 2018, p. 5). Baseado nestes princípios, o programa TEIP, visa proporcionar a igualdade de acesso e sucesso educativo para a população escolar, mediante a oferta de um ensino básico, universal e gratuito para todas as crianças e jovens, em especial, para aquelas crianças e jovens que se encontram em situações de risco de exclusão social e escolar (Nascimento, 2015).

Neste sentido, as escolas TEIP atribuem centralidade à promoção do sucesso educativo e propõem intervenções globais, promovendo a ligação à comunidade-pais e famílias, em diversas áreas como a saúde, o apoio social e psicológico e/ou a aquisição de competências pessoais e sociais, procurando, assim, compensar défices reais ou percebidos, na prestação de serviços públicos de outras instituições sociais.

O TEIP surge então, segundo Barbieri (cit in Vieira, 2013),

A necessidade de repensar os fenômenos de “exclusão social” e de “exclusão escolar” na medida em que o aumento de qualificações escolares não corresponde necessariamente a uma solução que impeça a exclusão (Canário, Alves e Rolo, 2011). Neste sentido, os TEIP recuperam a importância do papel da educação enquanto contributo para as questões da desigualdade social. Encarados como “instrumentos” para enfrentar problemas de abandono e de insucesso escolar, em áreas geográficas consideradas problemáticas (p. 161).

Por sua vez, Castro e Costa (cit in Vieira, 2013, p. 169), consideram que os TEIP “constituem associações de escolas que reúnem com o propósito de operarem de forma mais eficaz e sintonizada em contexto social e economicamente desfavorecido, inscrevendo-se nas políticas de compensação educativa”. Desta forma, é possível compreender que as estratégias do programa TEIP assentam essencialmente

“num modelo descentralizador, concentrando-se no “local”, sendo a escola um elemento central, no apoio à resolução dos problemas da comunidade. Tendo sempre como principal objetivo, a garantia de autonomia às escolas para que o processo de identificação das necessidades, desafios e soluções emerja da negociação e contributo da comunidade, representada pelas diferentes associações, empresas e autoridades. Assim, o projeto educativo deve ser o produto deste processo negocial” (Ferreira & Teixeira, 2012, cit in Ferraz, et al., 2018, p. 5).

Em 2006, é relançado um novo programa, o TEIP 2, tendo como principal objetivo, dar continuidade ao TEIP inicial, e promover “a territorialização de políticas educativas segundo critérios de prioridade e discriminação positiva, e que inclua as escolas ou os agrupamentos de escolas com elevado numero de alunos em risco de exclusão social e escolar, identificados a partir de análise de indicadores de resultados do sistema educativo e de indicadores sociais dos territórios em que as escolas se inserem” (cit in Ferraz, et al., 2014, p. 1287).

O programa TEIP 2, é composto até ao momento por três fases. Uma primeira, com início no ano letivo de 2006/07, na qual se incluíram 35 agrupamentos. Uma segunda fase, com início em setembro de 2009, onde foram integrados mais 24 agrupamentos. Por fim, uma terceira fase, com início em novembro do mesmo ano com a integração de mais 46 agrupamentos (Nascimento, 2015).

Importa referir que, para a adesão a estes projetos educativos, as escolas/agrupamentos devem apresentar um projeto educativo no qual constem os problemas e dificuldades sentidos pela escola no seu espaço, como também, no seu contexto envolvente. Considerando quatro objetivos centrais, nomeadamente: “A qualidade do percurso e dos resultados escolares dos alunos; A redução do abandono e insucesso escolar dos alunos; A transição da escola para a vida ativa; A intervenção da escola como agente educativo e cultural central na vida das comunidades em que se insere”. (cit in Ferraz, et al., 2014, p. 1288).

A criação dos TEIP, pressupõem, o recrutamento de novos profissionais para as escolas, nomeadamente (psicólogo, assistentes sociais, animadores socioculturais e mediadores) O próprio professor no ceio da instituição escolar, vê se obrigado a transformar a sua atuação, preocupando-se hoje, não apenas com a sua função pedagógica, mas também com funções sociais, no sentido de responder às novas questões que surgem na escola da atualidade. Em que o professor, para além de todas as suas funções, desempenha também o papel de Mediador (Nascimento, 2015).

## MEDIAÇÃO SOCIOCULTURAL

Tal como foi possível observar desde o início da presente reflexão, a globalização da sociedade e conseqüente complexidade desta, reflete-se hoje no espaço escolar, o que exige a criação de estruturas e figuras facilitadoras da ligação entre sistemas, organizações, grupos ou simplesmente entre pessoas, no sentido de responder a todos os desafios que a Escola coloca. Neste contexto, a mediação sociocultural assume um lugar central na valorização do diálogo na resolução dos conflitos, promovendo a participação dos cidadãos na resolução dos seus problemas (Vieira, 2011).

Pois, tal como nos diz Vieira (2011),

A escola deverá assumir-se como espaço fundamental de legitimação e de reforço de valores que enformam o Estado, que é hoje, contudo, cada vez mais multicultural. A escola de hoje, tem, neste sentido, de procurar vias de tradução intercultural pois não só reconstrói sistemas cognitivos, como também opera ao nível dos processos identitários pessoais e grupais. Assim

o acompanhamento dos alunos é assumido como a pedra basilar da intervenção formativa, dirigida a grupos sociais desfavorecidos, e traduz-se sob a forma de mediação entre o aluno, a ação educativa e o exterior; com a família, comunidade, serviços sociais, de saúde, etc., numa abordagem integrada e centrada no aluno. (p. 181).

É justamente nesta complexidade que caracteriza a Escola atual que a mediação desempenha um papel relevante. A Mediação começou a ter mais relevo na década de 70 do século XX nos Estados Unidos da América, como uma forma de resolução alternativa de conflitos (Almeida, 2011). Atualmente, esta assume-se “como meio alternativo de resolução de conflitos”, como modo de regulação social ou como método de transformação social e cultural” (Almeida, 2001, cit in Gracinda, 2017, p. 21). Assumindo diversas formas consoante a situação, o perfil do mediador e da representação que este tem de todo o processo (Vieira, 2013). Em Portugal, o conceito de mediação intercultural e/ ou sociocultural, surgiu na década de 90, na sequência da entrada de Portugal na C.E.E (Oliveira, 2005, cit in Mateus, 2017), surgindo ligada ao termo negociação, revelando-se um recurso fulcral no desenvolvimento social dos países com diversidade sociocultural, na medida em que a mesma, permite um avanço na desejada coesão social (Vieira & Vieira, 2017).

Neste sentido, o conceito de mediação merece, neste momento, uma revisão concetual, onde é possível observar que vários foram os contributos de diversos autores para a definição da mesma (Vieira, 2013, p. 104-106). Assim, para Six (1990), a mediação é “ao mesmo tempo uma técnica e uma arte”, onde surge “um terceiro”, cujo objetivo é ajudar a chegar a um acordo. Por outro lado, surgem Burgees e Burgees (1997), com uma posição semelhante, que nos dizem que, a mediação é um processo informal, em que “um terceiro” ajuda as partes a alcançar um acordo. Por sua vez, Bush e Folger (1996), referem-se à mediação como um potencial específico de transformação das pessoas que promove o crescimento ao ajudá-las a lidar com as circunstâncias difíceis e a ultrapassar as diferenças humanas por meio do próprio conflito. Já Adam Curle (1995) reporta-se à mediação como um processo que contribui para o acordo político ao mesmo tempo que cura as feridas do ódio e começa o processo de transformação de inimizade em irmandade. Por sua vez, Capul e Lemay (2003, cit in Vieira, 2013), dizem-nos que “a mediação é, portanto, esta arte do “entre-deux”. Por fim, existem ainda autores como Diez e Tapia (1999), Giró (1998), e Cobb (1999) que referem simplesmente que “mediação é comunicação” (cit in Vieira, 2013, p. 104-106).

Perante as várias definições apresentadas, conseguimos rapidamente perceber que a maioria nos remete para a lógica da resolução de conflitos. No entanto, importa clarificar, tal como nos diz Six (cit in Vieira, 2013), que o papel do mediador não se esgota apenas na resolução de conflitos, fazê-lo, seria atribuir uma definição muito redutora àquilo que é a mediação. Na medida, em que a mesma se assume, para além disto, como modo de regulação social e /ou método de transformação social e cultural. Existindo, assim, uma multiplicidade de práticas adaptáveis a uma variedade de contextos e à complexificação das redes sociais e à evolução dos contactos interculturais (Vieira, 2013).

Tal como é possível perceber pelas palavras de Caride 2016 (cit in Simões, 2016),

Pero la Mediación no es sólo un método para la resolución de conflictos y la adopción de acuerdos, ya que la dimension más importante del proceso mediador reside en el potencial de cambio que tiene cada persona, inmersa en un conflio, para descubrir sus propias habilidades y desarrollando una mayor apertura hacia todas las partes litigantes. (p. 23).

De referir que,

(...) a prática da mediação institucionalizou-se primeiramente no contexto jurídico, como prática alternativa ao método tradicional. No entanto, rapidamente, o conceito de mediação é apropriado para a intervenção em vários outros contextos, reconhecendo-se a amplitude do seu raio de ação e com concretizações em processos de mediação social, cultural, civil, laboral, político, familiar, etc. (Almeida, 2009, p. 74).

Deixando a mediação, tal como vimos anteriormente, de “estar reduzida apenas à resolução de conflitos, surgindo também como estratégia de ação em problemáticas de inclusão com o reconhecimento da sua dimensão formativa” (Almeida, 2009, p. 74). Ou seja, a mediação tem então esta vocação formativa, com particulares potencialidades para aqueles que se encontram em situações de exclusão social, pois, para além de se apresentar como um recurso na resolução dos seus problemas/conflitos, a mediação contribui de igual forma, para o seu desenvolvimento pessoal e social (Almeida, 2009).

Neste sentido, Sousa (cit in Francisco, 2017), diz-nos que,

Uma correta definição de mediação é aquela que engloba todas as situações onde a negociação é utilizável, como por exemplo, em decisões conjuntas e participadas, no estabelecimento de consensos, no alinhamento de opiniões ou de programas, em transações comerciais, em interações de parceiros, em negócios, nas relações entre poderes públicos ou privados, nas relações de famílias, nas organizações, nas comunidades, em casos de litígio, etc. Ou seja, em todas as situações em que os vários intervenientes procuravam chegar a um acordo e onde a comunicação entre as partes seja deficiente ou apresente dificuldades na resolução de conflitos (p. 13).

Para Almeida (2009, cit in Vieira, 2013), a mediação apresenta-se como,

A construção de laços sociais e constitui inclusive uma nova abordagem no processo de inclusão social, quando operacionalizado no domínio social e cultural. Exemplo disto, são os profissionais que trabalham com grupos de ciganos, luso-africanos e africanos em Portugal, que se deparam com pessoas marcadas pelas múltiplas diferenças culturais com a sociedade de acolhimento, tais como, diferenças de identidade étnica, de cultura, de padrões de comportamento e organização social. Estas diferenças tendem a ser reconfiguradas como desigualdades, tendem a induzir ou até a justificar, assimetrias, privações e marginalizações a que os membros daqueles grupos são sujeitos. O que dificulta ou mesmo impede a realização dos seus direitos pessoais, o desenvolvimento de sentido de autonomia e respeito, a sua inserção familiar, laboral, profissional, cívica e a sua relação com as instituições, as normas e as rotinas da sociedade englobante (p. 108).

Em suma, a mediação surge como estratégia de intervenção com potencialidades ao nível da responsabilização individual e social, aspetos fundamentais para o exercício da cidadania (Almeida, 2009).

Importa referir, ainda, que, ao longo de todo o processo de mediação estão sempre incluídas, na sua intervenção, os diferentes participantes do conflito, onde o mediador se assume como um “terceiro”, desempenhando a função de ponte, ligação, ou catalisador dos processos de mediação, no sentido de promover a capacidade de compreensão, aceitação das diferentes versões da realidade defendendo a pluralidade e contribuindo para a participação democrática, ao fomentar a livre tomada de decisões e compromissos (Vieira & Vieira, 2017).

Quando se fala nos processos de mediação, é comum ouvir que o mediador deverá adotar a neutralidade, isto é, a ideia de que o profissional social deverá ser neutro. Contudo, segundo Torremorell (cit in Vieira, 2016, p. 172) “a única forma de ser neutro é estar morto”. Pois a empatia que o mediador intercultural deve desenvolver com as partes envolvidas enquanto interventor social, não lhe permite a neutralidade axiológica. Neste sentido, surge um pouco mais tarde, o conceito de imparcialidade, para substituir o conceito de neutralidade, sendo que, muitos autores, falam em multiparcialidade. Isto porque, uma vez que o mediador tem de promover a escuta ativa com todos, tentar entrar no entendimento de todos, isto não pode ser feito de forma neutra nem imparcial. Tal trabalho implica então atitudes empáticas por parte do mediador, e, daí, a ideia de multiparcialidade, isto é, tomar partido por todos (Vieira, 2016). O conceito de multiparcialidade, evoca, assim, “o conceito de independência e empatia, em que o mediador, é uma pessoa independente em relação aos atores em conflito, devendo adotar atitudes empáticas, não neutras, construtoras de confiança, incorporando uma carga de sinal positivo no desenvolvimento do processo mediador” (Vieira, 2016, p. 173).

Desta forma, a mediação pode definir-se “como um processo ternário em que os participantes, mediador e protagonistas, exploram voluntariamente a situação conflituosa para facilitar uma toma de decisões conjunta liderada pelos protagonistas” (Torremorell, 2008, cit in Vieira, 2016, p. 174), destinada “a dar coesão às nossas sociedades plurais em vez de segregar pessoas, evitando a utilização de qualquer forma de violência, inclusivamente de violência juridicamente administrativa, para avançar no conflito” (Torremorell, 2008, cit in Vieira, 2013, p. 106).

Conforme refere Almeida (2009, p. 74), “a mediação apresenta-se como uma estratégia de intervenção com potencialidades ao nível da responsabilização individual e social, condições essenciais ao exercício da cidadania”. Desta forma, sobre a mediação recai uma vocação formativa, principalmente para aqueles que se encontram em situações de exclusão social, isto porque, para além de surgir como recurso para a resolução dos seus problemas/conflitos, contribui, ainda, para o seu desenvolvimento pessoal e social. (Almeida, 2009).

## MEDIAÇÃO SOCIOEDUCATIVA

As famílias, à semelhança da restante sociedade, têm vindo a sofrer um conjunto de mudanças, nomeadamente no que concerne à educação dos seus filhos. Se tradicionalmente, estávamos habituados a que fosse a família a exercer a primeira socialização da criança, hoje, esta função é atribuída em grande medida à escola, em que a mesma, para além da sua função pedagógica, desempenha agora um importante papel social e cultural.

Neste sentido, cada vez mais se trabalha, para que o processo de socialização seja efetuado em simultâneo entre a família e a escola. Ou seja, do “espaço social da família” ao espaço social da escola” (Francisco, 2017, p. 19). Trabalho que só será possível alcançar mediante a criação de pontes entre estas duas instâncias.

Para que tal seja possível, é necessária uma nova atuação por parte das escolas, tal como nos diz Vieira (2011),

A escola deverá assumir-se como espaço fundamental de legitimação e de reforço de valores que enformam o Estado, que é hoje, contudo, cada vez mais multicultural. A escola de hoje tem, neste sentido, de procurar vias de tradução intercultural pois não só reconstrói sistemas cognitivos como, também, opera ao nível dos processos identitários pessoais e grupais. Assim, o acompanhamento dos alunos é assumido como a pedra basilar da intervenção formativa, dirigida a grupos sociais desfavorecidos, e traduz-se sob a forma de mediação entre o aluno, a ação educativa e o exterior; como a família, comunidade, serviços sociais, de saúde, etc., numa abordagem integrada e centrada no aluno (Vieira, 2011, p. 181).

É justamente nesta complexidade que caracteriza a Escola atual que nasce a necessidade de novas estratégias de atuação para garantir que se corresponde às novas exigências que lhe são pedidas. Para tal, surge a Mediação Sociopedagógica, como função necessária, cujo desempenho poderá ser realizado pelos professores, mas também por vários profissionais da área social, tais como, educadores sociais, animadores culturais, assistentes sociais, psicólogos, entre outros (Vieira, 2013, p. 117). Desta forma, a Mediação Sociopedagógica assume-se como fundamental, na medida em que representa enormes potencialidades no incremento da ligação entre escola, família e a comunidade, visando essencialmente, “(r)estabelecer as relações e interações existentes ou fragilizadas e a aceitação e assunção das

diferenças, trabalhando no desenvolvimento de competências socioemocionais e sinergias mútuas” (Silva, et al., 2010, cit in Ribeiro, 2015, p. 10).

A Mediação Escolar começa a emergir, nos anos de 1990, desde logo, “como uma estratégia fundamental para a promoção da interculturalidade, não sendo limitada à resolução de conflitos” (Almeida, 2009, p. 84). Pois, tal como nos diz (Vieira, 2013), “a mediação em contexto escolar existe a montante dos conflitos, antecipa-os, evita-os e cria um ambiente de respeito pelos outros e por si próprio e um ambiente de cosmopolitismo e de escola inclusiva num território educativo plural e hospitaleiro como se deseja para toda a vida social” (Vieira, cit in Mateus, 2019, p. 29). Desta forma, segundo Isabel Ferreira (2010), a mediação escolar, define-se como sendo “aquela que ocorre na fronteira entre a escola, a comunidade e família, prosseguindo a finalidade de contribuir para o sucesso educativo dos alunos em situação de dificuldades escolares” (cit in Vieira, 2013, p. 102).

Já Carvalho e Baptista (2004), dizem-nos que, a mediação pedagógica, apresenta-se perante uma visão distanciada da visão corretiva ou punitiva, aproximando-se, por sua vez, de uma interpretação libertadora.

A mediação pedagógica destina-se precisamente a estabelecer, ou restabelecer, uma relação positiva consigo mesmo, com os outros, com o mundo e com a vida em geral. Sem julgamentos de valor, sem etiquetagem. Mais do que punir ou corrigir possíveis faltas, trata-se de procurar ajudar a enfrentar os problemas, abrindo vias de superação e de emancipação nos itinerários da vida (Carvalho e Baptista, 2004, cit in Simões, 2016, p. 23).

Por sua vez, Corti (2004), define a mediação escolar como,

Um processo de comunicação que deve ser implementada, não só como uma técnica de resolução de conflitos, mas também como um método pedagógico válido para todos os atores sociais (alunos, docentes, diretos, administrativos, pais, etc.). É uma prática que se baseia na escuta, na compreensão e no respeito pelos membros de um sistema multicultural e heterogéneo como é o contexto escolar (cit in Azevedo, 2019, p. 8).

Desta forma, todo o processo de mediação, deverá,

Favorecer e estimular a comunicação entre as partes em conflito, o que traz consigo o controlo das interações destrutivas; levar a que ambas as partes compreendam o conflito de uma forma global e não apenas a partir da sua própria perspectiva; ajudar na análise das causas dos conflitos, fazendo com que as partes separem os interesses dos sentimentos; favorecer a conversação das diferenças em formas criativas de resolução do conflito; reparar sempre que viável, as feridas emocionais que possam existir entre as partes (Jares, 2020, cit in Azevedo, 2019, p. 9).

A mediação sociopedagógica, está de igual forma, muito ligada a aspetos resolutivos, na medida em que a sua intervenção se inicia, quando se verificam algumas tensões ou conflitos. No entanto, cada vez mais, se trabalha no sentido de alcançar uma mediação preventiva, a longo prazo, que trabalhará para conhecer de antemão os problemas vivenciados por todos os membros da comunidade educativa, para além do conhecimento prévio sobre a comunidade/bairro/localidade (Mateus, 2019, p. 30).

Assim, é possível perceber que a mediação não se limita apenas a uma dimensão resolutiva do conflito, mas também a uma dimensão preventiva. Dimensão muito importante, na medida em que permite ter um maior alcance e determinar a paz social de uma comunidade, pois, sem tensões, o desenvolvimento da comunidade também é maior e todos usufruem deste mesmo desenvolvimento (Mateus, 2019, p. 31).

Desta forma, a mais-valia da mediação sociopedagógica, não está na anulação do conflito, mas sim, na sua regulação, isto é, tentar chegar a um desfecho caracterizado por estratégias de justiça e pela não-violência. Tal como nos dizem Morgado e Oliveira (2009, p. 47), “trata-se de utilizar os meios adequados, enfatizando as estratégias de resolução pacífica e criativa do mesmo” (cit in Amado & Vieira, 2016, p. 89).

Tudo isto só será possível, mediante a adoção de estratégias de mediação para a resolução de conflitos em contexto escolar. Estratégias essas, que devem privilegiar uma atuação não isolada nem individualizada, mediante uma perspectiva micro do problema. Mas sim, mediante um trabalho em que toda a comunidade escolar seja envolvida (Amado & Vieira, 2016). Ou seja, prevê-se no espaço escolar, a existência de uma equipa multidisciplinar que trabalhe de forma integrada, com liderança, e de acordo com o seu próprio projeto educativo, pois, tal como nos diz Morgado e Oliveira, 2009, p. 50), “de pouco servirá que as crianças e

os jovens estudem, sejam sensibilizados e treinados para uma cultura de diálogo, de escuta e de participação das relações interpessoais, se o discurso de educadores e bons docentes for incoerente com esta postura” (cit in Amado & Vieira, 2016, p. 89).

Posto isto, podemos concluir que o que se espera do mediador sociopedagógico é, segundo Vieira (2013),

O estabelecimento da ligação entre família e comunidade em geral, com a escola. Trabalho que só será possível mediante a dinamização de equipas interdisciplinares, empenhadas não só na investigação de fatores estruturais geradores de abandono/sucesso escolar, do “analfabetismo funcional”, como também, na elaboração e implementação de metodologias e estratégias de intervenção concertadas e cooperantes entre agentes educativos escolares e extraescolares (Vieira, 2013, p. 119).

Tudo isto, mediante a adoção de um conjunto de capacidades pessoais e técnicas que permitam ao mediador sociopedagógico, a promoção da escuta ativa e o diálogo entre as partes envolvidas no conflito (Azevedo, 2019, p. 10). Segundo Vieira (2012), “a escola pode ser (e é) o grande laboratório da aprendizagem da vivência social, uma vivência entre iguais e diferentes; uma vivência entre convergentes e divergentes; um espaço de aprendizagem da Interculturalidade (Peres, 1999), da convivência (Jares, 2007) e da hospitalidade (Baptista, 2010, cit in Marques, 2020).

O que se exige é a criação de uma nova cultura organizacional assente em lideranças partilhadas e trabalho colaborativo com a comunidade envolvente, criando condições favoráveis para o exercício da interculturalidade e cidadania e, ainda, repensar o papel dos professores e outros profissionais sociais da educação, tanto na perspetiva ética e política como na técnica e profissional (Peres, 2016, p. 58).

## MEDIAÇÃO INTERCULTURAL

Tal como temos vindo a analisar até ao momento, a progressiva diversidade das populações imigrantes em Portugal, trouxe consigo, um conjunto de novos desafios para a sociedade

portuguesa, desafios que se refletem desde o campo da educação, à cultura, à compreensão de valores, práticas e normas sociais dos imigrantes (Marques, et al., 2020).

Como estratégia para aprofundar as práticas interculturais desenvolve-se a mediação em contextos multiculturais, isto é, o desenvolvimento da mediação intercultural que se caracteriza como,

Uma modalidade de intervenção de terceiros em situações de multiculturalidade significativa, orientada para a consecução do reconhecimento do outro e a aproximação das partes, comunicação mútua e compreensão, aprendizagem e desenvolvimento de coexistência, regulação de conflitos e adequação institucional, entre atores sociais ou institucionais etnoculturalmente diferenciados (Romero, 2010, p. 67, cit in Marques, et al., 2020, p. 58).

Uma forma de mediação que requer um conjunto de estratégias de atuação, nomeadamente, “o desenvolvimento da capacidade de escuta ativa, compreensão e respeito pelo outro” (Vieira, et al., 2017, cit in Marques, et al., 2020, p. 58), no sentido de “promover o debate e a discussão, a escuta e a fala, e, às vezes, até o desacordo e o conflito” (Marques, Vieira & Vieira, 2020, p. 58). Neste sentido, a mediação desenvolve-se, mediante um conjunto de características específicas com processos, conflitos ou situações de caráter pessoal, familiar, de vizinhança, nacional ou internacional (Caride, 2016, cit in Marques, et al., 2020, p. 58).

Assim, a mediação intercultural é uma nova estratégia ou modalidade de intervenção social visando a inclusão intercultural do outro. Tal como outras formas de mediação, a mediação intercultural é:

(...) criativa no sentido de que um dos seus propósitos é criar novas relações entre pessoas ou grupos, a partir das quais ambas as partes beneficiam (..) renovadora, na medida em que permite melhorar as relações existentes entre as partes mediadas, as relações que se tinham deteriorado ou desprendidas antes do conflito (..) preventiva no sentido de que prevê e previne os conflitos que possam ocorrer entre pessoas ou grupos (...) terapêutica cada vez que um mediador entra em jogo quando o conflito já existe e tem de auxiliar e ajudar as pessoas e os grupos a encontrarem soluções e a escolherem caminhos para sair do conflito (Six, 1990, apud, Sani, 2015, cit in Marques, et al., 2020, p. 58).

Neste sentido, o principal objetivo da mediação intercultural, é “contribuir para a coesão social, melhorando a qualidade de vida e a convivialidade do cidadão intercultural nos municípios com uma significativa diversidade cultural” (Marques, et al., 2020, p. 59). Aspectos que só são conseguidos mediante a gestão positiva e preventiva dessa diversidade ao longo da intervenção mediadora e da participação dos protagonistas locais (Marques, et al., 2020).

Para Cohen-Emerique (1997, cit in Marques et al., 2020), a mediação engloba na sua estrutura, o uso de três modalidades, nomeadamente:

1. Mediação Preventiva: Procura promover a aproximação, comunicação e compreensão entre pessoas, grupos e comunidades com diferentes códigos culturais;
2. Mediação Reabilitadora: Intervém na regulação e resolução de tensões e conflitos interculturais
3. Mediação Transformadora: Pressupõe a abertura de um processo criativo que supera as normas, costumes e pontos de vista particulares, numa situação de convivência multicultural para alcançar novas normas e formas de relação compartilhada.

Sendo que as funções do Mediador Intercultural, vão muito mais para além destas, englobando assim, a função de arbitragem em contextos de acentuada multiculturalidade, a empatia para com o outro, o facilitar a comunicação, o fomentar a coesão social, o promover a autonomia e a inserção social das minorias, bem como, a reconstrução de vínculos ou relações (Vieira & Vieira, 2016). Funções que podem ser desenvolvidas com minorias étnicas, mas também em qualquer âmbito da intervenção social, nomeadamente, a nível educativo, social, sociofamiliar, comunitário, jurídico, laboral, ambiental, e na saúde, etc. (Vieira & Vieira, 2016, p. 51).

Sendo de destacar aqui a atuação da mediação em contexto escolar, onde o mediador promove a mediação entre o aluno, a ação educativa e o exterior, nomeadamente, a família, a comunidade, os serviços sociais, a saúde, entre outros, numa abordagem integrada e centrada no aluno (Marques, et al., 2020). Em que é possível percebermos que a escola

desempenha um papel fundamental como instituição mediadora, no sentido de promover, não só o sucesso educativo dos seus alunos, como, também, a sua inclusão social.

Em suma, várias são as competências do mediador intercultural, destacando-se, segundo (Vieira, cit in Francisco, 2017, p. 16):

Saber Fazer - Apoio pessoal; animação de grupos e moderação de reuniões; análise de sistemas socioculturais; negociação e resolução de conflitos interculturais; informação, sensibilização e difusão; trabalho de equipa, defesa de direitos e interesses; ação social; manter a distância necessária nas diferentes situações em que intervêm.

Saber ser e estar - A forma como se relaciona com o mundo; a forma como se olha a si mesmo; a forma como se relaciona com o outro; a forma como encara o trabalho; a forma como valoriza as ideias, opiniões e condutas; a forma como se faz entender e é entendido.

Saber - Dominar a língua de ambas as culturas (origem e acolhimento), possuir conhecimentos básicos sobre os diferentes modelos de desenvolvimento pessoal, assim como, interpessoais; conhecer a migração e os movimentos humanos; possuir conhecimentos básicos sobre as culturas e a forma como interagem; dominar conceitos como, participação, organização e dinamização de grupos; conhecer o funcionamento e os recursos da sociedade maioritária e os grupos de imigrantes; conhecer a legislação em vigor em ambas as sociedades (origem de acolhimento); ter conhecimentos sobre os grupos sociais e a sua organização, de ambos os países, assim, como da relação entre estes.

Assim, segundo (Vieira, 2013), a Mediação Intercultural, pode ser definida como uma estratégia fundamental na construção de pontes de contacto com pessoas muito diferentes, de mundos e vivências completamente distintas, em que a Mediação traz um contributo positivo, na medida em que facilita a comunicação nas relações, e permite assim, a inclusão destas pessoas ou grupos culturalmente distintos (Vieira, 2013).

Trabalho feito pensando sempre em promover a autonomia destes grupos e pessoas, auxiliando-as na sua participação democrática, para que possam ter liberdade na tomada de decisões e compromissos, o que inevitavelmente, possibilita o alcance do tão desejado empowerment (Vieira & Vieira, 2017).

Ou seja, a mediação intercultural, segundo (Vieira & Vieira, 2017, p. 46), “pressupõe um avanço na desejada coesão social. Inclui os diferentes participantes no conflito, promove a capacidade de compreensão, aceitando as diferentes versões da realidade, defende a pluralidade e contribui para a participação democrática, visto que fomenta a livre tomada de decisões e compromissos”. O processo de mediação, não é um processo autónomo, pois tal como nos diz Torremorell (cit in Vieira & Vieira, 2017, p. 46) “não deduzimos que os processos de mediação, por si só, venham a construir a ponte social para um futuro mais humanizado, mas sim que tais processos talvez assentem uma das pedras que nos ajudarão a cruzar o rio em ambos os sentidos”.

Em todo este processo, o Mediador, tal como vimos anteriormente, não pode ser neutro a ponto de permitir injustiças sociais, violência ou desigualdades. Um bom Mediador, é aquele que “consegue ter atitudes empáticas com todos, entrar no mundo cultural de todos, e ao fazê-lo, esta exatamente no simétrico contrário de assumir uma posição de neutralidade” (Vieira & Vieira, 2017, p. 53).

Assim, chegamos então à questão da Pedagogia Social, pois, todas as funções do mediador referidas anteriormente são tomadas mediante uma atitude de Pedagogia Social e uma tomada de posição em busca da autonomização. Funções que ocorrem, não só, em contextos de imigração ou de trabalho com minorias étnicas, mas também, desenvolvidas em qualquer outro âmbito da intervenção social, seja o educativo, o social, o sociofamiliar, o comunitário, o jurídico, o laboral, ambiental, saúde, etc. (Vieira & Vieira, 2017, p. 53).

Como afirma Jares (cit in Vieira, 2016, p. 174),

O Mediador Intercultural não pode deixar de ser, também, um interventor social e pedagógico que procura mudar situações sociais que geram injustiça, carência ou revoltas, sempre com o envolvimento dos implicados, como busca da convivência, e da hospitalidade enquanto valor humano (Carvalho e Baptista, cit in Vieira, 2016, p. 174).

Em suma,

A Mediação Intercultural remete, sempre, para a ideia do terceiro lugar, terceira pessoa, mestiçagem, cultura(s) dinâmica(s), interculturalidade e (Trans)formações dos sujeitos e

culturas envolvidas, ao invés de culturas consideradas fechadas e ingressadas em determinado grupo social (Vieira, 2016, p. 174).

## CAPÍTULO II -AGRUPAMENTO DE ESCOLA MANUEL FERREIRA PATRÍCIO

### APRESENTAÇÃO DO AGRUPAMENTO ESCOLA MANUEL FERREIRA PATRÍCIO

O Agrupamento de Escolas Manuel Ferreira Patrício foi fundado no ano de 2004, ano em que foi intitulado como Agrupamento de Escolas N.º1 de Évora, designação que manteve até ao ano de 2013. Nesse mesmo ano, foi eleito o Patrono Manuel Ferreira Patrício, antigo reitor da Universidade de Évora, pedagogo e professor catedrático, naquela instituição, licenciado em Filosofia e Doutor em Ciências da Educação, na especialidade de Filosofia da Educação<sup>1</sup>.

O Agrupamento de Escolas Manuel Ferreira Patrício é a sede do Agrupamento, funcionando na mesma, o Pré-Escolar e os 1.º, 2.º e 3.º Ciclo do Ensino Básico. Sendo que, a Educação Pré-Escolar, é desenvolvida de igual forma, nos JI da Cruz da Picada, Senhora da Glória, Vista Alegre e Valverde. À exceção da Escola de Valverde, todos os estabelecimentos de Educação e Ensino pertencem à freguesia urbana da Malagueira que passou a integrar a União das Freguesias de Malagueira e Horta das Figueiras em 2013. Nos estabelecimentos de ensino referidos, para além das ofertas educativas citadas, os alunos dos 2.º e 3.º Ciclos frequentam, ainda, outras respostas específicas, nomeadamente: Percursos Curriculares Alternativos (PCA); Cursos de Educação e Formação de Jovens (CEF), ou, Programas Integrados de Educação e Formação (PIEF).

Os Percursos Curriculares Alternativos (PCA) surgiram pela necessidade de assegurar a estes grupos de alunos um percurso educativo e pessoal, pois, são crianças e jovens, marcadas por situações de bastante irregularidade em termos de assiduidade, dificuldades de aprendizagem, especialmente à disciplina de Português. Dificuldades, que se repercutem na linguagem e, posteriormente, em dificuldades nas competências de leitura e de escrita, o que traz consequências bastante complicadas para o desenvolvimento cognitivo em outros domínios. O que inevitavelmente leva a que as crianças apresentem lacunas nas competências

---

<sup>1</sup> Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas Manuel Ferreira Patricio (2017/2021); Plano de Inovação Agrupamento de Escola Manuel Ferreira Patrício (2020/2021).

de raciocínio, inferências e pragmáticas, as quais, por sua vez, condicionam a sua participação nas várias áreas que compõem a sua matriz curricular (Plano de Inovação Agrupamento de Escola Manuel Ferreira Patrício, 2020/2021, p.20).

As competências linguísticas destas crianças e alunos surgem, muitas vezes, influenciadas por fatores ambientais e/ou socioeconómicos desfavoráveis, frequentemente associados a fatores de exclusão social, em que muitas das suas famílias revelam uma grande debilidade no que concerne aos percursos educativos e profissionais dos seus progenitores. Algumas das situações de instabilidade familiar caracterizam-se por famílias monoparentais em situação de desemprego, com progenitores reclusos, beneficiários de apoios sociais e com processos de promoção e proteção acompanhados pela CPCJ de Évora e pelo Ministério Público. Estas famílias desfavorecidas do ponto de vista socioeconómico e educacional demonstram um menor grau de envolvimento no acompanhamento da vida escolar dos seus educandos devido a horários pouco flexíveis, falta de recursos, preocupações com a sobrevivência, perceção de pouca competência para apoiar os filhos na escola e memórias pouco positivas da sua experiência escolar enquanto estudantes.

Desta forma, a escola e

o programa Percursos Curriculares Alternativos (PCA) pretende proporcionar uma resposta educativa desenhada em função do perfil de cada aluno, mediante uma intervenção mais individualizada que permita atenuar, de alguma forma, o desfasamento etário que se vai acentuando com o número de retenções repetidas. Bem como, promover não só o sucesso educativo, mas, também, permitir ao aluno descobrir e desenvolver outras capacidades e potencialidades para a construção do seu projeto de vida, em estreita articulação com as famílias dos alunos (Plano de Inovação, 2020/2021, p.20).

Outra resposta específica passa pelos Cursos de Educação e Formação de Jovens (CEF). Como consequência do elevado número de alunos em situações de absentismo e de abandono escolar, o Agrupamento de Escolas Manuel Ferreira Patrício, sentiu necessidade de criar uma resposta para estas questões. Neste sentido, surgem os Cursos de Educação e Formação para Jovens, como uma oportunidade para que os alunos possam concluir a escolaridade obrigatória, mediante um percurso flexível e ajustado às suas necessidades e interesses que

lhes permita aquisição de competências escolares, técnicas, sociais e relacionais, que lhes permita ingressar no mercado de trabalho cada vez mais competitivo e exigente.

Uma última resposta específica oferecida pelo agrupamento são os Programas Integrados de Educação e Formação (PIEF). O Programa Integrado de Educação e Formação (PIEF) designa uma medida socioeducativa, de carácter temporário e excecional. Por norma, esta medida é adotada após esgotadas todas as outras medidas de integração escolar e visa favorecer o cumprimento da escolaridade obrigatória e a inclusão social.

Para além destas respostas, o Agrupamento de Escolas Manuel Ferreira Patrício, tem ao seu dispor um conjunto de respostas dirigidas a crianças e alunos que necessitem de apoio à participação nos processos de aprendizagem e na vida do Agrupamento. Estas crianças e alunos, correspondem a cerca de 13% do universo escolar.

O Agrupamento Manuel Ferreira Patrício é composto por centena e meia de docentes e, ainda, por um conjunto de técnicos especializados, entre os quais se incluem intérpretes de língua gestual, terapeutas, psicólogas, assistente social e animadora sociocultural. Acrescentando, também, cerca de treze dezenas de docentes na resposta específica de suporte à aprendizagem e à inclusão. No que diz respeito ao pessoal não docente existem neste Agrupamento, para além dos técnicos referidos anteriormente, assistentes operacionais, em número inferior às necessidades que decorrem das características específicas do corpo docente, e, ainda, assistentes técnicos.

De momento, o Agrupamento Manuel Ferreira Patrício dispõem, ainda, de uma Unidade de Apoio Especializado para a Educação de Alunos com Multideficiência e Surdocegueira Congénita, Educação Bilingue de alunos surdos, um centro de Recursos TIC para a Educação Especial de Évora, e, constitui, ainda, o Agrupamento de Referência para a Intervenção Precoce, com a abrangência do concelho de Évora.

Para além das variadas respostas que o Agrupamento Manuel Ferreira Patrício dispõe, o mesmo, têm ainda, “múltiplas e variadas parcerias, protocolos e acordos de cooperação, permitindo ampliar a adequação e qualidade das respostas educativas, dando um sinal da sua própria disponibilidade para assumir, de forma ativa, a sua responsabilidade social perante o

meio em que se insere” (Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas Manuel Ferreira Patricio, 2017/2021).

Sendo então oito parceiros, tais quantos:

- Camara Municipal de Évora;
- Centro de Saúde;
- APPACDM;
- Associação Chão dos Meninos;
- CPCJ- Comissão de Proteção e Crianças e Jovens;
- Instituto da Segurança Social (ISS);
- Universidade de Évora;
- ADBES (Associação para o Desenvolvimento e Bem-Estar Social da Cruz da Picada)

#### APRESENTAÇÃO DA ESCOLA BÁSICA CRUZ DA PICADA

A Escola EB1 da Cruz da Picada é composta maioritariamente por alunos residentes na zona habitacional Cruz da Picada, um bairro de natureza social, marcado por uma enorme heterogeneidade socioeconómica e cultural, em que um elevado número de famílias apresentam indícios de fragilidade, associados a aspetos como o desemprego e debilidades graves, o que, por seu turno, coloca estas crianças e jovens em situações de risco. Face a esta realidade, a Escola Cruz da Picada e os seus atores deparam-se com um desafio diário no que se refere à garantia da satisfação das necessidades destas famílias e alunos, ao mesmo tempo que cumprem, em simultâneo, com os conteúdos programáticos do 1º Ciclo do Ensino Básico e com as metas do AEMFP, ao trabalhar para além da escola, no sentido de preparar os seus alunos para uma vida social harmoniosa, consciente e responsável.

Neste sentido, vários são os pontos fortes, mas, também, os pontos fracos que o EB1 Cruz da Picada apresenta. Relativamente aos primeiros, destacam-se, a disponibilidade dos alunos para novas atividades, bem como, a dos técnicos, professores e auxiliares, a existência de parcerias sociais, e o agradável espaço escolar. Quanto aos pontos fracos, é de realçar a baixa

autoestima dos alunos, o comportamento conflituoso dos alunos, o contexto socioeconómico dos alunos, os horários dos técnicos, dos professores e das auxiliares, a rigidez nos programas curriculares, os recursos materiais, e o espaço exterior coberto.

Perante os pontos fracos enunciados anteriormente, os atores da Escola Cruz da Picada, para garantir o sucesso escolar destes grupos de elevada heterogeneidade, estabeleceram um conjunto de planos de ação, mediante dinâmicas de trabalho individual ou em grupo, tal como é possível observar de seguida.

1. Situação Problema: “Diferenças muito acentuadas de conhecimento dos alunos no mesmo ano de escolaridade”.

Para colmatar o presente problema, os atores da Escola Cruz da Picada, propõem-se a agrupar os alunos com necessidades de aprendizagem semelhantes, tanto nas metodologias/estratégias como nos conteúdos. Grupos de trabalho reformulados, independentemente do ano escolaridade dos alunos a medio prazo consoante as aprendizagens adquiridas e dificuldades identificadas. Desta forma, o objetivo principal é “responder corretamente às necessidades dos alunos respeitando o seu ritmo de trabalho e de aprendizagem, melhorando através da aquisição de competências de autoestima dos alunos e o seu empenho/interesse pelas atividades letivas” (Proposta de Organização dos Grupos no Trabalho Letivo, 2020/2021, p.3).

2. Situação Problema: “Reduzido tempo de atenção e fraca capacidade de concentração nas atividades por parte dos alunos”.

Para combater esta dificuldade de aprendizagem, a estratégia de atuação passa essencialmente por “colocar as disciplinas/áreas que exigem mais concentração /atenção e onde os alunos revelam mais dificuldades nos primeiros tempos da manhã”. O principal objetivo desta ação passa por potencializar o tempo de concentração/atenção dos alunos (Proposta de Organização dos Grupos no Trabalho Letivo, 2020/2021, p.3).

3. Situação Problema: “Baixo desempenho e reduzida capacidade de aquisição dos conteúdos nas disciplinas/áreas de português e matemática”.

Para combater a presente questão, “ambas as disciplinas são lecionadas em simultâneo para todas as turmas da escola”. Mediante o objetivo de “permitir reunir os alunos nos grupos de trabalho segundo as necessidades de aprendizagem incidindo nas áreas mais problemáticas” (Proposta de Organização dos Grupos no Trabalho Letivo, 2020/2021, p.3).

4. Situação Problema: “Dificuldades de aprendizagem pouca autonomia e baixo autoestima dos alunos”.

Face à presente questão, a estratégia de atuação passa pela redução do número de alunos por turma”. Em que o objetivo passa pela “colaboração do professor titular de turma na prestação de acompanhamento na consolidação das aprendizagens, reforçar a sua figura de referência e proporcionar apoio individualizado aos alunos, colmatando possíveis carências no acompanhamento escolar por parte da família” (Proposta de Organização dos Grupos no Trabalho Letivo, 2020/2021, p.4).

5. Situação Problema: “Conflitos e agressões durante o tempo dos recreios entre alunos”.

A proposta passa pela “dinamização dos tempos do recreio e acompanhamento dos alunos por técnicos da área no sentido de orientarem e proporcionarem novas brincadeiras (exemplos jogos tradicionais) envolvendo as auxiliares e os professores”.

O objetivo passa pela “redução dos conflitos entre os alunos no tempo do recreio e desenvolvimento de competências sociais” (Proposta de Organização dos Grupos no Trabalho Letivo, 2020/2021, p.4).

Neste sentido, é de destacar algumas atividades realizadas pelo Agrupamento Manuel Ferreira Patricio que vão de encontro aos princípios da Mediação Intercultural, desde o combate aos conflitos dentro e fora da sala de aula, ao promover a integração dos pais no percurso escolar dos seus filhos. Destacando-se assim, a criação de uma Horta Pedagógica e o programa artístico “Mus-E”, que visam direcionar os alunos para atividades rentáveis nos períodos de recreio, evitando tempos mortos e o desenrolar de conflitos. E, ainda, o programa

“Laços de Leitura”, que pretende, acima de tudo, envolver os pais no percurso escolar dos seus filhos, mediante o contar de uma história em cada turma.

De referir ainda que para a garantia do sucesso escolar dos alunos, o papel dos seus pais ou encarregados é fundamental. Como tal, a Escola Cruz da Picada dinamiza um conjunto de atividades que promovem o envolvimento parental, tais como:

- Apresentação aos encarregados de educação do novo modelo de organização escolar;
- Envolver os pais para assistirem a apresentações de trabalhos;
- Convidar os encarregados para virem contar uma história ou ouvirem os filhos contarem;
- Convidar encarregados de educação para ajudarem em tarefas específicas de um projeto;
- Lançar o desafio aos pais para participarem no embelezamento do espaço escola (pintura dos muros e canteiros, plantação de flores ou trabalhos na horta pedagógica);
- Assistir ao Dia da Escola Aberta (atividade desenvolvida anualmente e integrada no Projeto Mus-E da escola), (Proposta de Organização dos Grupos no Trabalho Letivo, 2020/2021, p.8).

Para além de tudo isto, e face ao contexto vivenciado em 2020/2021, a Escola Cruz da Picada adotou um conjunto de novas estratégias, tais como, tornar os grupos de trabalho mais pequenos, bem como a criação de desencontros nas horas de intervalo e de almoço, no sentido de permitir menos contactos entre alunos. Medidas que procuram contribuir para assegurar a saúde pública, mediante a garantia do bem-estar e segurança na escola.

Posto isto, para averiguar a pertinência e contributos destas atividades, as estratégias e metodologias de trabalho definidos pelos atores da Escola Cruz da Picada passam, essencialmente, pela realização de reuniões semanais em articulação com todos os técnicos e professores envolvidos nas referidas atividades letivas. Reuniões realizadas no sentido de avaliar o trabalho e a evolução dos alunos e, assim, aferir os resultados e corrigir os desvios.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Proposta de Organização dos Grupos no Trabalho Letivo (2020/2021)

## CONTEXTO SÓCIO ECONÓMICO E CULTURAL

O Agrupamento Manuel Ferreira Patrício acolhe maioritariamente alunos residentes na Malagueira, caracterizada por ser uma freguesia com bastante heterogeneidade a nível socioeconómico, composta por bairros cujas características culturais, económicas e sociais apresentam uma situação mais fragilizada ao nível dos indicadores de desemprego e com debilidades sociais graves.

No que diz respeito a aspetos populacionais, a Freguesia é constituída por famílias e indivíduos que habitam em grande parte em bairros de habitação social, caracterizados por zonas exíguas associadas ao consumo de substâncias ilícitas. Estas práticas colocam as crianças e jovens que aí habitam em situações de risco.

Os alunos do Agrupamento de Escolas Manuel Ferreira Patrício refletem as diferentes realidades e aspetos da sua vida quotidiana, evidenciando estas grandes assimetrias culturais e sociais. A realidade do contexto envolvente conduziu à adesão do programa TEIP2, desde 2009, de forma a melhorar as respostas educativas baseadas na realidade, desenhadas com inovação e potenciando recursos ajustados.

No âmbito dos serviços de Ação Social Escolar, 40% a 50% dos alunos beneficiam de apoios. Destes alunos, cerca de quatro beneficiam, devido à sua debilitada situação socioeconómica, também de um suplemento que se traduz em reforço de alimentos. É de realçar que a grande maioria dos alunos subsidiados frequentam o 1º ciclo.<sup>3</sup>

## PROJETO EDUCATIVO DO AGRUPAMENTO MANUEL FERREIRA PATRÍCIO

Face ao contexto socioeconómico e educativo do Agrupamento Manuel Ferreira Patrício, surge a necessidade de construir uma organização escolar baseada em princípios como a participação e articulação entre todos, no sentido de criar responsabilidade em todos aqueles que integram a comunidade educativa, para que em conjunto, possam cooperar e influenciar

---

<sup>3</sup> Diagnóstico Social, Jardim de Infância e EB1 Cruz da Picada; Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas Manuel Ferreira Patrício- Évora.

de forma positiva o alcance de melhorias no meio escolar, através de uma resposta educativa, cultural e social de qualidade (Projeto Educativo 2020/2021).

Neste sentido e para que tal seja possível, o Agrupamento Manuel Ferreira Patrício, definiu no seu Projeto Educativo 2020/2021, um conjunto de valores a seguir, nomeadamente, a sensibilização dos seus alunos para valores comuns, tais como o respeito pela diferença do outro, a aceitação e a solidariedade para com o outro, pois, só com o estabelecimento destes valores será possível colmatar os conflitos dentro e fora da sala de aula, e, por sua vez, promover a criação de uma Escola aberta e plural. O que se pretende é então apostar numa intervenção baseada no processo de ensino/aprendizagem, centrado acima de tudo no aluno, pretendendo compreender e interpretar o aluno e o seu mundo, dentro e fora da sala de aula, evitando qualquer tipo de julgamento. Ou seja, mediante o estabelecimento de relações de solidariedade na resolução dos seus problemas, pois, só assim será possível proporcionar aos alunos um ensino de qualidade que permita, por sua vez, o seu crescimento intelectual e integral, como pessoas e como cidadãos responsáveis e interventivos na sociedade.

Já no que se refere à Cultural Escolar, o Agrupamento Manuel Ferreira Patrício, definiu no seu Projeto Educativo de 2020/2021, continuar a promover uma cultura de escola integradora ao respeitar a diversidade cultural presente na mesma, reforçando o trabalho de equipa realizado por todos os atores escolares, no sentido de integrar e comprometer os mesmos com os objetivos da escola, para que todos trabalhem com um sentimento de pertença e orgulho, respeitando assim o património cultural e identitário da escola que funciona como uma matriz simbólica reguladora dos processos de gestão e liderança.

Para que tudo isto seja possível, e para que seja possível continuar a apostar na manutenção de uma escola solidária, o Agrupamento Manuel Ferreira Patrício definiu um conjunto de estratégias de aprendizagem, baseadas em princípios como o bem-estar e qualidade de vida, mediante a aposta em valores ambientais, promovendo o antistress, a anti violência/tranquilidade, combatendo o conflito, e por sua vez, promover a abertura à mudança, pensamento criativo e empatia.

Em suma, o Agrupamento Manuel Ferreira Patrício, definiu para o seu Projeto Educativo de 2020/2021, a aposta no respeito pela diferença, com vista à valorização das aquisições e

realizações dos alunos com necessidades educativas especiais ou que apresentem qualquer forma de limitação no acesso ao sucesso e às oportunidades que a escola deve facultar. Mediante um trabalho em rede, com os seus parceiros e outras entidades do meio envolvente do Agrupamento para fomentar a criação de um modelo de escola em estreita ligação com a comunidade escolar, adaptando-se sempre a novos contextos, novas estruturas, novas competências e novas atualizações do conhecimento.<sup>4</sup>

### *OBJETIVOS DO AGRUPAMENTO MANUEL FERREIRA PATRÍCIO*

Para garantir o sucesso escolar e combater algumas problemáticas identificadas, o Agrupamento Manuel Ferreira Patrício definiu no seu Projeto Educativo (2020/2021), um conjunto de objetivos a atingir, mediante um conjunto de estratégias orientadoras, tais como:

#### **1. Objetivo Geral: Promoção do Sucesso Educativo**

Para que seja possível alcançar a promoção do sucesso educativo de todas as crianças e jovens, é necessário, antes demais, criar um ambiente escolar inclusivo, para que todas as crianças e jovens se sintam aceites e integradas, pois, só desta forma, será possível promover uma correta aprendizagem para todos, em que para tal, também as aprendizagens serão centradas em cada aluno, em função daquilo que são os seus interesses sociais. Posteriormente, o que se pretende é envolver a criança no seu próprio projeto educativo, pois só com a sua participação, reflexão e avaliação, será possível alcançar uma melhoria nos seus resultados escolares. O que de certa forma permitirá também uma melhoria dos resultados escolares, tanto no que se refere à avaliação interna, como à avaliação externa da presente escola.

#### **2. Objetivo Geral: Organização e Gestão**

Para que seja possível promover o sucesso escolar destas crianças e jovens, antes demais, é necessário trabalhar para promover uma cultura escolar agregadora entre os seus atores, para tal, é necessário fomentar o trabalho colaborativo e articulado, incentivando a partilha de

---

<sup>4</sup> Projeto Educativo do Agrupamento Manuel Ferreira Patrício

práticas, experiências e saberes, em circuitos de comunicação, bem como promover a participação e responsabilização dos docentes em todo o processo.

### **3. Objetivo Geral: Prevenção do abandono, absentismo e indisciplina**

Para que seja possível combater o abandono, o absentismo e a indisciplina nos alunos do Agrupamento Manuel Ferreira Patrício, é necessário que o mesmo promova entre os seus atores e alunos, valores de cidadania e participação; Promover ações que permitam o exercício da cidadania, consciência cívica e ambiental; Fomentar a participação ativa na vida da escola e no meio envolvente; Desenvolver as competências sociais; Desenvolver uma formação integral dos alunos através da arte e das expressões; Estimular a criatividade e a inovação, tudo isto, mediante o trabalho em equipa com todos os atores que compõem o presente Agrupamento.

### **4. Objetivo Geral: Relação Escola/Família**

O sucesso escolar das crianças e jovens, depende, em grande medida, do envolvimento dos seus pais no seu percurso escolar, no entanto, face ao contexto social e socioeconómico das famílias dos alunos que frequentam o Agrupamento Manuel Ferreira Patrício, nem sempre é fácil conseguir a participação das famílias neste processo.

Perante esta situação, o Agrupamento Manuel Ferreira Patrício delimitou um conjunto de objetivos para conseguir criar uma relação Escola/Família positiva, destacando-se então, a partilha de responsabilidades na educação; Fortalecer a relação escola-família no estabelecimento, implementação e avaliação de estratégias de promoção do sucesso escolar e bem-estar dos alunos; Envolver as entidades parceiras da comunidade na definição e implementação de estratégias de intervenção com alunos do AEMFP e ainda, criar oportunidades de aprofundamento das relações positivas entre alunos, professores, pessoal não docente, pais e organizações da comunidade envolvente.<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas Manuel Ferreira Patricio (2017/2021).

## INTERVENÇÃO EFETUADA PELA EQUIPA DO ESPAÇO COM TACTO

Tal como têm sido possível observar até ao momento, o Agrupamento de Escolas Manuel Ferreira Patrício tem ao seu dispor um variadíssimo leque de respostas sociais, pensadas e criadas para as necessidades de todos os alunos que frequentam o Agrupamento, bem como para as suas famílias. No entanto, face às enormes exigências do presente público-alvo, o Agrupamento, após a sua adesão ao programa TEIP (Território Educativo de Intervenção Prioritário), sentiu necessidade de reforçar a sua equipa de técnicos de intervenção de forma a garantir a continuidade das respostas às necessidades de alunos e famílias que surgem diariamente no Agrupamento.

Para que tal fosse possível, o Agrupamento de Escolas Manuel Ferreira Patrício, fundou a Equipa Multidisciplinar ‘Espaço Com Tacto’, com a criação de uma equipa de técnicos especializados, capazes de responder aos casos de insucesso, absentismo escolar e comportamentos disruptivos que surgem, em grande medida, das assimetrias e heterogeneidade social, cultural e económica dos contextos de vida dos alunos e suas famílias. Neste sentido, a Equipa do ‘Espaço Com Tacto’, tem como objetivo a promoção do bem-estar e do sucesso escolar de todos os alunos e comunidade educativa no geral. Atualmente a Equipa do ‘Espaço Com Tacto’ é composta por seis elementos, entre os quais, duas Animadoras Socioculturais, uma Técnica de Serviço Social e três psicólogas, uma delas a desempenhar funções de Técnica de Intervenção Local na turma PIEF.

A intervenção das técnicas referidas passa essencialmente por uma intervenção psicossocial para dar resposta prioritariamente ao elevado número de alunos provenientes de um contexto socioeconómico desfavorecido e em risco ou em situação de exclusão social. São promovidos um conjunto diversificado de atividades que visam contribuir para o desenvolvimento integral do aluno, intervindo a nível psicológico, psicopedagógico e psicossocial ao longo do seu percurso escolar. Englobando, assim, a intervenção direta com os alunos, mas, sobretudo, o trabalho colaborativo com docentes e pais no desempenho, implementação e avaliação de intervenções educativas ajustadas. Esta intervenção deve iniciar-se o mais precocemente possível, através de uma abordagem preventiva e promotora de ambientes facilitadores do desenvolvimento.

Ou seja, o ‘Espaço Com Tacto’ aposta numa intervenção diversificada centrada não apenas no aluno, mas sim, numa articulação com todo o seu meio envolvente, baseando-se nos princípios do modelo sistémico, mediante um trabalho em rede que permita ir ao encontro de uma resposta adequada a cada caso identificado e em articulação com as Entidades Externas. Desta forma, o trabalho feito no ‘Espaço Com Tacto’, incide essencialmente num acompanhamento de proximidade efetuado aos alunos, bem como em atendimentos realizados com os encarregados de educação. Ambos realizados, frequentemente, na presença dos professores titulares e diretores de turma. Geralmente, são intervenções realizadas não só em contexto individual, mas, também, em contexto de pequeno e grande grupo, em especial, nas atividades de animação realizadas nos tempos não letivos.

Baseado nos aspetos referidos anteriormente, o ‘Espaço Com Tacto’ tem promovido atendimentos com encarregados de educação, docentes e não docentes, com o objetivo de apoiar os alunos que revelam alguma problemática que condicione o seu bem-estar pessoal e, consecutivamente, o seu rendimento escolar. Trabalho realizado tendo sempre presente a intervenção Escola-Família, para que, em conjunto, seja possível garantir o superior interesse da criança/jovem, promovendo, tanto quanto possível, um desenvolvimento saudável e equilibrado de cada jovem/criança.

Para além do referido, o ‘Espaço Com Tacto’ tem vindo a trabalhar com diversas turmas no sentido de promover competências sociais e explorar as questões vocacionais, pensado sempre, na orientação dos alunos para um projeto de vida exequível e com sucesso (Relatório Final Espaço ComTacto 2019/2020).

Neste sentido, perante uma perspetiva global e tendo em conta o Projeto Educativo e o Plano Plurianual de Melhoria, os objetivos da intervenção do ‘Espaço Com Tacto’ são:

- Promover um clima de escola mais positivo e acolhedor;
- Facilitar os processos de transição de ciclo;
- Apostar no desenvolvimento de competências socioeconómicas e promoção do bem-estar de todos os agentes educativos;
- Melhorar a qualidade do ensino e da aprendizagem;
- Garantir a inclusão de todos os alunos;

- Estimular relações interpessoais saudáveis;
- Desenvolver competências socioeconómicas;
- Fortalecer a relação escola-família no estabelecimento, implementação e avaliação de estratégias de promoção do sucesso escolar e bem-estar dos alunos;
- Colaborar na orientação vocacional e tomada de decisões em relação às ofertas existentes.

A Equipa do ‘Espaço ComTacto’ é destinada a toda a comunidade escolar, em estreita colaboração com todos os intervenientes do processo educativo de cada criança ou jovem. Esta é uma intervenção que pode ser submetida mediante a referenciação do aluno ou turma, através do preenchimento de um formulário próprio, disponível no google forms, disponibilizado a todos os docentes. Podendo a mesma ser feita por qualquer elemento da Equipa ‘Espaço ComTacto’, por indicação da Direção do Agrupamento, por referenciação dos Diretores de Turma ou ainda, por outros elementos da comunidade educativa, desde pais, encarregados/as de educação, ou até por iniciativa do/a próprio aluno/a. Nos casos em que se trata de um pedido que pressuponha uma validação psicológica, esta devera ser solicitada ao ‘Espaço ComTacto’ preferencialmente até ao final do segundo período e articulada com a equipa EMAEI;

A priorização dos casos acompanhados será realizada, apos a análise sumária dos pedidos em equipa, tendo em conta a avaliação feita pela equipa multidisciplinar, em que se analisa a urgência, a ordem de chegada dos pedidos e a disponibilidade de horários, sendo de referir que os serviços procuram sempre responder a todas as necessidades e pedidos formulados em tempo útil e com a maior brevidade possível.

Após a validação do pedido de intervenção será definida a/o técnica/o responsável pelo processo que articula com os diferentes intervenientes. Sendo que, por questões éticas e demográficas não são avaliados e/ou acompanhados alunos que estejam a ser avaliados e/ou acompanhados por psicólogos em serviços exteriores ao Agrupamento de escolas, procurando-se, no entanto, articulação com esses serviços caso se justifique. Também não serão intervencionados alunos propostos pelos vários agentes educativos, que não tenham autorização escrita dos Encarregados de Educação ou representantes legais para esse efeito;

Para além destes serviços, e uma vez que o funcionamento do ‘Espaço Com Tacto’ é feito em regime de porta aberta, os alunos podem solicitar sempre o apoio pontual da equipa para mediação de conflitos e apoio nalguma dificuldade sentida em contexto escolar e /ou familiar.

Para garantir o sucesso da intervenção realizado pelo ‘Espaço ComTacto’, são feitas reuniões de equipa com periodicidade semanal, envolvendo todos os técnicos e estagiários que estejam a desempenhar funções no ‘Espaço ComTacto’. Já no que se refere aos Concelhos de Turma e Conselhos de Escola, as mesmas ocorrerão, sempre que se justifique e em acordo com o Diretor de Turma/ Coordenação de Escola, sendo que, nas primeiras reuniões dos anos letivos e nas reuniões de avaliação de 3º período, a equipa se fará representar, sempre que possível em todas elas.

São também realizadas articulações regulares com outras estruturas do Agrupamento de Escolas, que se concretiza numa reunião mensal com os Coordenadores de Diretores de Turma e Coordenadora de Departamento do 1º ciclo, bem como reuniões de trabalho quinzenais com a equipa do observatório da indisciplina e do mais Relações em Rede (RR+).

Por fim, a monitorização do trabalho realização pelo ‘Espaço ComTacto’, é feito mediante o levantamento de dados da intervenção e de informações relativas ao grau de satisfação dos beneficiários diretos e indiretos (alunos, pais e EE, professores e DT) e de perceção de efetividade e follow up<sup>6</sup>.

## CAPÍTULO III – O ESTÁGIO NO AGRUPAMENTO DE ESCOLAS MANUEL FERREIRA PATRÍCIO

Como referido, a Escola Básica Cruz da Picada é uma Escola situada no Bairro da Cruz da Picada na Cidade de Évora. Bairro cuja sua composição se caracteriza por uma enorme heterogeneidade étnica e cultural, o que muitas vezes, origina enormes

---

<sup>6</sup>Relatório Final Espaço ComTacto (2019/2020); Estratégia de Intervenção Equipa Espaço ComTacto (2020/2021)

conflitos não só entre os alunos, como também, entre os seus pais e/ou encarregados de educação.

Sendo um bairro social, as famílias das crianças que frequentam a Escola Básica da Cruz da Picada, apresentam, na maioria, características culturais, económicas e sociais muito fragilizadas a nível de desemprego e a nível de debilidades sociais graves, tais como o consumo e o tráfico de substâncias ilícitas, problemáticas que colocam estas crianças e jovens em situação de risco permanente.

Já no que se refere aos alunos, é de salientar as enormes dificuldades na aquisição de aprendizagens, na concentração e no interesse para as mesmas. Fatores que se agravam com a pouca assiduidade da grande maioria destes alunos. Situação que obrigou a Equipa Técnica e os Professores Titulares de Turma, a sinalizar grande parte dos alunos à PSP - Escola Segura e à CPCJ, no sentido de os tentar trazer de volta à Escola com a assiduidade devida (Relatório Final Espaço ComTacto 2019/2020).

Perante esta realidade e face aos aspetos da vida quotidiana destas famílias, surgiu a necessidade de o Agrupamento de Escolas Manuel Ferreira Patrício aderir ao programa TEIP e, mais tarde, ao TEIP2, de forma a melhorar as respostas educativas baseadas na realidade deste Agrupamento, melhorando-as em função das necessidades que o seu público-alvo necessita.

Iniciei o meu estágio curricular na Escola Básica Cruz da Picada em Março de 2021. Numa fase inicial, que considero como preparatória fui trocando algumas ideias com o meu orientador Professor Doutor José Carlos Marques, a fim de definir aquelas que poderiam ser as minhas intervenções, no sentido de conseguir responder aquilo que me tinha sido pedido pelo Agrupamento de Escolas Manuel Ferreira Patrício, nomeadamente, a criação e dinamização de grupos de trabalho, no sentido de reduzir os conflitos no contexto escolar com os alunos do primeiro ciclo, bem como, com os seus pais, no sentido de os integrar mais no processo escolar dos seus filhos.

Posteriormente, foi elaborado pela estagiária um cronograma (apêndice 1) o qual contém as etapas de todo o meu percurso, bem como, o número de horas e datas

previstas para cada etapa do mesmo. É importante referir que ao longo dos vários meses de estágio alguns aspetos foram sofrendo alterações, em função das necessidades de cada turma e de cada aluno em particular, procurando ajustar sempre da melhor forma as atividades, garantindo a aquisição de conhecimentos fundamentais para o seu percurso enquanto alunos, mas também enquanto cidadãos.

A entrada no terreno iniciou com uma reunião que contou com a presença da coordenadora do 'Espaço ComTacto' em simultâneo com a minha orientadora no local de estágio, com a finalidade de apresentar as minhas estratégias de intervenção e campos de atuação, as quais foram todas aprovadas e algumas delas reajustadas face à atual pandemia da COVID-19. Por fim, definimos o meu horário de estágio. Posteriormente reuni com o Diretor do Agrupamento de Escolas Manuel Ferreira Patrício para nos apresentarmos. Para que fosse possível tornar o meu acolhimento na presente escola um pouco mais fácil, o Diretor, apresentou-me pessoalmente à maioria dos docentes e funcionários da mesma.

Mais tarde, nesse mesmo dia, fui com a minha orientadora para a Escola onde desenvolvi o meu estágio, para que me fosse possível conhecer a Escola, os docentes, não docentes, funcionários e os alunos. A primeira semana de estágio foi dedicada essencialmente à realização de atividades de boas-vindas aos alunos após o período de confinamento, o que, para mim foi muito importante, pois, permitiu-me conhecer melhor os alunos, e eles a mim, ao mesmo tempo que me possibilitou compreender as dinâmicas dos docentes e dos alunos.

Apresentados todos os docentes, equipa técnica, auxiliares, alunos, e o espaço escolar, estipulados os dias e horários para dinamização das atividades de Mediação Sociopedagógica por turma, procedi à criação de um caderno de atividades para todos os alunos, para que os mesmos pudessem guardar todos os materiais desenvolvidos por atividade, bem como uma grelha para que os alunos pudessem ir avaliando as atividades realizadas. Materiais que permitiram que os alunos ficassem com algo material, o que de certa forma, reforça o trabalho já desenvolvido, ao mesmo tempo que me permitiu compreender melhor se as atividades estavam a ter os resultados esperados.

Apresento de seguida, a descrição das principais atividades realizadas durante o período de estágio e a sistematização das práticas mediadoras presentes em cada atividade.

#### ATIVIDADES REALIZADAS NA ESCOLA BÁSICA CRUZ DA PICADA

Terminada a primeira semana de estágio, dedicadas ao período de ambientação e de conhecimento de todos os elementos da Escola Básica Cruz da Picada e os seus alunos, a estagiária procedeu a um levantamento das várias problemáticas que compunham a presente Escola, onde foi possível compreender que a maioria das famílias dos alunos da Escola Básica Cruz da Picada são famílias multi-problemáticas e multi-intervencionadas.

Face à situação da maioria das famílias da presente Escola, os seus filhos apresentam diversas problemáticas, nomeadamente: Instabilidade emocional associada à instabilidade familiar; Dificuldades socioeconómicas; Comportamentos disruptivos; Dificuldades de aprendizagem; Falta de assiduidade; Absentismo, Abandono escolar precoce; Negligência; Violência doméstica, entre outras.

Mediante estas problemáticas a estagiária organizou as suas atividades em diversos momentos, desde atividades destinadas aos pais e/ou encarregados de educação, no sentido de os envolver mais no processo escolar dos seus filhos. Atividades centradas em sala de aula, que se debruçaram essencialmente sobre a abordagem de temas virados para a Interculturalidade. Atividades no recreio com o objetivo de reduzir os conflitos que se sentiam frequentemente nesse período. Atividades de integração destas crianças na comunidade. E, ainda, uma formação destinada ao pessoal não docente sobre a gestão de conflitos. As presentes atividades serão discriminadas nos tópicos que se seguem.

## ATIVIDADES PARA PAIS E/OU ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO

### *ATIVIDADE 1: DINAMIZAÇÃO DE UMA SESSÃO PARA PAÍS E OU/ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO: 'PAÍS PRESENTES, FILHOS EXCELENTES'*

Tal como referido anteriormente, uma das problemáticas da Escola Básica Cruz da Picada passa pelo elevado número de faltas injustificadas dos alunos, situação que nos últimos tempos têm vindo a agravar-se bastante. Face a esta situação a Psicóloga da presente escola, conjuntamente com a estagiária, organizaram um encontro para os pais e /ou encarregados de Educação.

O tema da presente sessão denominada por 'Pais presentes, Filhos excelentes', teve como objetivo principal demonstrar aos pais e /ou encarregados de educação, a importância da escola na vida dos seus filhos e as consequências que o elevado número de faltas poderiam vir a ter para os alunos e para a sua família. Assim, para que o presente tema fosse abordado corretamente e tivesse o impacto esperado nestas famílias foram convidadas algumas entidades externas, nomeadamente, a CPCJ de Évora, PSP- Escola Segura, e ainda, alguns elementos da Camara Municipal de Évora.

Desta forma, organizamos a presente sessão em vários momentos. Um primeiro momento, com a abertura da sessão com a intervenção da Coordenadora da Escola Básica Cruz da Picada, e com uma intervenção por parte do Diretor do Agrupamento de Escolas Manuel Ferreira Patrício. Um segundo momento, que contou com as intervenções da PSP- Escola Segura e da CPCJ de Évora. Um terceiro momento, dirigido pela psicóloga da escola e pela estagiária onde, primeiramente foi passado um power point com fotografias dos alunos em diversas atividades diárias na Escola, para dar a conhecer aos pais e/ou encarregados de educação aquilo que é feito no seu dia a dia na escola. Posteriormente, foi dinamizada uma dinâmica de grupo, em que, primeiro, foi pedida a colaboração dos docentes e não docentes para a realização de um vídeo, em que cada elemento deveria pensar numa característica pessoal e/ou profissional que diariamente tenta incutir nos seus alunos. Também aos delegados de turma foi pedido que referissem algumas palavras sobre a importância da Escola nas suas vidas. Vídeo, que foi apresentado aos pais e/ou encarregados de educação na presente sessão. Para além disto, também foi pedido aos pais e/ou encarregados de educação

que referissem alguns dos valores que transmitem aos seus filhos em casa, tendo sido feito um debate em torno desta pequena dinâmica de grupo.

Por fim, a Psicóloga e a estagiária, em colaboração com uma das técnicas do Projeto MUS-E, organizaram um momento lúdico, mediante a dinamização de ‘Danças em Família’ com músicas características de cada uma das culturas presentes na Escola. Tanto pais, filhos, docentes, não docentes, CPCJ como a Escola Segura dançaram em conjunto. A sessão terminou com um pequeno lanche para todos os presentes, organizado pelos alunos da turma CEF do Agrupamento.

De forma sucinta, é possível referir que a presente atividade ‘Pais presentes, filhos excelentes’ contou com as práticas da Mediação Intercultural, na medida em que foi possível trabalhar a relação escola/família, ao desconstruir os muros não só entre a escola e a família, mas também, entre a família, a PSP e a CPCJ. Práticas fundamentais na presente Escola, pois, o envolvimento das famílias na vida escolar dos alunos, acaba por trazer consequências bastantes positivas para os mesmos, na medida em que contribuiu para a melhoria do sucesso escolar dos seus filhos.

#### *ATIVIDADE 2: APRESENTAÇÃO DE TRABALHOS EM GRUPO COM A PRESENÇA DOS PAIS E/OU ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO*

Aquando do encontro “Pais Presentes, Filhos Excelentes” foi lançado o desafio aos pais e/ou encarregados de educação de se envolverem mais no percurso escolar dos seus filhos, estando presentes em diversos momentos e não apenas em momentos de palestras ou de festividades.

Desta forma, foi sugerido aos mesmos que participassem em duas atividades organizadas pela Escola. A primeira, destinada à observação de trabalhos realizados e apresentados pelos alunos das várias turmas. Estratégia utilizada pela equipa da Escola Básica da Cruz da Picada não só como forma de envolver mais os pais e/ou encarregados de educação no percurso escolar dos seus filhos, como, também, de motivar os alunos para a aquisição das aprendizagens e, assim, combater a falta de concentração dos mesmos.

Para a realização da presente atividade, os professores titulares de cada turma, procederam à escolha de um tema para o trabalho baseado em algumas sugestões que tinham sido dadas pelos alunos, tendo sido selecionado a realização de trabalhos acerca dos animais domésticos. De forma a consciencializar e responsabilizar os alunos, bem como os seus pais e/ou encarregados de educação sobre a extrema importância de cuidar destes animais e de não os deixar ao abandono. Mediante a escolha do presente tema, cada professor titular de turma organizou os trabalhos e as apresentações da forma que considerou mais adequada face às necessidades de cada turma.

Após a organização dos trabalhos organizados, foi feito um convite aos pais e/ou encarregados de educação para assistirem às apresentações dos seus filhos. De referir ainda que a estagiária e a psicóloga conseguiram a presença de uma veterinária nesse mesmo dia, como forma de complementar as ideias dos alunos.

Em suma, a presente atividade conteve na sua essência as práticas mediadoras ao promover o sucesso escolar dos alunos e reduzir os conflitos, bem como, envolver mais os pais e/ou encarregados de educação no percurso escolar dos seus filhos.

### *ATIVIDADE 3: PINTURA DE UM MURAL EM FAMÍLIA*

O segundo desafio colocado aos pais e/ou encarregados de educação na Sessão “Pais presentes, filhos excelentes” debruçou-se numa atividade lúdica, nomeadamente, a pintura de algumas rochas em forma de animais, disponíveis no espaço exterior da Escola. O objetivo seria que os pais e/ou encarregados de educação, conjuntamente com os seus filhos desenvolvessem a criatividade e imaginação e pintassem essas mesmas pedras conforme os animais que as mesmas aparentavam representar, nomeadamente um elefante, uma baleia e um cão.

Para a dinamização da presente atividade, a Escola pediu à Junta de Freguesia da Malagueira e Horta das Figueiras, tintas próprias para pintar no exterior. Após a aquisição dos materiais necessários foram convocados os pais para a realização da presente atividade.

De realçar que foi possível contar com a presença de alguns pais de cada turma para proceder à realização da atividade. A mesma revelou-se um sucesso, na medida em que mais uma vez foi possível envolver os pais e/ou encarregados de educação nas atividades escolares, ao mesmo tempo que foi possível desenvolver um momento mais descontraído entre a comunidade escolar e a família dos alunos, quebrando então as barreiras que por vezes surgem. A presente atividade contribuiu ainda para a redução dos conflitos que se registam no período dos recreios, ao aproveitar esse tempo para atividades mais dinâmicas. Foi notória a alegria dos alunos em poder contar com a presença dos seus familiares na Escola.

#### *ATIVIDADE 4: DIA DA ESCOLA ABERTA*

Findando o ano letivo a estagiária e a Psicóloga da Escola Básica da Cruz da Picada organizaram o dia da Escola Aberta, realizado durante a tarde do dia 6 de Julho de 2021. A presente atividade teve como principal objetivo manter o cuidado em envolver os pais e/ou encarregados de educação na vida escolar dos alunos, ao mesmo tempo que se criou um espaço de partilha, de descontração e convívio entre os pais e/ou encarregados de educação e toda a equipa de técnicos especializados, docentes e não docentes da presente Escola.

Para garantir o sucesso deste dia e o envolvimento de todos, várias foram as atividades dinamizadas, entre as quais se destacam, a “Dança Apavana” realizada pelos alunos de quarto ano, “Desfile de Chapéus” realizado pelos alunos de terceiro ano e o teatro, o “Grande Fiasco” realizado em parceria com o projeto MUS-E. Após a dinamização destes três momentos, seguiu-se um lanche, preparado carinhosamente pelas cozinheiras da Escola Básica Cruz da Picada para todos os presentes, criando um espaço de convívio ao mesmo tempo que se recarregavam energias para aquilo que se seguia, nomeadamente, a possibilidade de realizar diversas atividades, tais como, jogos tradicionais dinamizados pelos alunos de desporto da Universidade de Évora, atividades de animação realizados pela Animadora Sociocultural do Agrupamento de Escolas Manuel Ferreira Patrício, tais como, pinturas faceais, pinturas em papel e, ainda, um insuflável disponível para as crianças. Para terminar, os pais e/ou encarregados de educação e os alunos, tiveram ainda ao dispor uma atividade dinamizada em parceria com a PSP, nomeadamente, o “Alcokart” jogos sobre

prevenção rodoviária, e, ainda, danças em família. De referir que ao longo de toda a tarde foi possível observar várias exposições espalhadas pela parte exterior da Escola com vários trabalhos realizados ao longo de todo o ano letivo pelas três turmas da Escola, bem como as atividades de Mediação Intercultural dinamizadas em contexto de sala realizadas pela estagiária com os alunos.

De forma geral, é possível afirmar que o dia foi um sucesso, na medida em que foi possível abrir a Escola à comunidade, envolvendo os pais e/ou encarregados de educação na vida Escolar dos seus filhos, o que se torna bastante positivo, na medida em que permite a pouco e pouco, o aumento da confiança dos pais e/ou encarregados de educação dos alunos com os diversos elementos da Escola e, por sua vez, a sua participação mais assídua na vida Escolar dos alunos.

Em suma, a presente atividade teve sempre na sua base, cumprir com os princípios da Mediação Intercultural ao trabalhar, mais uma vez, a relação escola/família e ao dar mais um passo na desconstrução dos muros entre a escola e a família, pois, este é um percurso que se faz caminho.

#### ATIVIDADES DINAMIZADAS EM CONTEXTO DE SALA DE AULA

Para a dinamização das atividades em sala de aula, a estagiária inicialmente reuniu com cada professor titular de turma, no sentido de encontrar o melhor dia e a melhor hora da semana para agendar as atividades direcionadas para a Interculturalidade. Ficou estipulada a realização das atividades, uma vez na semana para cada turma, ficando a segunda-feira para a turma de 4ºano, a terça-feira para a turma de 2º ano e a quinta-feira para a turma de 3ºano. As atividades tiveram sempre a duração de aproximadamente 1h30, em que os conteúdos e o ritmo de trabalho foi sempre adaptado em função das necessidades sentidas por cada turma.

#### *ATIVIDADE I: A IMPORTÂNCIA DE ACEITAR O OUTRO TAL E QUAL COMO ELE É*

A Escola Básica Cruz da Picada apresenta na sua constituição uma enorme diversidade étnica e cultural, o que muitas vezes origina enormes conflitos entre os alunos, não só na sala de

aula, como também nos recreios. Neste sentido, como primeira atividade de Mediação Intercultural, a estagiária dinamizou uma atividade debruçada sobre temas como a diversidade e a aceitação do outro, ainda que diferente do eu.

A atividade iniciou-se com uma breve apresentação daquilo que iria ser realizado até ao final do ano letivo e a distribuição para cada aluno do ‘Cadernos de Atividades de Mediação Intercultural’ referindo que o mesmo iria estar sempre presente em cada atividade realizada. Foi pedido aos alunos que colocassem os seus nomes e se desenhassem num local próprio que cada caderno tinha, estratégia utilizada pela estagiária para captar a atenção de todos para o momento que se seguia. Posteriormente, iniciou-se a atividade propriamente dita com o visionamento de um filme sobre aquilo que é a diferença e os vários aspetos exteriores e interiores que cada um de nós têm. Após o filme, foi feito um debate em turma sobre o presente tema, em que, para completar o mesmo e para uma melhor consolidação de conhecimentos, os alunos ouviram uma música acerca da importância do respeito pelo outro, ainda que diferente de nós próprios.

Por fim, foi dinamizada uma atividade plástica, nomeadamente a construção de um puzzle denominado por ‘Todos diferentes, todos iguais’, com o objetivo de consolidar os conhecimentos aprendidos de uma forma mais lúdica.

A atividade obteve resultados muito positivos em todas as turmas, em que todos foram capazes de refletir e dar exemplos de como poderiam ajudar uma pessoa diferente, reportando para casos concretos de cada turma, como também para alguns meninos da presente escola que se encontram em turmas de ensino especial.

#### *ATIVIDADE 2: MÊS DE ABRIL – PREVENÇÃO DOS MAUS-TRATOS NA INFÂNCIA*

O mês de abril caracteriza-se por ser um mês dedicado à prevenção dos Maus-Tratos na Infância. Desta forma, a estagiária em conjunto com a Psicóloga da Escola Básica da Cruz da Picada, organizaram uma atividade com as três turmas no sentido de celebrar este mês tão importante, em especial para as crianças desta Escola, as quais, muitas vezes, estão sujeitas a situações de violência e não vêm os seus direitos serem respeitados e assegurados. Perante

esta realidade, foi dinamizada uma atividade em cada turma, em que inicialmente foi apresentado aos alunos um vídeo feito pela UNICEF sobre aquilo que são os Direitos das Crianças. Posteriormente ao vídeo, foi promovido o debate entre os alunos, onde todos conseguiram identificar os vários direitos existentes.

Ainda nesta atividade, foi lançado o debate em torno daquilo que são os maus tratos infantis, onde todos deram a sua opinião sobre o tema, e onde a psicóloga e a estagiária em conjunto explicaram devidamente o que são então os maus tratos aos alunos, mediante exemplos práticos.

Finalmente, e como forma de celebrar o presente mês, os alunos da Escola Básica Cruz da Picada procederam à pintura de madeiras individuais, pintadas a branco e desenhadas com um laço azul. Todas as madeiras foram penduradas nas grades da Escola como forma de celebrar o mês de Abril, e de mostrar aos pais e/ou encarregados de educação a atividade realizada pelos seus filhos.

### *ATIVIDADE 3: OS MEUS DIREITOS DE CRIANÇA*

Na sequência da atividade anteriormente, referente ao mês de Abril, mês dedicado à prevenção dos Maus-Tratos na Infância, a estagiária aproveitou a oportunidade não só de celebrar esse mês, como também de mostrar a todos os alunos da presente Escola, de que forma poderão aplicar os direitos referidos anteriormente no seu dia-a-dia. Atividade que se revelou de extrema importância, na medida em que as crianças, face às características das suas famílias, muitas vezes acabam por não ver os seus direitos respeitados e concretizados, tendo sido então importante alertar as crianças para estas questões.

Para tal, a estagiária iniciou a presente atividade com uma breve introdução ao que iria ser feito e, de seguida, apresentou um vídeo explicativo de como os vários direitos se aplicam no dia-a-dia. Posteriormente, os alunos abriram os seus cadernos de atividades de mediação, onde encontraram no mesmo, os seus vários direitos. Assim, a estagiária juntamente com as crianças leu os vários direitos existentes. Ao mesmo tempo em cada direito foram

apresentados exemplos práticos de como é que os mesmos se aplicam no dia-a-dia de cada um de nós.

Para terminar a atividade de forma lúdica as crianças tiveram a possibilidade de colorir os vários direitos disponíveis nos seus cadernos de atividades de mediação.

*ATIVIDADE 4: CONTO DE DIVERSAS HISTÓRIAS ‘A GALINHA DOS OVOS MISTERIOSOS’; ‘ELMER, O ELEFANTE XADREZ’; ‘ORELHAS DE BORBOLETA’; ‘SOMOS TODOS DIFERENTES’*

Sabe-se que a leitura é uma ferramenta muito importante para todos nós, na medida em que a mesma se relaciona com o desenvolvimento do nosso pensamento, da nossa reflexão e da nossa consciencialização. Mais ainda, na presente faixa etária, nomeadamente nas crianças que frequentam o primeiro ciclo do Ensino Básico, uma vez que o conto de histórias é uma ferramenta fundamental para captar a atenção, a concentração e a imaginação destas crianças.

Pois, tal como nos diz Azevedo (2006),

O texto literário com todo o seu rico caudal de possibilidades expressivas e comunicativas, constitui para ela um dos veículos privilegiados de acesso ao mundo que o rodeia. Nesse sentido é também importante que se crie um ambiente estimulante a nível linguístico, proporcionando à criança vivências e experiências desafiantes, que a coloquem numa posição favorável de se desenvolver cognitivamente, linguística e emocionalmente (Azevedo, 2006, cit in Maciel, 2015, p.31).

Baseado então neste pressuposto, a estagiária mediante o recurso a um conjunto de contos, promoveu a associação entre acontecimentos ocorridos nos mesmos, e acontecimentos do dia-a-dia de todos nós, no sentido de promover a aquisição de um conjunto de aprendizagens voltadas para a Interculturalidade, tais como: A diversidade no que concerne aos aspetos biológicos (cor, raça, género, idade e altura); Desconstrução do estereótipo de que a diferença é um aspeto negativo, e, por sua vez, desenvolver atividades que contribuam para a normalização da mesma; Promover a aceitação e o respeito pelo outro; Combater os conflitos

dentro e fora da sala de aula. Bem como, promover a aproximação e a melhoria das relações entre todos os alunos, ainda que diferentes.

Para tal, foram diversas as histórias abordadas, entre as quais se destacam: “Somos Todos Diferentes” de Emma Damon; “A galinha dos Ovos misteriosos” de Luísa Ducla Soares; “Elmer, o Elefante Xadrez” de David Mckee e Monica Stahel e ainda, “Orelhas de Borboleta” de Luísa Aguilar.

Neste sentido e para que fosse possível lançar o debate sobre a diversidade e sobre as diferenças associadas a aspetos físicos, a estagiária apresentou a história de Emma Damon, “Somos todos Diferentes”. A atividade iniciou-se com a apresentação do que iria ser feito, onde a estagiária apresentou a autora, o título e o livro que iria ser trabalhado, revelando que o mesmo apresentava um conjunto de animações.

De seguida, a estagiária iniciou a leitura do livro, sendo que, ao mesmo tempo que realizava a leitura, ia colocando diversas questões aos alunos, por exemplo: “Há pessoas com diferentes cores de pele”, “Há pessoas com diferentes cores e forma de cabelo”, ao mesmo tempo que iam surgindo essas pequenas frases no livro, a estagiária colocava questões, tais como: “Quais as diferentes cores de pele que existem”, “Quais as diferentes cores e formas de cabelo”. Estratégia utilizada pela estagiária para captar a atenção dos alunos e para os incentivar a refletir e a participar na atividade. No final da leitura a estagiária voltou a apresentar às crianças as várias personagens presentes na história para que os alunos pudessem identificar todas as características físicas das mesmas, procurando identificar no final, semelhanças e diferenças entre todas.

Com a presente história foi possível abordar o tema da diversidade, reportando para aspetos mais centrados nas características físicas, onde foi possível refletir com os alunos que todos temos características que nos diferenciam uns dos outros, desde a cor da pele, a cor do cabelo, a forma do cabelo, e a estrutura física, como o peso e a altura. Refletindo acima de tudo, que o mais importante é aceitarmos e respeitarmos essas mesmas diferenças, pois são as mesmas que nos definem e nos tornam tão especiais.

Posto isto, e para complementar a aquisição das aprendizagens Interculturais na sala de aula, a estagiária ao longo do tempo, abordou ainda um conjunto de outras histórias, como a história “Os ovos misteriosos” de Luísa Ducla Soares, que aborda de novo a diferença, porém, mais centrada na forma como podemos e devemos aceitar, respeitar e amar o outro ainda que diferente. Na medida em que a presente história remete-nos para uma galinha, que, certo dia, choca cinco ovos dos quais nascem: um pinto, um crocodilo, um papagaio, uma serpente e uma avestruz. Todos os irmãos são diferentes, mas amados pela galinha da mesma forma.

Com a presente história a estagiária pretendeu trabalhar com os alunos, não só a comunicação, o desenvolvimento da expressão oral e a reflexão, como também, abordar a aceitação e o respeito da diferença, mediante o paralelismo com a situação da galinha que teve um conjunto de ovos, que se revelaram bastante diferentes, ao mesmo tempo que se trabalhou a importância do amor e da família, uma vez que, apesar da diversidade dos ovos, a galinha aceitou todos, tal e qual como eles são.

Após a apresentação e resumo da história, a estagiária reportou a mesma para o dia-a-dia na Escola, onde explicou aos alunos que tal como a galinha, os mesmos podem aceitar, respeitar, brincar e ser muito amigos de alguém aparentemente diferente do eu. Revelando que, se se preocuparem em conhecer-se melhor, podem descobrir coisas muito interessantes que tenham em comum. Para terminar a atividade, foi dinamizada uma atividade, em que as crianças puderam desenhar os vários alimentos que a Galinha dos ovos misteriosos distribuía a cada um dos seus filhos.

Para além destas, a estagiária abordou ainda o livro, “Elmer, o Elefante Xadrez” de David McKee e Monica Stahel. O presente livro fala-nos de uma manada de elefantes, em que cada um tinha as suas próprias características pessoais, mas todos eram da mesma cor. Todos menos Elmer, Elmer não era cor-de-elefante. Ele era um elefante xadrez, todo colorido e bastante animado. No entanto, certo dia Elmer sentiu-se incomodado com as suas cores, pois, achava que ser xadrez não era cor de elefante. Por esse motivo, um certo dia Elmer tentou ser igual aos restantes elefantes. No entanto, rapidamente compreendeu que a mudança não era exatamente aquilo que ele esperava, pois, os outros elefantes gostavam muito dele

exatamente pelas suas diferenças e pela sua maneira animada de ser. Pois, são as nossas diferenças que nos tornam únicos e especiais.

Com a presente história a estagiária tentou que as crianças compreendessem que também elas são especiais pelas suas próprias características e que não devem mudar o seu comportamento, a sua forma de pensar, e de estar na vida, para tentarem ser parecidas a alguém. Todos devemos ser e agir de acordo com aquilo que somos, com os valores que nos foram transmitidos desde pequeninos nas nossas famílias.

Posteriormente a esta reflexão em turma, a estagiária disponibilizou uma atividade lúdica nos cadernos de atividades, nomeadamente um elefante, que os alunos puderam colorir como quisessem, desde canetas de feltro a matérias mais plásticas, tais como: lã, algodão, tecido, botões, entre outros.

Em suma, a história de Elmer foi muito importante para estas crianças, na medida em que foi possível adquirir uma outra versão da realidade para estes alunos. Onde os mesmos perceberam que cada pessoa têm as suas próprias características pessoais e físicas, e isso não as faz pior ou melhor que ninguém. Com a atividade lúdica foi ainda possível trabalhar com as crianças a importância do convívio entre os colegas, da partilha e do trabalho em equipa.

Por fim, como forma de terminar e consolidar os vários conhecimentos abordados anteriormente, a estagiária trabalhou ainda uma outra história com as crianças.

Desta vez não para abordar a diferença, e sim, para trabalhar com os alunos aquilo que é bullying e a forma como o mesmo deve ser abolido e evitado por todos nós, não só na Escola como fora dela.

O livro trabalhado foi “Orelhas de Borboleta” de Luísa Aguilar. Um livro que retrata a história de Mara, uma menina muito positiva e com uma grande imaginação que se depara com o facto de outras crianças dizerem que ela tinha orelhas grandes, o que a leva a questionar a mãe sobre o assunto. Esta diz-lhe que são orelhas de borboleta que “revoluteiam sobre a cabeça e pintam as coisas feias de mil cores”. Ao longo da presente história esta menina vai enfrentar um grupo de crianças que apenas lhe apontam aspetos negativos, no entanto, Mara,

consegue surpreender todos com a sua positividade e com a sua capacidade de relativizar e atribuir novos significados aos comentários menos bons feitos pelos colegas.

A presente história foi escolhida pela estagiária, pois, hoje em dia, ter orelhas grandes, ter o cabelo diferente, ser alto ou baixo, magro ou mais rechonchudo, acabam por ser características que motivam as crianças a trocar umas das outras.

Neste sentido, com a presente história a estagiária demonstrou aos alunos que sejam as crianças que troçam dos outros, ou as crianças que se sentem vitimizadas, este tipo de comportamento não é aceitável e pode ter consequências bastante graves para quem o faz, seja dentro do espaço Escolar ou em qualquer outro local. Para além destes aspetos, a estagiária demonstrou com a presente história, como é possível encarar positivamente comentários que para muitos seria motivo de gozo, através da personagem principal da história, Mara, que mostra a todos que perante qualquer situação nos podemos reinventar e mostrar que as nossas diferenças não são motivo de gozo, antes pelo contrário, as diferenças são aquilo que nos caracteriza e o que nos pode fortalecer, e, ainda, levar-nos a rir de nós próprios.

Para consolidar de melhor forma a presente atividade foi pedido a cada aluno que, individualmente, identificasse um aspeto que o torna especial, em que, também os colegas puderam identificar uma característica especial nesse mesmo colega. A presente história pretendeu então alertar os alunos para os temas da intolerância, do valor e da inclusão.

Em suma a estagiária pretendeu através das várias histórias apresentadas anteriormente consciencializar os alunos da Escola Básica Cruz da Picada sobre a importância das diferenças e semelhanças relativas às suas características, pois, na presente Escola, existe uma enorme diversidade de alunos, alguns deles com menos capacidades socioeconómicas que acabam por ser excluídos por não apresentarem roupas tão limpas e novas como a maioria. A estagiária tentou passar aos alunos a ideia de que todos temos traços físicos específicos, uns tem mais bens materiais do que outros, mas isso não torna ninguém melhor nem pior que outro, pois, são as nossas diferenças que nos caracterizam e que nos tornam especiais. E ainda que, o mais importante é a nossa felicidade, a nossa diversão e a amizade que podemos estabelecer entre todos e que pode ser muito positiva.

### *ATIVIDADE 5: 'O MONSTRINHO' DESENHO DITADO*

A presente atividade denominada por: 'O meu monstrinho' teve como principal objetivo promover a aceitação e a validação das diferenças, no sentido de desenvolver nas crianças um sentimento de maior segurança nas relações interpares, bem como promover a aceitação de si e do outro e o respeito mútuo.

Para que tal fosse possível a estagiária iniciou a presente atividade com uma breve apresentação daquilo que iríamos realizar, nomeadamente a realização de um desenho ditado, guiado pela estagiária mediante as seguintes indicações: O monstrinho têm uma cabeça grande, em forma de círculo; Têm três olhos; Usa óculos; O nariz é redondo; A boca é muito grande e está a sorrir; Tem cabelo aos caracóis; O chapéu tem a forma de um triângulo; Tem orelhas bicudas; É barrigudo; Os braços são muito compridos e as mãos são pequenas e têm garras afiadas; As pernas também são compridas, mas os pés são muito pequenos; Tem uma barriga transparente e é muito comilão; dá para ver que comeu uma bola de futebol!

Realizados todos os desenhos ditados, foi pedido aos alunos que observassem o seu desenho e o desenho dos seus colegas, e que refletissem o porquê de as indicações terem sido as mesmas para todos, mas cada desenho ser tão diferente uns dos outros. Com a presente questão foi possível desenvolver um pequeno debate em que a estagiária explicou aos alunos que cada criança têm o seu próprio ritmo, a sua própria forma de desenhar e de pensar, pelo que seria impossível que os desenhos fossem todos iguais.

Através desta pequena reflexão em grupo a estagiária conseguiu explicar aos alunos que aquilo que aconteceu com o desenho é aquilo que acontece várias vezes no nosso dia-a-dia, pois todos nós somos diferentes uns dos outros, todos temos a nossa própria forma de pensar e de compreender as coisas. Salientando que isso não é algo negativo, pois não há problema em sermos diferentes uns dos outros, uma vez que são as nossas diferenças que nos caracterizam e que nos tornam diferentes e especiais.

Em suma, o principal objetivo desta atividade passou por fazer compreender aos alunos que todos nós temos a nossa forma de pensar e todos nós captamos as coisas que nos dizem de

uma outra forma, porque efetivamente somos todos diferentes, sendo importante interiorizar esse dado como algo positivo.

#### *ATIVIDADE 6: 'COMO CONSERTAR UM CORAÇÃO MACHUCADO'*

A presente atividade pretende acima de tudo, promover a empatia entre o grupo turma, ao mesmo tempo que pretende auxiliar estes alunos a compreender que aquilo que dizemos e a forma como o dizemos, poderá magoar os outros.

Desta forma, a presente atividade iniciou-se com uma breve introdução ao tema, logo de seguido foi pedido a cada aluno que desenhassem um coração numa folha e que o recortasse. A estagiária procedeu também à realização do coração, mostrando o mesmo às crianças e explicando que há coisas que dizemos aos outros que os podem magoar, mesmo que a nossa intenção não seja a de magoar o outro, os resultados que causamos nos outros podem muito bem ser esses. Posteriormente, foi pedido ao grupo para pensar e identificar situações em que isso aconteceu, ou porque se sentiram magoados pelas palavras de alguém ou porque perceberam que magoaram outra pessoa.

Depois deste momento de partilha, a estagiária agarrou de novo no coração para reforçar a ideia de que o que dizemos pode mesmo magoar os outros. Posteriormente amarrotou o coração, fazendo uma bola de papel, tentando, depois, alisar o coração. E nesse momento explicou aos alunos que apesar de tentar esticar o papel fazendo com que o mesmo ficasse igual, o que já não foi possível, pois não volta a ser aquilo que era, tal e qual como quando alguém magoa o nosso coração, o mesmo já não volta a ser igual.

A presente atividade serviu para refletir com as crianças que tal como o coração de papel ficou com marcas depois de amarrotado, também o coração de alguém pode ficar magoado com as nossas palavras. A reflexão passou essencialmente em refletir com os alunos sobre a importância de pensar bem antes de falar, pois, aquando de magoar o outro, dificilmente ele volta a ser igual com a pessoa que o faz sentir mal, bem como com ele próprio.

Para terminar a atividade, foi pedido aos alunos que refletissem e criassem uma frase que resumisse a presente atividade, tendo sido possível destacar as seguintes: “Pensa bem antes de falar para não magoar o outro!”; Devemos pensar bem no resultado das nossas ações!”.

A mediação revelou-se presente, na medida em que pretendeu trabalhar a empatia, a redução de conflitos e a importância do respeito pelo outro.

#### *ATIVIDADE 7: 'IGUAL E DIFERENTE'*

Após as diversas atividades realizadas com o intuito de explorar com as três turmas da Escola Básica Cruz da Picada o tema da diversidade, e a importância de aceitar o outro tal e qual como ele é, mesmo que seja diferente de mim. Procedeu-se, ainda, à realização de uma atividade denominada por ‘Igual e Diferente’ com a finalidade de dar continuidade ao tema citado em cima, isto é, a exploração das semelhanças e diferenças em relação ao grupo turma. Sendo que, para tal, a estagia procedeu à realização da mesma mediante a criação de uma dinâmica de grupo, através do recurso a estratégias mais lúdica e com materiais plásticos, tais como colheres de plástico, lã, papel eva, olhos, lápis, canetas, cola e tesoura. Tudo isto para que os alunos se retratassem uns aos outros. Após a realização dos retratos todos os grupos se deslocaram ao centro da sala para mostrar os seus retratos, e para, em conjunto, identificarem semelhanças e diferenças entre si.

A presente atividade pretendeu mais uma vez, fomentar o trabalho em equipa, o espírito de partilha, a importância da aceitação das diferenças e a valorização das suas semelhanças ao aprender mais sobre si e sobre o outro.

#### *ATIVIDADE 8: A IMPORTÂNCIA DE DAR UM ELOGIO*

Tal como já foi referido, os contextos familiares dos alunos da Escola Básica Cruz da Picada apresentam um conjunto de problemáticas que, inevitavelmente, afetam as crianças e que acabam por ter repercussões no seu comportamento no contexto Escolar, seja com o pessoal docente, não docente ou até mesmo com os colegas de turma. Perante isto, uma das necessidades sentidas pela equipa técnica da Escola Básica Cruz da Picada, foi a de se

trabalhar a autoestima dos alunos, pois, no seu contexto familiar muitos deles não recebem qualquer tipo de reforço positivo, sentindo-se inferiorizados. O que, frequentemente, leva a que estas crianças entrem em conflito com os restantes colegas ao tentarem sobressair e mostrar superioridade.

Desta forma, a estagiária em conjunto com a psicóloga da escola, dinamizaram uma atividade em que todos os alunos refletiram individualmente sobre um talento ou uma qualidade que os defina. No final, também os colegas atribuíram uma qualidade uns aos outros. No final, realizaram um desenho demonstrativo dessa mesma qualidade.

A principal finalidade desta atividade pretendeu acima de tudo aumentar as práticas e atitudes positivas, melhorar a autoestima dos alunos, diminuir os comportamentos indesejáveis, tais como os conflitos e, assim, promover a melhoria das relações entre pais e filhos, educadores e alunos.

#### *ATIVIDADE 9: “SER DIFERENTE”*

Visto que a Escola Básica Cruz da Picada tem na sua estrutura o CAA (Centro de Apoio à Aprendizagem) e que os alunos da mesma estão integrados nas três turmas da Escola. A estagiária considerou pertinente desenvolver as aprendizagens interculturais baseadas na diferença, porem, num contexto diferente daquele que foi abordado até ao momento. Desta forma, a estagiária disponibilizou no Caderno de Atividades de Mediação, um espaço que continha um testemunho de uma criança portadora de uma perturbação, nomeadamente, Síndrome de Asperger.

Para iniciar a atividade a estagiária procedeu à leitura desse mesmo testemunho, citado de seguida:

O David é o meu irmão mais novo e têm 10 anos. As pessoas acham que ele é um pouco estranho, porque não gosta de brincar com os outros meninos. Prefere estar sozinho e sempre a fazer as mesmas coisas. Quando era pequenino, passava horas a baloiçar para a frente e para trás. Também começou a falar mais tarde do que os outros meninos da sua escola. Por vezes,

assusta-se se vê muitas pessoas à sua volta e não gosta de olhar nos nossos olhos, porque fica nervoso. O meu irmão não gosta nada de fazer coisas diferentes. Só o ano passado é que festejou o aniversário, porque não está habituado a fazer isso muitas vezes.

Ele também acredita em tudo o que as pessoas lhe dizem e não percebe quando é a brincar. Uma vez fomos ao centro comercial às compras. Ele não gosta nada, porque tem muitas pessoas. Era no início de novembro e já havia decorações de Natal, todos os dias, sempre que se despedia de nós ou dos colegas e dos professores da escola, desejava “Feliz Natal” como nos desenhos animados.

Apesar de ele ser um pouco chato e gostar de passar todo o tempo a falar comigo sobre comboios eu gosto de estar com ele. Ele tem uma ótima memória e ensina-me algumas coisas que não sei e eu ajudo-o a atar os atacadores, porque ele não consegue. Eu sei que ele é diferente da maioria dos outros meninos, mas ele é meu irmão e eu gosto muito dele. (Manual: Devagar se vai ao Longe, p.12. Raimundo, R, 2019).

Após a leitura do presente testemunho, a estagiária explicou concretamente aos alunos em que consiste a presente perturbação, referindo de seguida, que o aluno X e Y do CAA e que fazem parte da turma, apresentam essa mesma perturbação. Posteriormente foi apresentado aos alunos as características que essas crianças apresentam e todos os cuidados que são necessários ter, nomeadamente: Respeitar o espaço desses colegas e não se intrometer demasiado, uma vez que estes colegas preferem estar sozinhos; Evitar ajuntamentos perto desses colegas para que os mesmos não fiquem assustados e stressados; Ter muito cuidado com as brincadeiras que possam ter e com o tipo de coisas que dizem aos colegas, pois, pode tornar-se perigoso para os colegas, mas também para quem realiza essas brincadeiras; Respeitar e tentar incluir sempre os colegas no seu dia-a-dia, sempre que possível com os cuidados devidos e com a supervisão do adulto.

Para além disto, foi pedido aos alunos que referissem se conhecessem algum colega com alguma perturbação igual ou semelhante não só na Escola, mas fora dela. E posteriormente, que identificassem os aspetos em que são semelhantes ou diferentes destes alunos. Por fim, em conjunto com a Professora titular de turma, foram encontradas algumas estratégias de como poderiam integrar os colegas, bem como, sobre a importância de falar com o adulto quando presenciam uma situação de discriminação.

No que se refere às práticas de mediação a presente atividade pretendeu acima de tudo promover aprendizagens Interculturais, mediante a compreensão, aceitação e respeito da diferença.

#### *ATIVIDADE 10: BULLYING- PREVENÇÃO DOS MAUS-TRATOS DENTRO E FORA DA SALA DE AULA*

Apesar de ser notória uma redução considerável dos conflitos dentro e fora da sala de aula, continuam ainda a registar-se alguns conflitos com pequenos grupos de alunos. Face a esta situação a estagiária organizou uma atividade em que a principal finalidade seria abordar o tema do bullying e todas as questões relacionadas com o tema, no sentido de prevenir que estes tipos de comportamentos se registem não só no espaço escolar, como também, fora do mesmo.

Para tal, a estagiária procedeu à leitura de uma história: “Uma aventura no mundo das Emoções e das Relações: Bullying”. Após a leitura a estagiária reforçou algumas ideias, nomeadamente, uma explicação daquilo que é o bullying, utilizando para tal, dois exemplos práticos para que fosse mais fácil clarificar o conceito e garantir que os alunos o compreendessem. E ainda, disponibilizou um vídeo ilustrativo acerca do presente tema.

Após a aquisição de alguns conhecimentos sobre o tema, a estagiária pediu aos alunos que identificassem tipos de comportamento de bullying e, ainda, que pensassem em situações em que possam ter sido vítimas, agressores, situações em que tenham presenciado uma situação de bullying e não fizeram nada, ou uma situação que presenciaram e fizeram alguma coisa para a impedir.

A atividade teve como principal objetivo contribuir para a compreensão do tema do bullying no sentido de o prevenir e/ou combater, promovendo de igual forma a partilha de histórias, no sentido de fortalecer as competências adequadas de resistência ao bullying.

A estagiária pretendeu com a atividade sintetizar todos os conhecimentos adquiridos ao longo da sua presença na presente escola, em particular as aprendizagens adquiridas em sala de

aula. Para tal, utilizou o tema do bullying como forma de prevenção e redução de conflitos dentro e fora da sala de aula.

*ATIVIDADE 11: CRIAÇÃO DE GRUPOS DE MEDIAÇÃO ENTRE OS ALUNOS DO 2º ANO PARA COM OS DA PRÉ -PRIMÁRIA E OS DE 5º ANO PARA COM OS DO 4º ANO*

Aproximando-se o término do ano letivo e avistando a entrada num novo patamar para alguns dos alunos do Agrupamento de Escolas Manuel Ferreira Patrício, a estagiária conjuntamente com a Equipa do ‘Espaço ComTacto’ criaram grupos de mediação para que os alunos mais velhos pudessem acalmar as inquietações dos alunos que ingressam no próximo ano letivo numa nova Escola e num novo ano. Para o efeito organizou-se uma visita guiada à Escola Manuel Ferreira Patrício, em que, para cada turma do quarto ano, foram definidos como mediadores, dois alunos de quinto ano, os quais, tiveram a responsabilidade conjuntamente com uma das Técnicas do ‘Espaço ComTacto’ de fazer uma visita guiada à Escola aos alunos de quarto ano. Nesse mesmo dia, e após os alunos terem conhecido a nova Escola, dirigimo-nos ao auditório para que os alunos de quinto ano pudessem responder às questões, dúvidas e inquietações dos alunos de quarto ano.

A dinamização deste momento tornou-se uma mais-valia, pois, os alunos mais novos puderam conhecer a Escola antecipadamente ao mesmo tempo que puderam colocar questões e assim tranquilizar mais os seus medos e receios, bem como, conhecer dois dos alunos da Escola Manuel Ferreira Patrício que no início do próximo ano letivo ficaram encarregues de orientar esses mesmos alunos nos primeiros tempos. Algo que se torna de extrema importância também para os alunos mais velhos ao sentirem que podem ajudar os mais novos.

A dinâmica de mediação desenvolvida entre os alunos de segundo ano para com os alunos da pré-primária foi uma dinâmica bastante diferente face às idades de ambos os grupos. Ainda assim, foi feita também uma visita por parte dos alunos da pré à Escola Básica da Cruz da Picada. Num primeiro momento da visita foram preparadas pelo professor e pelos alunos de segundo ano algumas atividades em sala de aula, em que os alunos mais velhos poderiam auxiliar os mais novos, tal como, escrever os seus nomes no quadro e posteriormente

contornar e pintar uma ficha. Num segundo momento, foi feita uma visita guiada pelos alunos de segundo ano. Após estes dois momentos, os alunos da pré puderam brincar com os alunos de segundo ano no parque da Escola.

Tal como o primeiro grupo de mediação, também este segundo grupo se revelou um sucesso, na medida em que, aquando do início do próximo ano letivo, os alunos já se conhecem e já têm um maior à vontade, o que certamente facilitará a sua integração na nova Escola.

De referir ainda que, as técnicas do ‘Espaço ComTacto’ conjuntamente com a estagiária convidaram os pais e/ou encarregados de educação dos alunos da pré-primária e os alunos do quarto ano a conhecer as Escolas Básicas do Agrupamento e a Escola Manuel Ferreira Patrício. Para além de uma visita guiada aos pais e/ou encarregados de educação, foi, também, criado um espaço para colocar questões e ainda um espaço de partilha por parte da mãe de um dos alunos mais velhos do Agrupamento.

É possível concluir que a organização destas dinâmicas se torna uma mais-valia tanto para as crianças como para os seus pais e/ou encarregados de educação ao conhecerem aquela que poderá vir a ser a sua nova escola e os seus novos colegas, o que de certa forma acalma um pouco as inquietações tanto das crianças como dos adultos. Afigurando-se, ainda, como um momento de extrema importância também para os alunos mais velhos que se tornam mediadores dos alunos mais novos, ao sentirem que exercem um papel importante na Escola.

#### *ATIVIDADE 12: AVALIAÇÃO DAS ATIVIDADES EM CONTEXTO DE SALA DE AULA*

Dando por finalizadas as diversas atividades realizadas em contexto de sala de aula baseadas acima de tudo no desenvolvimento de aprendizagens Interculturais, a estagiária preparou uma última atividade, nomeadamente, uma dinâmica de grupo para todos os alunos, com o objetivo de fazer um apanhado de todos os temas abordados e das aprendizagens alcançadas ao longo deste período.

Neste sentido, após uma revisão sobre todas as atividades realizadas nos seus cadernos de atividades de mediação, a estagiária pediu aos alunos que refletissem e dissessem uma palavra que lhes tenha ficado na ideia e que resuma o nosso trabalho ao longo deste período. Após esta pequena reflexão e à medida que os alunos iam citando algumas palavras, a

estagiária escrevia as mesmas num balão, no final, o balão circulou por todos os alunos da turma, em que cada um, leu uma dessas mesmas palavras para a turma. Entre as palavras referidas é possível destacar: “Respeito”; “Não gozar”; “Ajudar”; “Não magoar”; “Ser carinhoso com o outro”; “Eu tenho direitos e deveres”; “Não fazer bullying”; “Todos diferentes, todos iguais”; “Amor”; “Fazer novos amigos mesmo que sejam diferentes de nós”; “Aceitar o outro e as suas diferenças”; “Não gozar com a cor do outro”; “Não bater”; “Não dizer mentiras”; “Para ser respeitado temos de respeitar”; “Aprender com os erros”; “Respeitar os alunos tal e qual como respeitamos os nossos professores”.

Finalizada esta dinâmica, os alunos também deixaram uma mensagem muito positiva à estagiária, o que me deixou com um sentimento de dever cumprido, pois, ao longo dos meses de estágio, foi possível fazer a diferença junto destas crianças, e permitir-lhe o desenvolvimento de um conjunto de aprendizagens interculturais, acreditando que as mesmas possam fazer a diferença no seu dia-a-dia, não só no contexto escolar, mediante a redução de conflitos dentro e fora da sala de aula, como, também, ao longo das suas vidas fora das paredes da Escola.

## ATIVIDADES DINAMIZADAS NO RECREIO

Como tem vindo a ser referido ao longo do presente relatório, uma das problemáticas que a Escola Básica Cruz da Picada enfrenta diariamente são os vários conflitos entre os alunos, onde se verifica, dentro de uma só turma a existência de vários grupos e a exclusão de alguns deles pela sua pertença étnica. Desta forma, a estagiária promoveu a criação de um jardim no recreio da escola e dinamizou diversos jogos tradicionais com o objetivo de fomentar o trabalho em grupo, o espírito de equipa e quebrar barreiras entre os alunos.

### *ATIVIDADE 1: ‘VAMOS FAZER FLORIR O JARDIM DA NOSSA ESCOLA’*

Com o objetivo de dar continuidade ao trabalho desenvolvido nos recreios, nomeadamente fomentar o trabalho em grupo, o espírito de equipa e o brincar em conjunto, a estagiária

dinamizou uma atividade que se baseou em arranjar os canteiros da escola, mediante a plantação de alguns suculentas.

Para que tal fosse possível foi enviado para casa de cada aluno um folheto explicativo da atividade que se iria realizar pedindo que cada aluno trouxesse uma suculenta. No entanto, face às dificuldades socioeconómicas de muitos destes alunos e das suas famílias, a estagiária conjuntamente com a Psicóloga, pediram a colaboração da Junta de Freguesia da Malagueira e Horta das Figueiras para a aquisição de suculentas, tendo a Junta mostrado total disponibilidade para contribuir para a presente atividade. Pelo que as estagiárias juntamente com a Psicóloga dirigiram-se ao Jardim Botânico de Évora para recolher as suculentas que a Junta de Freguesia forneceu, ao mesmo tempo que esperamos alguns dias para que os alunos que conseguissem trouxessem também algumas plantas.

Desta forma, após a recolha de todos os materiais necessários, foi dado início à presente atividade que contou com a presença de cada professor titular de turma, professor auxiliar de apoio educativo, a estagiária e a psicóloga da Escola. De referir que a atividade foi realizada individualmente com cada turma, pois, face à atual pandemia da COVID-19, os alunos das várias turmas não se podem cruzar nos recreios.

Antes de iniciar a atividade propriamente dita, foi explicado aos alunos que a partir daquele momento aquele seria o seu canteiro de turma e que a partir desse dia todos os alunos teriam a responsabilidade de cuidar da suculenta que plantaram em conjunto com o colega de turma, uma vez por semana, num horário a definir com a estagiária. Após esta breve introdução, demos início à atividade, onde, em primeiro lugar se preparou a terra e, posteriormente, à plantação e rega da suculenta por parte dos alunos, agrupados aos pares. No final, para que todos conseguissem identificar o seu espaço foi colocada uma foto do grupo com a identificação de quem plantou determinada suculenta.

De forma sucinta, é importante salientar que a dinamização da presente atividade teve uma importância extrema para estes alunos, uma vez que os mesmos raramente têm a possibilidade de desenvolver este tipo de atividades com a sua família e/ou encarregado de educação. A possibilidade de o realizar na Escola deixou-os bastante empenhados e importados em cuidar das suas plantas dali para a frente. De referir, ainda, que, para além

desta possibilidade, foi possível fomentar o espírito de equipa da turma, através da preparação da terra, bem como o espírito de entreajuda ao partilhar, plantar e cuidar das suculentas, ao mesmo tempo que se promoveu a responsabilização dos alunos pelo objeto em causa.

Em suma, a estagiária na presente atividade, utilizou algumas estratégias de Mediação, nomeadamente ao encontrar atividades direcionadas para um determinado propósito e assim reduzir os conflitos que se registam frequentemente nos períodos de recreio em que não existiam atividades estabelecidas, ao mesmo tempo que se reforçou o trabalho de equipa, o que na presente escola tem um peso importantíssimo, na medida em que ao dinamizar este tipo de atividades, é possível dar mais um passo na aceitação do outro, apesar de diferente e na redução da guetização e exclusão.

#### *ATIVIDADE 2: JOGOS TRADICIONAIS*

A passagem do pré-escolar para o primeiro ciclo configura-se como um período de enormes mudanças, não só ao nível da exigência curricular ao acumular algumas disciplinas, como também, ao nível das mudanças de horários bastante mais longos do que aqueles a que anteriormente estas crianças estavam habituadas, e à necessidade de adotar novas posturas em sala de aula e novas rotinas. Trata-se de um período de transição em que o tempo para as brincadeiras ficam significativamente reduzidos, algo que se pode afigurar como negativo na medida em que as brincadeiras e os jogos devem fazer parte do mundo infantil, pois as mesmas são determinantes para estimular o seu desenvolvimento tanto a nível intelectual como a nível afetivo.

Face à consciencialização desta situação, cada vez mais nas Escolas de hoje os momentos lúdicos são reconhecidos como momentos importantes na vida destas crianças, não só para o desenvolvimento do exercício da sua sociabilidade, como, também, como uma estratégia positiva para a aquisição de aprendizagens.

Tal como é possível compreender a partir da afirmação de Pereira (2013, cit in Gouveia, 2018),

O jogo torna possível a capacidade de autonomia e o sentido crítico nos alunos que os torna cidadãos responsáveis no mundo em que vivem. Sendo este um instrumento, bem como um processo de interação entre os alunos e o meio ambiente, permite que eles apreendam os valores do grupo no confronto e no respeito de ideias e vontades dos outros (p.13)

Baseada nestes princípios, a estagiária procurou concretizar diversos jogos tradicionais nos recreios com as diversas turmas, não só pelos aspetos mencionados anteriormente, como, também, pelo facto de ter sido percebido que a grande maioria destas crianças não está familiarizada com este tipo de jogos, pois a maior parte do seu tempo é dedicada às novas tecnologias. Neste sentido, um dos objetivos a que a estagiária se propôs foi incutir nas crianças um conjunto de jogos tradicionais utilizados antigamente pelos seus pais e/ou encarregados de educação.

Ou seja, o que se pretendeu foi não limitar, nem aprisionar as crianças dentro de quatro paredes, e sim, alargar os seus conhecimentos. Ainda que através dos jogos, não deixa de ser possível incutir regras nas crianças, uma vez que, também em qualquer jogo existem um conjunto de regras a cumprir, sendo também através dos jogos que as crianças podem perceber esta realidade.

Importa referir, ainda, que a mediação assume-se como fundamental na aplicação dos jogos, uma vez que as brincadeiras não se realizam ao acaso, mas baseiam-se numa intencionalidade, sendo uma ação deliberada, mediante a organização do espaço, dos objetos e dos horários pelo mediador, neste caso, pela estagiária.

Neste sentido, vários foram os jogos tradicionais realizados ao longo dos meses de estágio, tais como: Jogo das Cadeiras; Jogo do Lenço; Jogo da Malha; Bowling; Jogo do atira à lata; Jogo da Cabra-Cega; Jogo da Macaca; Corrida com limões; Corrida com uma colher na boca e um ovo suspenso na mesma; Jogo do telefone estragado; Jogos com cordas; Jogos com arcos; Jogo do burro; Andar em antas, entre outros.

Todos os jogos citados foram realizados semanalmente nas horas de almoço das três turmas, tendo cada uma delas tido um dia e uma hora definida. Os jogos iniciavam-se sempre com a explicação das regras pela estagiária.

É de salientar que esta dinâmica foi bastante importante para as crianças, na medida em que fortaleceu as relações entre o grupo turma, conseguindo que alguns alunos que não se relacionavam com outros por serem diferentes, percebessem que brincar com o outro, ainda que diferente, pode ser divertido. Para além disto, o desenvolvimento deste tipo de jogos a longo prazo, reduziu consideravelmente os conflitos que se produziam neste período, registando-se apenas algumas brigas saudáveis resultantes da competitividade de alguns jogos.

## ATIVIDADES NA COMUNIDADE

### *VISITA DE ESTUDO AOS PRINCIPAIS MONUMENTOS DA CIDADE DE ÉVORA*

Tal como tem sido abordado desde o princípio, os alunos que fazem parte da Escola Básica da Cruz da Picada provêm de famílias com enormes dificuldades socioeconómicas o que as priva de passear pela sua própria Cidade e de conhecer o que a mesma têm para oferecer.

Neste sentido, e para tentar reduzir as assimetrias destas crianças quando comparadas com a maioria das crianças da Cidade de Évora, a estagiária, em conjunto com a Psicóloga, organizaram uma visita de estudo pela cidade de Évora, dando a conhecer aos alunos a praça do Giraldo e a sua história, a Capela dos Ossos, a Sé Catedral de Évora, o templo de Diana, e a Ludoteca. Para que tal fosse possível, foi pedido à Camara Municipal de Évora a disponibilização de um Guia Turístico, o qual nos foi disponibilizado aquando do pedido.

Após a confirmação da visita, foram definidos dias e horários para a realização dos temas, tendo sido realizadas na parte da manhã, na terça-feira para a turma do segundo ano, na quarta-feira para a turma do quarto ano, e na quinta-feira para a turma de terceiro ano. Cada turma contou com a presença do professor titular de turma, do professor de apoio educativo, bem como da estagiária e da psicóloga.

De referir que a visita deixou as crianças radiantes, ao conhecerem coisas da sua cidade que até então desconheciam, colocando questões bastante pertinentes ao guia turístico. Para

terminar as visitas, foi feito um lanche no Jardim Público de Évora e no final todos os alunos comeram um gelado.

A presente atividade pretendeu conter na sua essência as práticas mediadoras, dando a possibilidade aos alunos de se integrarem na comunidade, ao mesmo tempo que desenvolveram aprendizagens pertinentes acerca da sua própria cidade. É notório que este tipo de atividades reduz consideravelmente a falta de empenho, de atenção e os conflitos entre os alunos.

#### *VISITA DE ESTUDO AO MONTE SELVAGEM*

Tal como referido anteriormente, uma das prioridades da equipa da Escola Básica da Cruz da Picada passa pelo envolvimento dos alunos na comunidade, mediante a possibilidade de os levar a conhecer sítios que a maioria dos alunos, no seu seio familiar não consegue visitar face às enormes dificuldades socioeconómicas da maioria das suas famílias.

Neste sentido, para além da visita aos principais monumentos da Cidade de Évora, foi, ainda, possível organizar uma visita de estudo ao Monte Selvagem, estruturada de modo a desenvolver algumas aprendizagens iniciadas já em contexto de sala de aula, nomeadamente, sobre o tema dos animais domésticos e animais selvagem. A acompanhar as visitas foram os professores titulares de turma e os professores de educação especial, a estagiária e a psicóloga e as auxiliares da Escola.

Mais uma vez, é possível afirmar que a saída da sala de aula para o exterior se assume como um momento de extrema importância para os alunos, na medida que lhes possibilita adquirir novos conhecimentos e desenvolver aprendizagens de forma muito diferente daquela que normalmente estão habituados na sala de aula. Estratégias bastante importantes e eficazes na presente Escola face à enorme dificuldade de concentração e de aprendizagem destes alunos.

## ATIVIDADES NO AGRUPAMENTO DE ESCOLAS MANUEL FERREIRA PATRÍCIO

### *CRIAÇÃO DE UM ESPAÇO DE MEDIAÇÃO NO AGRUPAMENTO MANUEL FERREIRA PATRÍCIO PARA DAR RESPOSTA AOS CASOS QUE VÃO SURGINDO DENTRO E FORA DA SALA DE AULA*

Dado o elevado número de alunos da Escola Manuel Ferreira Patrício, caracterizados por uma enorme diversidade étnica e cultural, os conflitos no presente ano letivo aumentaram consideravelmente, chegando ao ponto de se registarem conflitos sistematicamente nos vários dias da semana, que requereram um reforço de intervenção por parte da equipa do ‘Espaço Contacto’. O objetivo principal da criação deste espaço, passou essencialmente para ouvir as partes em conflito e tentar resolver o mesmo, evitando repercussões mais graves desse mesmo conflito. Desta forma, foi disponibilizado pela direção do Agrupamento um espaço para equipa do ‘Espaço ComTacto’ onde fosse possível criar um ambiente neutro e com a privacidade devida para que os alunos se sentissem confortáveis.

Neste sentido, foi distribuído um horário a toda a Equipa do ‘Espaço Contacto’ para estar de prevenção um dia por semana e dar resposta aos conflitos que iam surgindo. A estagiária ficou com as quartas-feiras, no horário das 9h à 13h e das 14h às 17h.

Assim, ao longo de todas as quartas-feiras, a estagiária aquando do surgimento de uma situação de conflito, adotou sempre uma postura de neutralidade e adotou a estratégia de falar em separado com as partes envolvidas no conflito, no sentido, de conseguir compreender as várias versões da situação. Posteriormente, e sempre que possível, a estagiária tentou conversar conjuntamente com as pessoas em conflito, no sentido de encontrar a melhor solução para a resolução do mesmo. Após encontrar uma solução a estagiária responsabilizou os alunos para o cumprimento daquilo que tinha sido acordado, registando numa folha o conflito e as várias soluções para o conflito. Como forma de responsabilizar ainda mais os alunos, os mesmos tinham de assinar a presente folha, como se de um contrato se tratasse.

De referir que desta forma foi possível resolver a maioria dos conflitos. Porém, em situações mais complexas foi necessário dar continuidade ao acompanhamento dos alunos em conflito. Onde a estagiária conjuntamente com a psicóloga e com a Diretora de Turma de uma determinada turma com um elevado número de conflitos dentro e fora da sala de aula,

procederam à realização de um conselho de turma para que fosse possível ouvir a versão de todos os alunos, para compreender aquilo que se estava a passar e encontrar a melhor solução para resolver essas mesmas situações. O conselho de turma ficou registado em ata.

O presente gabinete tornou-se num espaço dedicado à mediação de conflitos, ao criar uma cultura de responsabilização individual e coletiva, desenvolvendo nos alunos competências de autorregulação, comunicação, pensamento criativo, resiliência e resolução de problemas. Tudo isto, mediante a adoção de uma comunicação assertiva entre todos, promovendo a empatia e valores como a generosidade, o respeito, o reconhecimento e a valorização da diferença. Em suma, o presente gabinete contribuiu para o desenvolvimento da educação inclusiva.

*FORMAÇÃO A FUNCIONÁRIOS/AS DO AGRUPAMENTO DE ESCOLAS MANUEL FERREIRA PATRÍCIO COM O PRESENTE TEMA " ESTRATÉGIAS DE MEDIAÇÃO DE CONFLITOS PARA FUNCIONÁRIOS "*

Nos dias de hoje, os problemas da indisciplina e do conflito são parte da realidade educativa do presente Agrupamento em cada vez maior número. Questões que se tornam bastante preocupantes, dado que as Assistentes Operacionais têm dificuldade em gerir, contornar e combater. Face a esta situação, torna-se indispensável a formação destes profissionais nesta temática, pois só mediante a capacitação dos Assistentes Operacionais, ao prevenir e intervir nas questões de indisciplina, será possível diminuir o número de ocorrências disciplinares e de conflitos na presente escola.

Neste sentido, a pedido da Direção do Agrupamento a Equipa do 'Espaço ComTacto' foi organizada uma formação para todos os Assistentes Operacionais do Agrupamento de Escolas Manuel Ferreira Patrício. Esta, para cumprir as regras de higiene e segurança provenientes da pandemia da COVID-19, foi organizada em dois momentos.

Um primeiro momento, destinado aos funcionários contratados há menos tempo, no sentido de lhes dar as indicações necessárias, de os capacitar, e, assim, tornar o seu trabalho mais fácil, mas também mais produtivo, pois, sendo uma Escola TEIP, requer um conjunto de procedimentos específicos e estratégias que muitos dos profissionais contratados

recentemente desconheciam. Um segundo momento, dedicado aos funcionários há mais tempo no agrupamento, como forma de recordar determinados procedimentos e de apresentar um conjunto de novas estratégias para reduzir os conflitos.

Esta formação denominada por “Indisciplina e o Conflito no contexto Educativo: Como atuar?” pretendeu proporcionar aos formandos conhecimentos, partilha de experiência na área da prevenção e intervenção na problemática da indisciplina e do conflito em contexto educativo, desenvolvendo competências que permitam detetar, prevenir e resolver estas situações nos corredores, intervalos e na escola.

Mais concretamente, com a formação pretendeu-se proporcionar aos formandos conhecimentos sobre a problemática da indisciplina e do conflito escolar, compreender o conceito de bullying e as situações que surgem frequentemente no contexto educativo, identificar as competências para uma comunicação eficaz e, ainda, identificar estratégias de atuação para uma resolução positiva dos conflitos, mediante a mediação e gestão.

A formação foi organizada em módulos e distribuída pela Equipa do ‘Espaço ComTacto’ para uma melhor organização da mesma. A estagiária foi também incluída na formação, estando a dar formação em três dos módulos da presente formação. Para além disto, a estagiária ficou encarregue de realizar o Manual da Formação a distribuir aos formandos no final da mesma.

## CONCLUSÃO

No âmbito da realização do Mestrado em Mediação Intercultural e Intervenção Social optei pela realização de um estágio enquanto mediadora sociopedagógica no Agrupamento de Escolas Manuel Ferreira Patrício, mais concretamente na Escola Básica Cruz da Picada, localizada na Cidade de Évora.

O tema do presente estágio de mestrado, intitulado de “Mediação Intercultural como estratégia de integração numa Escola para todos”, surgiu após a realização do diagnóstico social do presente contexto, fazendo assim jus à especificidade da comunidade onde a presente escola está inserida. Uma comunidade caracterizada por uma enorme heterogeneidade étnica e cultural, ou seja, como nos diz (Vieira, R, 2014), um contexto marcado por sujeitos, identidades plurais, públicos “caleidoscopicamente mestiços”.

Para além desta enorme heterogeneidade étnica e cultural que caracteriza a presente escola e que desencadeia enormes conflitos não só entre os alunos, mas, também, entre os seus pais e/ou encarregados de educação. Surgem ainda outras problemáticas, nomeadamente a heterogeneidade a nível socioeconómico das famílias que coloca estes alunos em situação de risco social e que, por sua vez, desencadeia enormes dificuldades na aquisição das aprendizagens, na concentração dos alunos e que provoca elevados números de absentismo e de abandono escolar precoce.

Problemáticas que necessitam cada vez mais, e de forma urgente, de uma intervenção diversificada e diferente daquela a que estávamos habituados a observar há alguns anos atrás, nomeadamente, escolas que trabalhavam em função do respeito com regras e normas específicas onde se lecionavam apenas as mais diversas matérias, sem preocupação pelas características individuais de cada aluno.

Nos dias de hoje, aquilo que se pretende é a construção de uma Escola promotora da convivência, que luta pela gestão positiva dos conflitos, no sentido de construir uma cultura de paz e de cidadania. Ou seja, aquilo que se pretende, segundo Perrenoud (2001 cit in Vieira & Vieira, 2014, p.115), é, acima de tudo, a utilização da diferenciação intencional em benefício dos alunos, mediante descrições positivas, com a finalidade de atenuar as

desigualdades e criar alternativas para ajudar os alunos com menos rendimento escolar. Isto é, a utilização do ensino diferenciado para que seja possível “orientar as atividades para que o aluno use situações didáticas o mais significativas possíveis para o seu background cultural. (Perrenoud, 2001, cit in Vieira & Vieira, 2014, p.115).

Para conseguir alcançar estas transformações, surge a Mediação Intercultural como uma mais-valia na intervenção com os alunos e com as suas famílias, pois, tal como nos diz Garcia (2003, cit in, Vieira, R, Marques, J, Silva P, Vieira, A & Margarido, C, 2016),

A mediação encontra-se no estabelecimento de laços entre partes que não vivem uma situação de conflito, mas que não estão suficientemente próximas para poder estabelecer uma relação por sua vontade ou iniciativa. O mediador será assim aquele que aproxima e reúne o que está distante do sujeito, permitindo-lhe a possibilidade de uma aprendizagem que de outro modo dificilmente se poderia concretizar. (p. 75).

Neste sentido, com a realização do presente estágio de mestrado pretendeu-se que a mediação surgisse enquanto reparadora e que atuasse nas situações de conflito já instaladas, mas, também, que se assumisse como preventiva, de modo a garantir a (re) construção de laços sociais, da coesão social e da mudança social, através da capacitação e do empoderamento das crianças e dos pais/famílias provenientes de meios socialmente desfavorecidos (Almeida, 2009).

Desta forma, o objetivo central do meu estágio de mestrado, passou pela criação e dinamização de grupos de trabalho, mediante o desenvolvimento de estratégias de mediação entre pares para redução de conflitos no contexto escolar, com os alunos do primeiro ciclo, bem como para os seus pais e/ou encarregados de educação no sentido de os integrar mais no processo escolar dos seus filhos. Para que tal fosse possível foram dinamizadas diversas atividades, realizadas tanto em contexto de sala de aula, através do desenvolvimento das práticas mediadoras e das aprendizagens interculturais, bem como, atividades realizadas no recreio, nomeadamente a dinamização de diversos jogos colaborativos com a finalidade de reduzir os conflitos que se faziam sentir maioritariamente nesses períodos.

A finalidade das atividades citadas anteriormente e realizadas em contexto de sala de aula, basearam-se na aplicação das práticas mediadoras ao promover o acolhimento respeitoso dos

alunos provenientes de várias culturas, ao mesmo tempo que promoveram o desenvolvimento da escuta ativa, da empatia, o desenvolvimento dos sentimentos e emoções, a aceitação e valorização das qualidades do outro, ainda que diferente, e, ainda, a importância do respeito acima de qualquer diferença interior ou exterior dos alunos. Ou seja, o que se pretendeu foi a criação de um bom ambiente entre os alunos não só em contexto de sala de aula como no recreio, ao trabalhar com os alunos, para que estes conseguissem resolver os conflitos de forma positiva, através da mediação, apelando ao diálogo.

Para além do trabalho feito com os alunos, o trabalho realizado com os pais e/ou encarregados de educação assumiu-se de igual forma importante, na medida em que só trabalhando com os pais e/ou encarregados de educação será possível alcançar o sucesso escolar dos seus filhos. Para tal, a estratégia utilizada passou pela inclusão dos pais e/ou encarregados de educação na vida escolar dos seus filhos, envolvendo-os não só no trabalho já realizado pelos alunos, como, também, na participação com os alunos em algumas atividades escolares. Pois, os alunos ao sentirem que os seus pais e/ou encarregados de educação estão integrados no seu percurso escolar, também eles terão um maior envolvimento, o que por sua vez, contribuirá para o melhor sucesso educativo dos alunos, na medida em que os pais e/ou encarregados de educação tem um papel preponderante na visão que transmitem da escola aos seus filhos.

De referir que, todas as intervenções mencionadas anteriormente foram desde início ajustadas às necessidades do contexto educativo, onde foi possível constatar uma melhoria significativa na aceitação dos alunos uns pelos outros, não só na sala de aula, como no recreio, e, por sua vez, uma redução considerável dos conflitos nesses mesmos períodos. Registou-se, ainda, uma maior aproximação das famílias à comunidade escolar, mediante a realização das várias sessões com os mesmos.

Findando esta etapa da minha vida, posso dizer que com a realização do presente estágio, tive a possibilidade de vivenciar diversos desafios e novas descobertas, os quais, permitiram a aquisição de novos saberes, o que possibilitou um maior crescimento não só a nível profissional, mas também, a nível pessoal.

## BIBLIOGRAFIA

Abrantes, P., Teixeira, A. (2014). A intervenção socioeducativa em territórios, marginalizados: agentes de desenvolvimento local ou da ordem escolar? *Revista Lusófona de Educação*, 27, 2014.

Almeida, V. (2009). *O Mediador sociocultural em contexto escolar – contributos para a compreensão da sua função social*. Mangualde: Edições Pedagogo.

Alvares, M. (2010). *Ser e Aprender A Resposta TEIP no combate às Desigualdades Sociais na Educação*. (Dissertação de Mestrado, não publicada) Instituto Universitário de Lisboa.

Baganha, M. I., & Marques, J. C. (2001). *Imigração e Política: O caso Português*. Lisboa: Fundação Luso-Americana.

Ferraz, H., Enes, D., Nascimento, T., & Nata, G. (2018). *O impacto do programa TEIP nos resultados dos exames nacionais ao longo de 12 anos*.

Francisco, T. (2017). *Mediação intercultural em contexto aparentemente homogéneo*. (Relatório de Estágio de Mestrado) Escola Superior de Educação e Ciências Sociais/ Instituto Politécnico de Leiria.

Gouveia, A (2018) *A Aprendizagem através de Atividades de Jogo no 1º Ciclo do Ensino Básico* (Relatório de Mestrado) Escola Superior de Educação. Instituto Politécnico de Setúbal

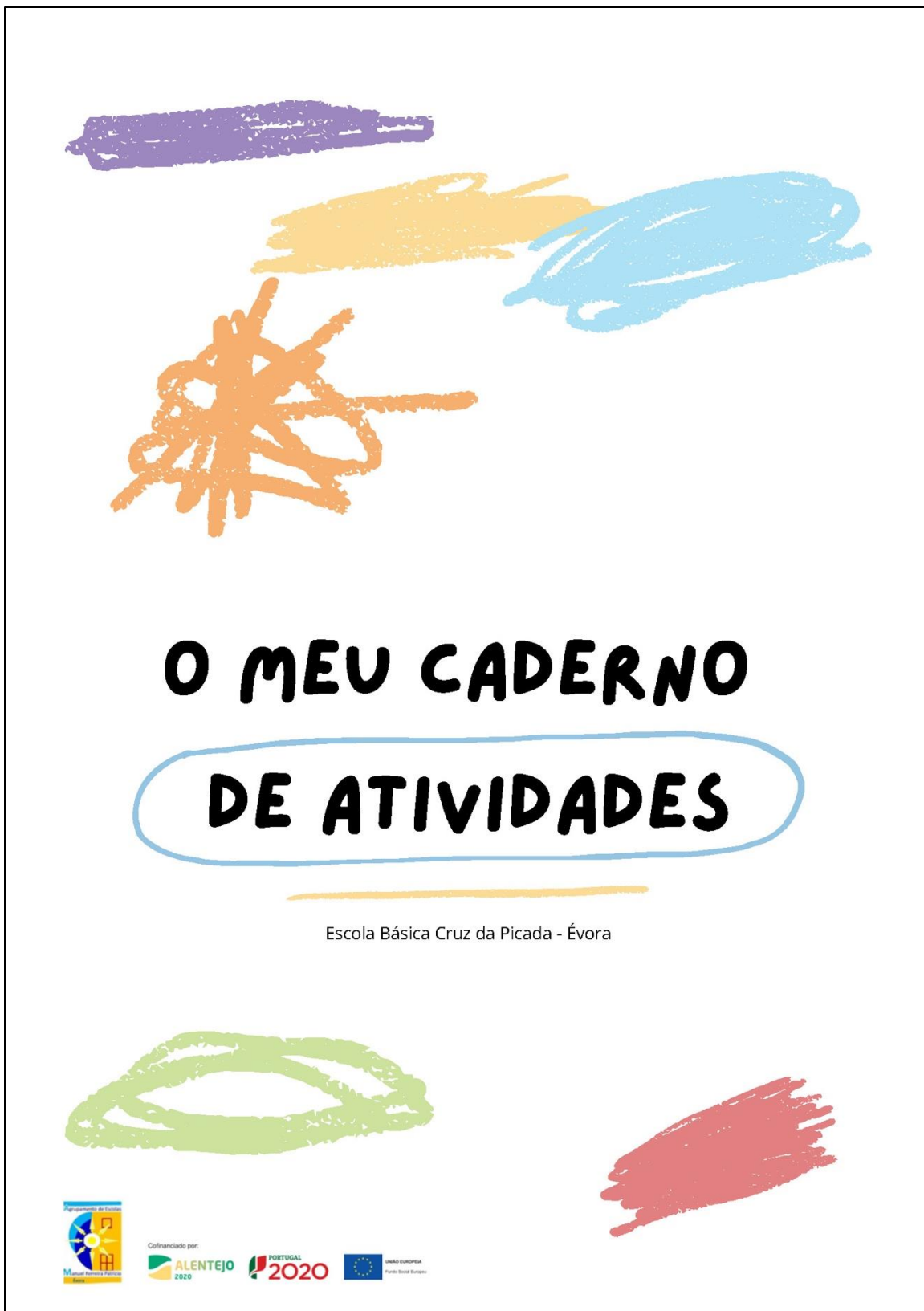
Marques, J., Vieira, A., & Vieira, R. (2020). A diversificação da sociedade e a mediação intercultural como pedagógica social: o caso português. *Revista- Laplage em revista, volume, nº6, 54-63*.

Mateus, G. (2017). *Um olhar mediador sobre a Deficiência e a Formação Profissional – O caso do centro de Formação Profissional do Centro de Educação do Cidadão Deficiente de Mira Sintra* (Relatório de Estágio de Mestrado) Escola Superior de Educação e Ciências Sociais/ Instituto Politécnico de Leiria.

- Monteiro, A., & Cunha, P (2018). *A Gestão de Conflitos na Escola*. Porto: PACTOR.
- Nogueira, B. (2011). *A Intervenção do Serviço Social nas Escolas TEIP: Mais Perto para Chegar mais Longe* (Dissertação de Mestrado em Serviço Social e Política Social) Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.
- Ribeiro, E. (2015) *Diversidade e educação inclusiva: a mediação socioeducativa em contexto escolar* (Dissertação de Mestrado) Escola Superior de Educação e CI&DETS / Instituto Politécnico de Viseu.
- Silva, P. (2003). *Escola-Família, Uma Relação Armadilhada – Interculturalidade e Relações de Poder*, Porto: Edições Afrontamento.
- Silva, P. (2007). *Escolas, Famílias e Lares, Um Caleidoscópio de Olhares*, Porto: Profedições.
- Silva, P. (2014). *Escolas, meios populares e mediação sociocultural*. In Burgos, M. (coord.) *A Escola e o Mundo do Aluno – Estudos sobre a construção social do aluno e o papel institucional da escola*. Rio de Janeiro: Editora Garamond.
- Silva, P., & Ferreira, J. (2014). O papel da escola e suas demandas sociais. *Periódico Científico Projeção e Docência* | v.5 | n.2.
- Silva, P. et al (2010). *Mediação sociopedagógica na escola: conceitos e contextos*. In Peres, A.& Vieira, R. (Orgs.). *Educação, Justiça e Solidariedade na Construção da Paz*. Chaves Leiria: APAP e CIID-IPL, 75-99.
- Simões, P. (2016). *Alunos, famílias, escola e comunidade: sujeitos e mediações. O GAAF como campo de possibilidades (s) para a mediação intercultural*. (Dissertação de Mestrado). Escola Superior de Educação e Ciências Sociais / Instituto Politécnico de Leiria.
- Souta, L. (1997). *Multiculturalidade & Educação*. Porto: Profedições.
- Souta, L. (1999). *Educação Multicultural- Do imperativo social à ausência de políticas*. *A Página da Educação*, n 77, Ano 8, Fevereiro, p 26-7,1999.

- Vieira, A. (2013). *Educação Social e Mediação Sociocultural*. Porto: Profedições.
- Vieira, A., & Vieira, R. (2014) Pedagogia Social e Mediação Sociopedagógica como processos de emancipação- Investigação e ação em escolas portuguesas. *Realis*, V.4, n. 02, Jul-Dez. 2014 – ISSN 2179-7501.
- Vieira, A., & Vieira, R. (2017). Construindo pontes e travessias: Das mediações sociais à mediação intercultural. *Revista Online*, vol. 5 – nº1-2017.
- Vieira, A., e Vieira, R. (2016). *Pedagogia Social, Mediação Intercultural e (Trans) formações*, Porto: Profedições.
- Vieira, R (2011). Educação e Mediação Sociocultural: A emergência de novos papéis sociais na escola. (Dissertação de Doutoramento) Universidade de Trás Dos Montes e Alto Douro, Vila Real.
- Vieira, R. (2010). *“Identidades Pessoais -Interações, campos de possibilidade e metamorfoses culturais*. “Lisboa: Edições Colibri.
- Vieira, R. (2011). Educação e Diversidade Cultural: Notas de antropologia da educação. *Edições Afrontamento. Porto*.
- Vieira, R. (2016). Identidades, Interculturalidade e Educação: uma análise antropológica. *Revista Interinstitucional Artes de Educar. Rio de Janeiro, V.2, N. Especial- pág.. 168-181 (jun – out 2016): “Vozes da Educação”*.
- Vieira, R., Marques, J., Silva, P., Vieira, A. & Margarido, C. (2016). *Pedagogias de Mediação Intercultural e Intervenção Social*. Porto: Edições Afrontamento, 27-55.

# ANEXOS



# ATIVIDADE #1

## PUZZLE – RESPEITO é BOM



## VIVER NUM MUNDO SEM PRECONCEITOS

**LOGO NA INFÂNCIA, COMEÇAMOS POR APRENDER A  
IMPORTÂNCIA DOS NOSSOS DIREITOS.**

**E DESCOBRIMOS QUE NENHUMA PESSOA, É MELHOR OU  
PIOR QUE OUTRA POR CAUSA DA SUA COR DE PELE OU DA  
SUA RELIGIÃO.**

**NÃO TER PRECONCEITOS É UMA DAS PRINCIPAIS FORMAS  
DE RESPEITO AOS DIREITOS DE TODAS AS PESSOAS.**

## ATIVIDADE #2

### OS MEUS DIREITOS DE CRIANÇA

1



Direito à igualdade, em distinção de raça, religião ou nacionalidade.

2



Direito à proteção especial para o desenvolvimento físico, mental e social.

3



Direito a um nome e a uma nacionalidade.

4



Direito a alimentação, a moradia e a assistência médica adequadas para a criança.

5



Direito à educação e a cuidados especiais para a criança física ou mentalmente deficiente.

6



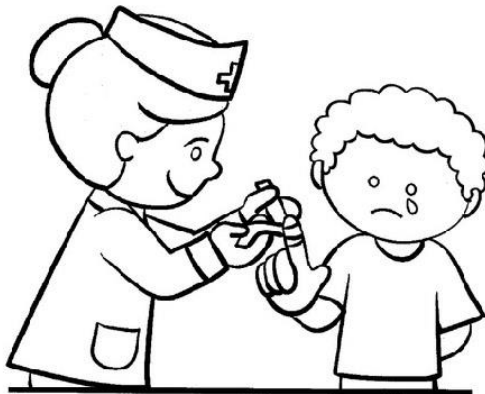
Direito ao amor e à compreensão por parte dos pais e da sociedade.

7



Direito à educação gratuita e ao lazer.

8



Direito a ser socorrida em primeiro lugar, em caso de catástrofe.

9



Direito a ser protegida contra o abandono e a exploração no trabalho.

10



Direito a crescer dentro de um espírito de solidariedade, compreensão, amizade e justiça entre todos.

## ATIVIDADE #3

# HORA DA HISTÓRIA

### OS OVOS MISTERIOSOS

LUISA DUCLA SOARES / MANUELA BACELAR



Era uma galinha que todos os dias punha um ovo.

E todos os dias vinha a dona, com uma cestinha, tirar-lho.

- Já pus 1.000 ovos. Podia ser mãe de mil filhos. Mas não tenho nenhum por causa da gente gulosa- cacarejou certa manhã a galinha- vou fugir.

Se bem o pensou, melhor o fez. Quando a dona entrou na capoeira, como de costume, esgueirou-se pela porta aberta só parou na mata.

Logo aí tratou de fazer o seu ninho com folhas secas, palhas, penugem, farrapos de lã. Nunca se vira ninho mais lindo, redondo, confortável. Sentou-se nele e pôs um ovo muito branquinho.

- Vou encher a barriga antes de começar a choca, que aqui ninguém me traz de comer - resolveu a galinha, afastando-se em busca do almoço.

Demorou-se, porque ali tudo era estranho.

Quando voltou, qual não foi o seu espanto ao ver o ninho cheio de ovos de todos os tamanhos e feitios.

- Cocorocó... Que vem a ser isto? - disse ela. - Na minha capoeira tiravam-me os ovos, aqui oferecem-mos. Mas que sorte.

E logo se aninhou.

Daí por diante, a galinha mal saía do choco. Estava preguiçosa, sentia o corpo quente, quente como uma botija.

O tempo foi passando. Quanto, não sabia, não aprendera a contar nem se guiava pelo calendário.

Até que... Crac! O primeiro ovo estalou e de lá saiu um bicharoco de bico retorcido.

Ai mas que filho!

Eu até desmaio!

Em vez de ser pinto

É um papagaio

- Exclamou a galinha.

No dia seguinte, outro ovo se abriu e de lá saiu, rastejando, uma criatura comprida e sarapintada.

Ai mas que filho,  
Como ele é diferente!  
Em vez de ser pinto  
É uma serpente.  
- Exclamou a galinha.

Nessa mesma tarde, o maior de todos os ovos partiu-se ao meio. A galinha espreitou desconfiada ao ver o que tinha à sua frente pôs-se a cacarejar:

Ai mas que filho!  
Este é de truz!  
Em vez de ser pinto  
É uma avestruz.

Faltavam ainda dois ovos. Que esconderiam lá dentro? A galinha, curiosa, picou um deles. Mas ia caindo para o lado.

Ai mas que filho!  
Deve vir do Nilo!  
Em vez de ser pinto  
É um crocodilo.

Ainda se não tinha calado quando sentiu um rebuliço no último. Ao ver uma penugem amarela, bateu as asas de contentamento e escancarou o bico:

- Ai mas que filho!  
Diz o meu instinto  
Que este finalmente  
É mesmo um pinto.

- Olhem a minha ninhada! – mostrava ela às galinhas do Mato. - É tão variada, é tão engraçada.

- Trata só do teu pinto. Não ligués aos outros bichos - aconselhava a perdiz.

Mas como podia ela abandoná-los depois de os ter chocado com tanto amor? Que outra mãe havia de tratar deles? Era feliz, mas vivia num desassossego.

O papagaio voava para as árvores e ela não sabia voar.

O crocodilo só estava bem dentro de água e ela não sabia nadar.

A serpente metia-se por todos os buracos e ela era gorda demais para poder ir buscar.

A avestruz, essa, devorava tudo, não havia comida que lhes chegasse.

Só o pinto, naturalmente, se portava como um pinto.

Mas ela de todos gostava. De todos cuidava.

Coçava a serpente quando ela tinha cócegas, porque à pobrezinha faltavam as patas. Enrouquecia de tanto tagarelar com o papagaio, que queria sempre conversa. Cansava-se a carregar petiscos para a comilona da avestruz. Esgravatava o chão em busca de sementes para o pinto. E nos intervalos lavava as dentuças ao crocodilo.

Tudo parecia correr bem até que apareceu no bosque um rapaz.

- Ah, que belo frango! - disse ele, ao ver o filho verdadeiro da galinha. - Vou assá-lo para o jantar.

- Cocorocó- refilou a galinha, o que quer dizer na sua língua "Não lhe toques, senão pico-te".

O rapaz riu. Pois, quem tem medo de uma galinha. E apanhou o frango.

Foi então que a serpente, ao ver o que se passava, se pôs a assobiar à sua frente, mostrando-lhe os dentes de veneno.

- Ai, uma serpente! - gritou ele e atirou-se ao lago para lhe escapar.

Foi a vez de o crocodilo avançar de boca aberta.

- Ai, que esta me come! - gritou novamente o rapaz, subindo para a outra margem, sempre com o frango debaixo do braço.

Aí estava o papagaio, empoleirado numa árvore:

- És ladrão, és ladrão, vou prender-te na prisão! És ladrão, és ladrão, vou prender-te na prisão!

Um polícia...- assustou-se o moço. - Deixa-me fugir.

Mas logo atrás de si começou a ouvir uns passos, primeiro distantes, depois cada vez mais próximos. A grande velocidade. Era a avestruz. Apavorado, pensando que um polícia o perseguia, o rapaz largou a ave e só parou, esbaforido, na aldeia.

Às costas da irmã avestruz, o frango voltou para casa.

Para festejar, a galinha juntou todos os filhotes e fez-lhes um bolo com vários andares.

Um tinha milho para o frango.

Outro, peixe para o crocodilo.

Outro, fruta para o papagaio.

Outro, ratos para a serpente.

E por cima, a enfeitar, sete berlindes, um martelo e vinte pregos, porque a avestruz só gostava de pitéus extravagantes.

Depois do jantar, os filhos fizeram uma roda à volta da galinha e puseram-se a cantar:

Somos todos irmãos;

Somos todos diferentes:

Há uns que têm bico,

Outros que têm dentes,

Há uns que têm escamas,

Outros que têm asas,

Na Terra e na água

Fazemos nossas casas.

Eu só tenho pescoço.

Eu voo pelo ar.

Eu nado a quatro patas

Eu cá gosto de andar.

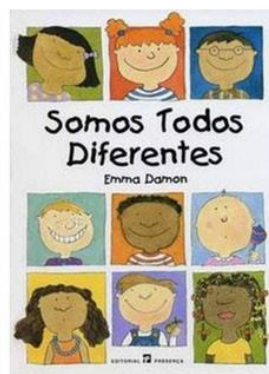
Somos todos diferentes

Mas todos queremos bem

À boa da galinha

Que é a nossa mãe.

# HORA DA HISTÓRIA



## **SOMOS TODOS DIFERENTES .** **EMMA DAMON**

---

- Algumas pessoas são altas.
- Algumas pessoas são baixas.
- Algumas pessoas são mais gordas que outras.
- Algumas pessoas têm sardas...
- Há pessoas com diferentes cores de pele.
- Algumas pessoas têm cabelo castanho ou preto ou loiro ou ruivo...
- Algumas pessoas têm o cabelo coladinho à cabeça.
- Outras têm o cabelo espetado.
- Algumas pessoas gostam de usar tranças.
- Outras gostam dele encarapinhado.
- Algumas pessoas têm o cabelo curto.
- Outras têm o cabelo comprido.
- Algumas pessoas têm o cabelo liso.
- Outras têm o cabelo encaracolado
- Algumas pessoas têm muito cabelo.
- Outras não têm cabelo.
- Algumas pessoas gostam de dançar.
- Outras gostam de pintar.
- Algumas pessoas fazem desporto.
- Outras tocam música.
- Algumas pessoas gostam de praticar muitas atividades.
- Outras preferem descansar.

**EXISTEM TANTOS TIPOS DE PESSOAS NO MUNDO COMO NUVENS NO CÉU E PEIXES NO MAR**

**MAS CADA PESSOA É ESPECIAL, ATÉ EU !!**

**O MEU NOME É:**

---

**A COR DA MINHA PELE É:**

---

**A COR DO MEU CABELO É:**

---

**OS MEUS PASSATEMPOS SÃO:**

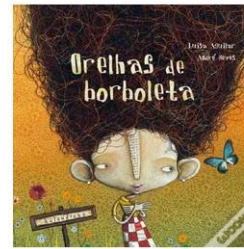
---

---

## ATIVIDADE #7

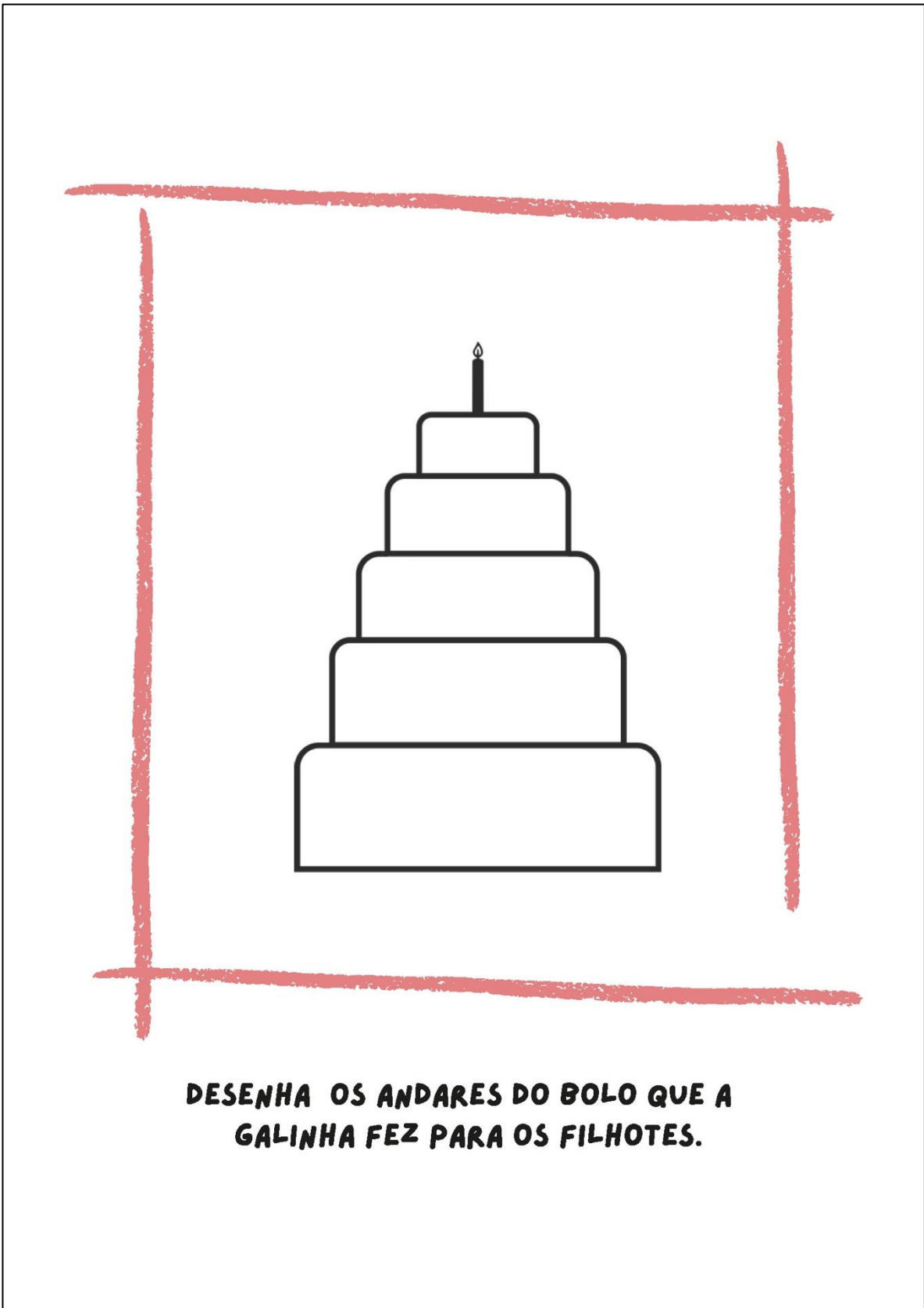
# HORA DA HISTÓRIA

**ORELHAS DE BORBOLETA .**  
**LUISA AGUILAR**



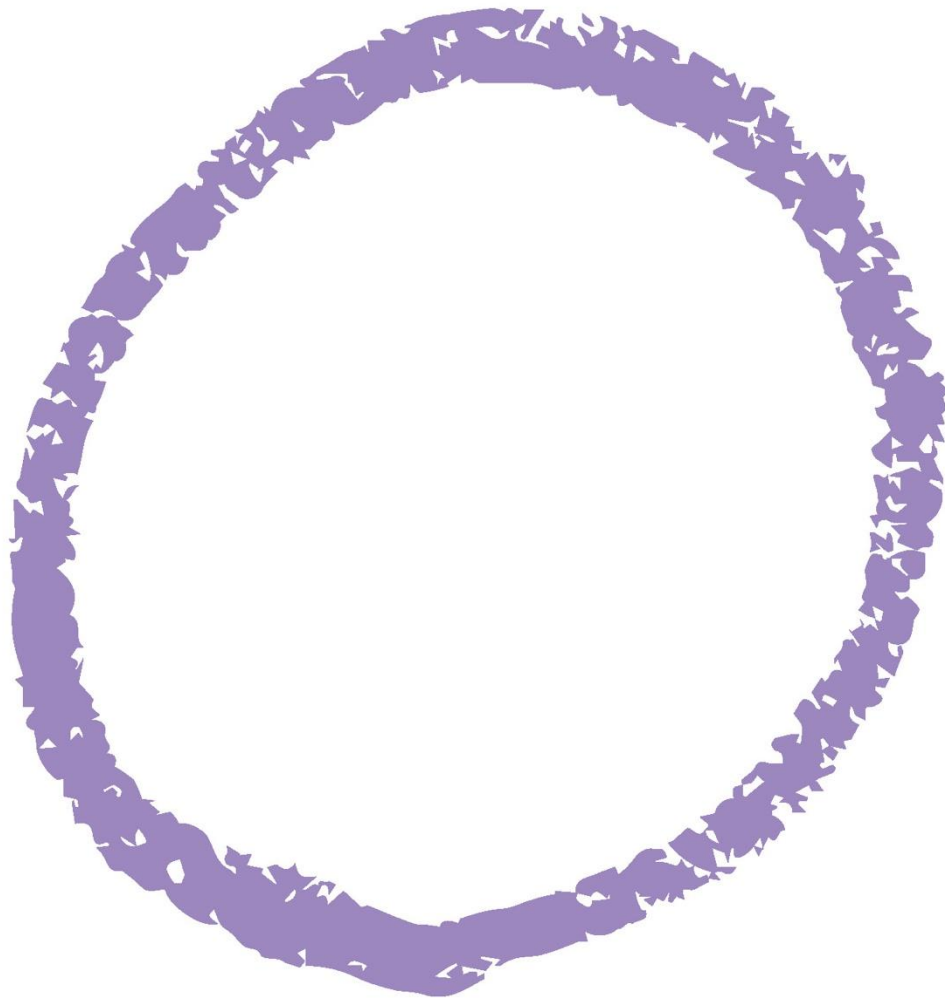
.....

A Mara é orelhuda,  
a Mara é orelhuda,  
a Mara é orelhuda,  
-Mãe, tu achas que eu sou orelhuda?  
-Não filha, tu tens é orelhas de borboleta!  
-E como é que são as orelhas de borboleta?  
-São orelhas que revolteiam sobre a cabeça e pintam as coisas feias de mil cores.  
A Mara tem cabelo de palha de aço!  
-Não não, o meu cabelo é como a relva recém cortada!  
A Mara está vestida com uma toalha de mesa.  
-Não não, tenho é um vestido aos quadrados, para jogar xadrez.  
A Mara têm uma meia rota!  
-Não não, eu tenho é um dedo curioso!  
A Mara calça sapatos velhos!  
Não não, são sapatos muito viajados.  
A Mara não tem nem mochila, nem carteira!  
-Pois não, para poder correr sempre livre como uma gazela.  
A Mara utiliza sempre livros usados!  
-Não não, já foram é acariciados por mil mãos mais.  
A Mara tem as tripas a fazer barulho!  
-Não não, tenho é uma orquestra na barriga.  
A Mara é um esqueleto!  
-Não não, de bicos de pés, posso é abraçar a lua  
A Mara é orelhuda! Ou vais dizer que são orelhas de borboleta ?  
-Não não, são só orelhas grandes, mas não me importa!

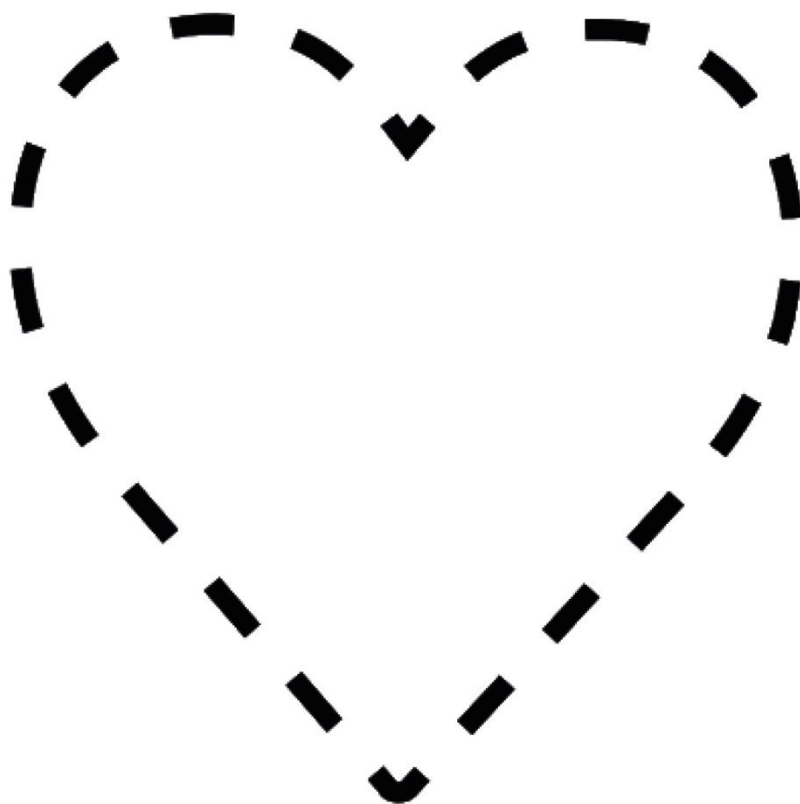


**DESENHA OS ANDARES DO BOLO QUE A  
GALINHA FEZ PARA OS FILHOTES.**

**ATIVIDADE #4**  
**O MEU MONSTRINHO**  
**DESENHO DITADO**

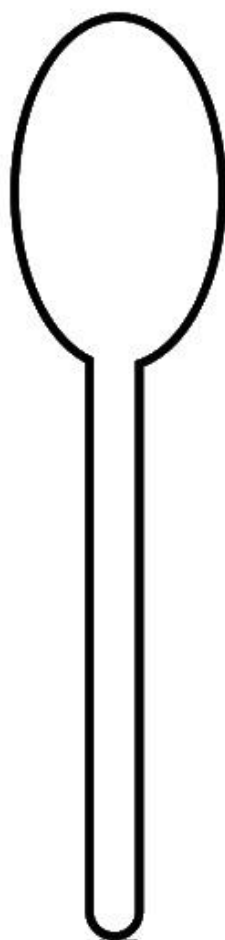


**ATIVIDADE #5**  
**COMO CONSERTAR UM CORAÇÃO?**



**PENSA BEM ANTES DE FALAR!**  
**É DIFÍCIL CONSERTAR UM CORAÇÃO MAGOADO!!!!**

**ATIVIDADE #6**  
**FAZER UM NOVO AMIGO**



## O QUE ACHASTE DESTA ATIVIDADE?

### ATIVIDADE #1



Co-financiado por

ALENTEJO  
2020

PORTUGAL  
2020



## ANEXO 3: DIA DA ESCOLA ABERTA



Vamos divertir-nos juntos

# VEM CONHECER A ESCOLA BÁSICA DA CRUZ DA PICADA !



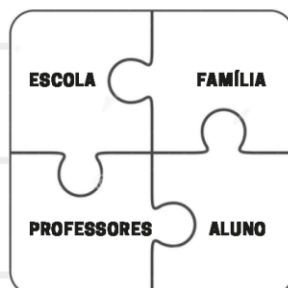
Terça- Feira | 06 de julho de 2021 | 14h às 17h

**TRAZ O TEU ENCARREGADO DE EDUCAÇÃO E  
VEM CONNOSCO CONHECER AQUELA QUE  
PODERÁ SER A TUA NOVA ESCOLA !**

Cofinanciado por



## ANEXO 5: SESSÃO PARA PAIS: “PAIS PRESENTES, FILHOS EXCELENTES”



# PAIS PRESENTES, FILHOS EXCELENTES

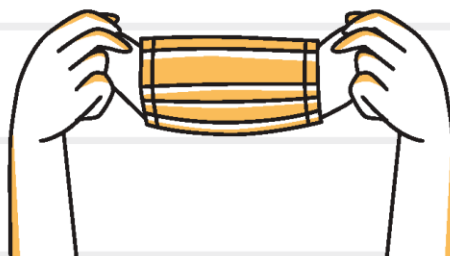
Venha connosco descobrir a escola !!

Contamos consigo ?

**SEGUNDA-FEIRA, DIA 19 DE ABRIL DE 2021, PELAS 17H00.**

CONFIRME A SUA PRESENÇA JUNTO DO  
PROFESSOR/A DE TURMA

Não se esqueça, o uso de máscara é **obrigatório!**



Cofinanciado por:  
**ALENTEJO**  
2020

PORTUGAL  
2020

UNião Europeia  
Fundo Social Europeu

**ÉVORA**  
Câmara Municipal



**CRPJ**  
COMISSÃO DE PROTEÇÃO  
DE MENORES E CRIANÇAS



Em colaboração com:

## ANEXO 6: ATIVIDADE DE PLANTAÇÃO DE SUCULENTAS

# VAMOS FAZER FLORIR A NOSSA ESCOLA ?

Esta semana vamos cuidar dos nossos canteiros. Gostaríamos de contar com o seu contributo fazendo-nos chegar uma suculenta, para o seu Educando plantar.

Obrigado por podermos contar consigo, para tornar a nossa Escola mais bonita.

**SEGUNDA-FEIRA, DIA 26 DE ABRIL DE 2021 .**



Em colaboração com:



# APÊNDICES

## APÊNDICE 1- CRONOGRAMA DE ESTÁGIO –ESCOLA BÁSICA CRUZ DA PICADA

ETAPAS	NÚMERO DE HORAS	DATAS
Planificação das Atividades de Estágio	140h + 40h	Início a 1 de Fevereiro de 2021 a 28 de Fevereiro de 2021 Início a 1 de Março de 2021 a 8 de Março de 2021
Estágio	800h	Início a 9 de Março de 2021 Fim a 31 de Julho de 2021
Finalização do Relatório de Estágio	320h	Início a 1 de Agosto de 2021 Fim a 31 de Setembro de 2021

### PREVISÃO DO NÚMERO DE HORAS DE ESTÁGIO POR MÊS

MESES	HORAS
Março	160= 40h/ semanaisX4
Abril	160= 40h/ semanaisX4
Maio	160= 40h/ semanaisX4
Junho	160= 40h/ semanaisX4
Julho	160= 40h/ semanaisX4
Total de horas de estágio na instituição	800H